

J. W. ROCHESTER
MÉDIUM WERA KRIJANOVSKAIA
ROMANCE



“A Flor do Pântano”

J. W. Rochester
médium
Wera Krijanowskaia

© Copyright – 1997 – 1ª Edição
5.000 Exemplares

Livraria Espírita Boa Nova Ltda.

Rua Aurora, 706

Capa – **Brasílio, Figueiredo e Pedro**
Editoração Eletrônica – **Ricardo Baddouh**
Tradução – **Alla Gueorguievna Dib**
Revisão – **Sergio de Moura Santos**

A FLOR
DO PÂNTANO

I.

Era uma calma noite de agosto. Em um grande terraço da vila Koleoni, em Mônaco, serviam a mesa para o chá da noite, e a dona da casa observava pessoalmente e com atenção os preparativos. Emilia Karlovna Koleoni era uma mulher chamativa, em torno dos cinqüenta; o rosto branco e limpo, com traços amáveis, preservava as marcas da sua beleza, os seus grandes olhos azuis representavam uma bondade extraordinária, e somente o cabelo branco e prateado revelava a chegada do envelhecimento.

Ela era nascida baronesa Farnrode; e o seu casamento com um modesto pintor acarretara a insatisfação geral e o rompimento quase total com a família. Embora cerca de oito anos após o falecimento do marido, tivesse feito as pazes com os parentes, graças aos esforços do seu sobrinho, o barão Reimar, o qual simpatizava muito com ela e com o seu falecido marido, mesmo assim,

com alguns membros da família, especialmente com a esposa do seu irmão, nascida condessa Zemovetskaia, as relações continuavam tensas. No entanto, este esfriamento dos parentes não preocupava nem um pouco Emilia Karlovna; o seu marido deixara uma boa fortuna, que lhe garantia o sustento, e uma bela mansão cercada de jardins, onde ela morava, ocupando o térreo e alugando o andar superior para estrangeiros.

– Será que o barão já voltou do passeio, Marieta? – perguntou ela à empregada italiana que punha à mesa o serviço de chá.

– Sim, senhora, o barão voltou há cerca de meia hora e está no seu aposento.

– Então vá e convide-o para o chá.

Ao colocar as flores no vaso, mais uma vez olhou a mesa: servida com louça fina, baixela de prata antiga e pesada, e recheada de abundantes e apetitosos biscoitos frescos, de manteiga, queijo e frios de caça.

Mal Marieta cumpriu a sua ordem, a porta da sacada se abriu e no terraço adentrou o sobrinho de Emilia Karlovna.

– Boa noite, tia. Me perdoe, parece que fiz você esperar? – perguntou ele, beijando a sua mão.

– Nem um pouco, meu querido. Eu e Marieta terminamos agora os preparativos.

O barão Reimar Farnrode era um homem alto, de compleição encorpada, mas bem proporcionado. A maneira fria e até desdenhosa de se comportar abrandava com a expressão amistosa. Seus grandes olhos azuis brilhavam com inteligência e energia; sob o bigode fino havia uma boca bem contornada e cheia de dentes deslumbrantemente brancos.

Havia dois meses o jovem barão hospedava-se na mansão Koleoni e já começava a falar sobre a sua partida, mas a tia ainda conseguia retê-lo, cercándolo de carinho e empanturrando-o com os seus pratos favoritos.

Sentados à mesa, o sobrinho e a tia tagarelavam com animação. Nesse instante uma carruagem parou ao lado do portão de ferro fundido do jardim, e logo de dentro da casa, uma criada, que usava uma coifa elegante, correu ao encontro dela, atravessando o jardim e começando a ordenar algo para o cocheiro.

– Adurova novamente prepara-se para ir a Monte Carlo. Que jogo arriscado ela joga! Olhe bem, tia, para não ficar com a lembrança agradável de que hospedou essa beldade – sorriu o barão, e comentou colocando um pedaço de caça sobre o seu prato.

– Quanto a isso estou tranqüila: ela me pagou quatro meses adiantados. De quem eu tenho dó é de Marina. Coitada da menina dá uma impressão penosa: em seus olhos há tanta tristeza e cansaço. Mas como ela é boa: boa até demais para o ambiente em que vive. Por outro lado, comparada a sua mãe, ela perde e muito, porque a outra é deslumbrantemente bela. Uma mulher perigosa.

O barão ficou vermelho.

– Ambas são perigosamente belas, a única diferença é que uma ainda não se deu conta da sua sedução, enquanto a outra abusa dela! Em geral, a mãe é uma pessoa suspeita. Você não sabe se ela tem alguns recursos ou todas estas carruagens e vestidos luxuosos são pagos pela generosidade do meu caro primo Zemovetski? Neste caso ela vai custar muito a ele. Isto me interessa por causa dos meus alguns, mesmo que duvidosos, direitos à heran-

ça — desatou a rir o barão.

— Eu não acho que sua avó permita isto já que a questão é dinheiro; a condessa Yadviga tem uma mãozinha forte, não dá para fazer muita farrá — respondeu sorrindo a tia. — No que se refere à vida privada de Adaurova, eu sei pouco; algumas colocações de Marina e também as estórias, talvez um tanto embelezadas, de uma senhora russa que mora na mansão Balmor, que assegura que as teria conhecido.

— Conte, conte para mim, tia. Eu gostaria de constatar uma suposição, que me veio à mente há pouco... — Ele parou no meio da frase, porque a porta de entrada se abriu, duas damas desceram do terraço de entrada e dirigiram-se à carruagem que as esperava.

Uma delas, com uns trinta e cinco anos, era na extensão da palavra uma bela mulher. Um vestido rendado preto e grande chapéu negro com penas acentuavam fortemente a brancura de mármore do rosto e os laivos metálicos do seu maravilhoso cabelo cinzento. As feições eram finas e regulares. Um brilho febril dos lindos olhos e o rubor suave das faces davam impressão de algo doentio. Nas suas mãos havia uma capinha bordada a ouro e um saquinho incrustado de nácar.

Ela conversava a meia voz com a sua filha, a qual caminhava ao seu lado, uma jovem esbelta de dezessete anos. O volumoso cabelo cinzento, como o da sua mãe, rodeava um rostinho encantador; e até os seus lábios finos, com seu arquear bonito mas pronunciado, pareciam rosas de cor muito clara. Toda a vida deste rosto puro como porcelana concentrava-se nos olhos contornados de cílios longos e volumosos. A expressão do rosto era pensativa, quase severa. Ela usava um vestido azul de cambraia e um grande chapéu de pa-

lha, enfeitado de rosas-chá.

– E para que ela leva consigo a filha à essa espelunca, onde a moça é obrigada a assistir como Stanislav namora-lhe a mãe? – comentou o barão com desgosto e carregando as suas sobrancelhas.

Em seguida, levantou-se e apoiado na balaustrada da sacada olhou como as mulheres entravam na carruagem.

– Tia, você queria me contar sobre Adaurova, – disse Reimar, ao sentar novamente à mesa. – Veja, uma de minhas primas, Juliana Tchervinskaia, está casada com um tal de general Adaurov, que parece ter se divorciado da sua primeira mulher. Será que esta esposa divorciada e a sua inquilina são a mesma pessoa?

– Você conhece o general?

– Não, eu não me encontrei com ele, nem vejo Juliana há pelo menos dez anos. Ela foi educada em Varsóvia, e eu não pude comparecer ao seu casamento pois naquele momento o meu pai estava à morte.

– A sua suposição possivelmente está correta. Marina somente me aludia ao passado da sua mãe, mas, em compensação, a madame Chvaneman, aquela senhora russa, sobre a qual falei com você, contava para mim várias coisas sobre Adaurova. Você sabe que os russos não costumam poupar os seus; aliás ela contou que Adaurova foi vítima de um casamento infeliz.

Ela casou-se por amor ardente, mas seu marido a traía, chegando a amigar-se com a mulher de um marinheiro que fazia um longo percurso. Esta história chegou, finalmente, até Nadejda Nikolaevna. Ao saber que o marido recebia a dona do seu coração no apartamento deles, enquanto ela estava no campo e ele na cidade, supostamente detido pelo seu serviço, ela os pegou

em flagrante... Se ela se preparara antecipadamente, convencida de que pegaria os culpados, ou a arma parou por acaso em suas mãos, não se sabe, mas ela atirou na sua rival. Somente graças aos seus contatos foi possível evitar o escândalo: a mulher foi morta e um escândalo não a ressuscitaria. Depois disso Adaurova exigiu o divórcio e ela ficou com a filha, que naquela época tinha sete anos. Dizem que a menina teria sido testemunha do assassinato, mas eu não acredito nisso.

Ao ter a sua disposição recursos particulares e bem consideráveis, ela sempre vivia na riqueza e à larga; porém não sei se ela gastou todos os seus bens, ainda que isto seja bem possível em vista de sua paixão pelo jogo. Pela opinião de madame Chvaneman, ela desatina para abafar o amor pelo marido que ainda não conseguiu esquecer. Além disso ela é dependente de morfina e usa abusivamente, segundo seu médico o Dr. Morelli.

– Uma história suja, e tem como resultado, uma vida arruinada. Se este barão é o mesmo ou não, não importa: eu não entendo como um pai se atreve a deixar sua filha nas mãos de tal mãe – observou o barão.

Neste instante Marietta entregou a correspondência da noite, Reimar começou a ler o jornal e a tia desceu para o jardim para controlar a rega das flores e do gramado.

Emilia Karlovna terminava o seu passeio pelo jardim, quando o barulho da carruagem, que parou em frente ao portão, atraiu a sua atenção.

Era Adaurova filha que voltava e, ao ver a proprietária, aproximou-se para cumprimentá-la.

– Você já voltou, Marina Pavlovna? – sorrindo, saudou.

Marina parecia estar indecisa.

– Eu somente acompanhei a minha mãe até o cassino. Eu não posso ficar lá: a sala é tão barulhenta e abafada que a minha cabeça fica rodando e fico com falta de ar. Além disso, odeio o jogo, o tinido das moedas e os gritos altos me deixam nervosa. Por isso eu sempre apenas atrapalho mamãe.

– Você vai ficar em cima sozinha até a chegada da sua mãe?

– Sim, claro. Em casa é tão bom: é calmo e o ar é tão maravilhoso; eu gosto do silêncio e da tranqüilidade. Eu me sinto tão cansada...

– Não, isto é impossível. A senhorita vai tomar chá conosco na varanda e, quanto ao seu chapéu e às luvas, eu mando levá-los para cima.

– Agradeço, a senhora é muito boa. É verdade, é um pouco monótona a nossa casa, quando não há ninguém lá. Mas a senhora não está só, com a senhora está o seu sobrinho... – indecisa, ela murmurou.

– E daí? Isto não é nenhum problema. Ou você tem medo dele? São preocupações absolutamente inúteis, ele não é nem um pouco bravo. – Emilia Karlovna pôs-se a rir e, ao dar o braço à moça, levou-a até o terraço.

– Trouxe a minha favorita e peço a você, Reimar, distraí-la, enquanto eu estiver ocupada com o jardineiro – ela disse a seu sobrinho, subindo a escada. – Preciso avisá-lo de que ela tem medo de você.

O barão levantou-se rapidamente e foi ao seu encontro.

– O que estou ouvindo, Marina Pavlovna? Você tem medo de mim? Por quê? Jamais me considere tão horrível assim para assustar as moças – disse o barão, sorrindo alegremente, e segurando na sua a mãozinha estendida para ele.

Ele virou o botão e uma forte luz elétrica iluminou Marina, que ficou parada ao lado da poltrona, franzina e delicada como uma visão. Seus grandes

olhos aveludados olhavam para ele com timidez e tristeza; até nesse momento seu rosto permanecia pálido.

O barão olhava para ela com admiração e por sua cabeça passou uma idéia:

– "A minha tia está certa, ela é linda!"

– Então, diga a verdade, por que a senhorita tem medo de mim?

Marina sacudiu a sua linda cabecinha.

– Não é exatamente assim, embora o senhor tenha um olhar muito severo. Eu sei que o senhor nos reprova, especialmente a minha mãe; eu li isso nos seus olhos e além disso tem mais alguma coisa parecida com desprezo – ela deu um suspiro profundo.

O rubor inundou o rosto do barão. Ele pegou a mão gelada de Marina e apertou-a fortemente.

– Você está exagerando e sendo injusta – ele começou dizer de maneira confusa. – Será que eu posso desprezar um espírito tão inocente como o seu? Porém quero ser franco: eu reprovos a sua mãe por levar a filha a esse antro de jogo, casa do diabo; mas só isso, juro a você. E finalmente, quem me deu o direito de julgá-las?

– Contudo, quem pode impedir o senhor de expor a sua opinião? Na semana passada eu involuntariamente ouvi quando cruelmente reprovava a minha mãe. Eu só posso dizer que o senhor não é justo e não sabe que ela é profundamente infeliz e sofre; ela faz tudo isso para esquecer...

O barão ficou mais vermelho ainda, ao lembrar a forma implacável com que se referira à mãe da moça com a tia.

Agora ele sentia vergonha, mas como poderia dizer a Marina que a sua

mãe tinha outras obrigações e não deveria ficar somente procurando o esquecimento em loucuras, mesmo que fosse para abafar a dor. Porém ele saiu da situação.

– Uma mãe deve com todas as suas forças espirituais, todo o amor de que é capaz o seu coração dedicar-se aos cuidados da filha, pois a sua parece não ter tempo para a senhorita.

Mesmo sem querer, fez-se ouvir a reprovação na sua voz, e Marina, que neste instante tirava as luvas, indecisamente olhou para ele.

– Agora novamente o senhor tem essa aparência severa que me dá medo; contudo o senhor está muito errado. Minha mãe me ama, ela não me deixou ficar sem ela, enquanto o meu pai não me ama e durante dez anos não nos procurou sequer uma vez para me ver.

Uma nuvem de tristeza cobriu o rostinho terno de Marina.

– A senhorita foi educada no seu lar, com a sua mãe?

– Fui educada? Sim, em todos os lugares um pouco, entretanto, até os meus onze anos estava com a minha mãe. Eu tinha uma saúde frágil e não podia estudar muito, a minha governanta Suzana ocupava-se mais com o serviço de casa e com as visitas do que comigo. Muitas vezes me esqueciam e eu dormia vestida em algum lugar numa das poltronas. Eu tinha toda a liberdade de petiscar quando quisesse, participava dos almoços e jantares quando havia visitas, mas eu, claro, estava entediada. Todos jogavam cartas, Suzana cochichava com algum oficial que flertava com ela, e às vezes, escondia-me em algum canto e dormia...

Mais tarde a minha mãe me pôs num colégio interno em Genebra, onde eu passei quatro anos. Foi uma época feliz da minha vida, lá eu, pelo menos,

descansei: a tempo me levantava e a tempo me deitava, e o que foi mais importante, eu estudava. Eu gostava de estudar, e todos os professores me tratavam muito bem. Na primavera passada a minha mãe declarou. concluída a minha educação e foi me buscar no colégio. O verão nós passamos em Vichi, depois fomos para Biarritz, logo voltamos para Paris, onde a minha mãe mora permanentemente. O inverno novamente foi muito agitado e cansativo: somente bailes, teatros, visitas e as reuniões intermináveis com as costureiras. Era um aborrecimento e não havia nem um minuto de sossego. E como fiquei contente, quando em fevereiro durante toda a quaresma fui visitar minha tia, a madre superiora de um mosteiro. Ah! Se o senhor soubesse que tempo maravilhoso passei lá.

Marina animou-se, em seus olhos radiantes acendeu-se o humor exultante.

– Lá eu aprendi a rezar novamente, o que tinha esquecido completamente. Desde que fui separada do meu pai e minha velha babá, ninguém falava comigo nem sobre Deus, nem sobre prece.

– Como? E no colégio interno?

– Lá as alunas eram protestantes ou católicas, e eu, como ortodoxa, não participava das aulas de catecismo; quanto às orações comuns, elas não me tocavam. Mas no mosteiro era outra coisa.

Primeiramente, aqui, eu me encontrei com peregrinos, que afluíam de todos os cantos, e freqüentemente de regiões distantes, para a adoração dos lugares sagrados. A fé profunda e firme destes pobres tocava o meu coração. Depois, uma vida tranqüila e um trabalho constante e silencioso no convento tinham um efeito extraordinariamente tranqüilizante sobre mim. Parecia que

toda a futilidade secular, todas as paixões e desgraças humanas ficaram lá, longe do muro sagrado e não se atreviam a ultrapassar o portão. Especialmente bom era estar na igreja durante a missa vespertina: o templo espaçoso mergulhava numa penumbra misteriosa, as luzes das lamparinas na frente das imagens brilhavam como estrelas através das nuvens de fumaça do incensório, o maravilhoso canto do mosteiro embalava e levava meu espírito da terra e de todas as suas tristezas lá para cima.

Porém a minha felicidade foi curta: depois de algumas semanas chegou a minha mãe e me trouxe do mosteiro para cá... — Marina suspirou profundamente.

O barão olhava para ela fascinado.

— Você tem saudade do mosteiro? — perguntou ele a meia voz.

— Sim, muita. O senhor me entendeu? Imagine só, quando eu descrevi tudo isso para minha mãe, ela se pôs a rir estranhamente e disse:

"Que bobagem! As nossas preces humanas não chegam até Deus e os santos, e por isso é desnecessário incomodá-los. O nosso destino é diferente. Eu e você somos "as flores do pântano" e crescemos num solo movediço e venenoso. Ele nos alimenta, mas um dia, sem falta, seremos tragadas por ele."

É evidente que estas palavras da minha mãe foram inspiradas pela sua mágoa, mesmo assim elas me aborreceram muito...

Ficou clara a emoção de Marina. O barão ficou silencioso; foi tomado por um profundo sentimento de compaixão pela jovem, cuja confissão abriu perante ele um mundo inteiro de pobreza espiritual.

A voz de Emilia Karlovna tirou Reimar do estado pensativo em que estava e dissipou os pensamentos tristes de Marina.

– Como, você ainda está de chapéu?

– Nós aqui passamos muito tempo em conversas e eu esqueci dele – respondeu Marina, ao receber com um sorriso de gratidão o buquê que lhe trouxe a proprietária. A conversa tomou outro rumo, era já cerca da meia-noite quando a moça se despediu de todos e subiu ao seu quarto.

Apoiado sobre a mesa, o barão estava tão pensativo que a sua tia, ao observá-lo, tocou-o pela manga e perguntou acerca de que estava fantasiando.

– Marina Adaurova. Você está certa, a pobre moça merece piedade, pois a mãe não tem escrúpulo nenhum. Marina é por natureza de coração aberto e parece bem dotada, mas esta louca estraga-a sistematicamente. O que a moça vê e ouve? É horrível se ela entende que tipo de vida a sua mãe leva.

– Eu não acho que ela se dê conta inteiramente do que está acontecendo ao seu redor. Marina considera a mãe uma pessoa infeliz; pode ser que ela seja realmente infeliz e sua vida desordenada tem circunstâncias e motivos atenuantes – dando um suspiro, respondeu a tia.

O barão se levantara e andava pelo terraço, porém, ante as últimas palavras da sua tia, ele de repente parou.

– Isto não é desculpa para ela, tia – interrompeu-a.

Qualquer que seja a ocupação da mulher, por mais que ela não tenha caminho certo, um sentimento deveria ser para ela limpo e sagrado: o amor de mãe. Pois esta... de nada quer saber, salvo o seu ciúme, e ainda sacrifica em nome dele a própria filha, que levou consigo não para devotar-se inteiramente à sua educação, mas, provavelmente, para contrariar o marido, que amava a filha; caso contrário ela não a tiraria dele. E o que ela faz com Marina? Ela não dá nenhuma atenção a ela, ridiculariza suas boas intenções e leva-

a consigo para todos os lugares, fazendo dela testemunha de todas as suas loucuras, aventuras amorosas e dissipações, com os quais esta fulana abafa, veja, o seu desgosto e ciúme... Não me fale sobre esta besta-fera e nem tente justificá-la.

O barão parecia estar furioso e apressadamente despediu-se da tia.

II.

As dependências ocupadas por Adaurova e sua filha contavam com cinco quartos luxuosamente mobiliados, duas sacadas e dois dormitórios para criados.

Marina tinha o seu próprio quarto com uma varanda que dava acesso ao jardim. Ela gostava muito do seu cantinho aconchegante, revestido de cretone cor-de-rosa e impregnado do aroma fresco que chegava do jardim florescente.

Ao voltar para o seu dormitório, Marina vestiu um roupão leve, de cambraia, deixou que trançassem seu maravilhoso cabelo e começou a ler.

O barulho da carruagem que parou em frente ao portão do jardim interrompeu a sua leitura. Adivinhando a volta da mãe, levantou-se, ordenou que servissem o jantar e foi ao seu encontro, foi quando o aspecto da sua mãe assustou-a.

Nadejda Nicolaevna caiu na poltrona e jogou a cabeça para trás apoiando-a no encosto. A cor radiante do seu rosto convertera-se numa palidez profunda; em torno dos olhos havia olheiras escuras e o olhar estava apagado, as faces ficaram cavadas e até o sorriso murchara; todo o seu corpo mostrava claramente completo esgotamento. Ao cabo de algumas horas uma leoa brilhante e elegante transformara-se numa velha.

Marina sabia que sua mãe recorria à morfina e sem a droga ficava enfraquecida, mas jamais a vira naquele estado.

– Você está passando mal, mamãe? – exclamou Marina assustada.

– Não, não se assuste, ela está somente com uma grande fraqueza – respondeu prontamente a empregada, preparando a mesa com tudo que fosse necessário. – Farei uma aplicação e tudo vai passar, enquanto isso a senhorita prepare uma xícara de chá.

Quando Marina voltou com a xícara na mão, a manga dobrada do vestido mostrava que a injeção já havia sido aplicada e a sua mãe começou a reanimar-se paulatinamente e voltou a si; recebeu a xícara oferecida e avidamente bebeu o líquido até o final.

– Obrigada, minha filha, e não se preocupe. Isto não é nada, somente uma fraqueza repugnante, e até isto já está passando: hoje eu me irritei demais. Acredite, toda a noite não tive sorte alguma, mas em compensação amanhã, certamente, eu me desforrarei.

– Vamos, coma alguma coisa, isto vai reconfortar você.

– Não, não quero jantar. Quero dormir para recuperar as minhas forças para amanhã. Vá você, Marina, vá dormir.

Adaurova beijou a filha e recolheu-se. Enquanto a empregada ajudava-a

a tirar a roupa, Adaurova perguntou se chegara correspondência.

– Claro. Perdoe-me, minha senhora, eu esqueci – respondeu, pegando do criado-mudo uma grossa carta e entregando-a sobre uma bandeja de prata.

Adaurova apressadamente abriu o envelope. Mas à medida que percorria a carta com os olhos, o seu rosto ia ficando pálido, até que, finalmente, a carta caiu das suas trêmulas mãos. Realmente havia motivo para se assustar. Mandara uma mensagem exigindo que lhe enviassem dinheiro imediatamente, mas o administrador de seus bens respondia dizendo que não poderia mandar nada para ela.

– O que aconteceu com a senhora? – indagou assustada a criada.

– Nada de importante, Lanceta: simplesmente recebi uma notícia má. Vá para seu quarto, eu preciso responder esta carta.

Ao ficar só, Nadejda Nicolaevna percorreu o quarto várias vezes muito agitada; depois tomou assento e, apoiando-se com o cotovelo na mesa, ficou pensativa. O seu rosto pálido cobriu-se de manchas vermelhas revelando claramente que sofria uma luta interna: os lábios tremiam nervosamente e os olhos brilhavam febris.

– Sim! Não é possível continuar assim, tenho que acabar com isso... Como eu estou farta da vida! Ela nada me ofereceu – murmurou raivosamente.

– O pântano me tragou: sinto que se aproxima e me sufoca... Cada batida penosa do meu coração doente, cada injeção de morfina que me dá só a ilusão de ânimo, mas em compensação me mata lentamente, tudo isso me aproxima do remate fatal. Era só o que faltava! Não quero viver lutando contra a miséria, renunciar aos meus costumes, ao conforto que me cerca e suportar os o-

lhares zombeteiros e a falsa compaixão dos invejosos... De modo algum! Não, não e não!

Ela saltou da poltrona.

– Eu quero, eu almejo a paz. Nada mais me prende aqui.

Aproximou-se rapidamente da escrivaninha e escreveu algumas linhas.

– Isto é tudo que posso fazer por Marina, para que ela não fique completamente sozinha, sem nenhum apoio... Na casa do seu pai ela terá uma posição mais ou menos sólida. Para dizer a verdade, o que ela pode perder comigo? Que posso eu dar a ela? Uma vida cigana e nada mais...

Ela dobrou o papel e tocou a campainha, chamando a criada.

– É preciso mandar este telegrama urgentemente, aqui há dez francos. Depois pode se deitar; eu ainda vou ficar escrevendo e não vou precisar da sua ajuda para trocar a roupa. – Seguiu com os olhos distraídos a criada que foi embora e por alguns momentos olhou a porta que já se fechara, depois casualmente voltou o olhar para o canto da frente, mas ele estava vazio.

Fora Marina quem pendurara a imagem no seu quarto e acendera a lamparina à sua frente. Nadejda Nicolaevna sentiu desgosto por causa da sua fraqueza e, zangada, virou as costas. Pois ela não acreditava nem em Deus, nem no diabo e não admitia a idéia de que a prece pudesse ser ouvida ou atendida...

Mesmo nesse instante, quando preparava-se para entrar em um grande caminho desconhecido, o seu espírito endurecido estava mudo, nenhum impulso foi encontrado no seu coração. Ao contrário, estava convicta, o Céu fora o culpado da destruição da sua vida e dos sofrimentos passados.

Estremeceu e um tremor frio percorreu o seu corpo. Será que a consciên-

cia se agitara nesta hora fatal e murmurara uma triste verdade? No entanto, ela rapidamente passou a mão no rosto como se desejasse deixar de lado a sua fraqueza.

Decidiu-se por deixar a porta aberta, evitando o barulho e não querendo que a polícia forçasse a entrada do seu dormitório; a sua morte deveria parecer acidental.

Decidida, aproximou-se da estante e pegou o vidro com morfina; preparando uma injeção com dose mortal da droga, tudo organizou, e paulatinamente tirou a roupa e deitou-se na cama.

Um peso de chumbo começou a tomar conta do seu corpo.

– Adeus, minha pobre Marina... Aliás, para você e para Stanislav será uma sorte que eu os deixe. Ele, com certeza, logo me esquecerá – pensava ela, ao fechar os olhos e entregar-se a uma doce sonolência que a envolveu...

Marina voltou para o seu quarto num estado ansioso: sua mãe parecia diferente, e uma tristeza angustiante apertou-lhe coração. Depois de rezar ardentemente, deitou-se na cama e de repente desatou em pranto; entretanto as lágrimas amargas, causadas pela melancolia, trouxeram-lhe um alívio e dormiu um sono profundo, mas pesado.

Acordou tarde e já terminava de vestir-se, quando a sua criada Fancheta entrou voando no seu quarto com o rosto pálido e desfigurado pelo horror.

– Depressa, depressa, senhorita, venha até o quarto da sua mãe. Aconteceu alguma coisa com a senhora e eu já mandei chamar o médico – balbuciou ofegante.

Marina ficou pálida e saiu correndo para o quarto da mãe, onde a encontrou imóvel, estendida nos travesseiros. A filha a chamava e sacudia para fa-

zê-la voltar a si; mas tudo foi inútil. Logo chegou o médico, e este ao examinar Adaurova, declarou que estava morta. Marina perdeu os sentidos caindo sobre o tapete.

A notícia sobre a morte repentina de Nadejda Nicolaevna perturbou toda a casa. Emilia Karlovna e o barão Reimar mostraram a sua profunda compaixão no tocante à horrível situação da pobre Marina, decidindo apoiá-la e ajudar no que fosse possível.

Em respeito à coitada da moça, Emilia Karlovna resolveu não tirar da casa o corpo da suicida, como era o costume, mas cedeu um quarto isolado, que foi revestido de preto, e colocaram lá o catafalco. A falecida, vestida de branco e toda coberta de flores, estava no caixão como se fosse uma admirável estátua de mármore.

Pálida, mas sem lágrimas, Marina estava silenciosamente ajoelhada ao lado do caixão e não tirava o olhar desesperado do rosto impassível da finada: ela amava mais a sua mãe do que fora amada por ela, que a deixou sem um beijo, sem uma única palavra de despedida. Entretanto, naquele instante ela não pensava o quão pouco sua mãe a amara; ela somente sentia a dor da separação e a consciência da completa solidão que pesava sobre ela.

Foi nesse estado que o barão encontrou a moça depois de algumas horas. Ele parou na entrada e começou a pensar sobre a falecida.

Preso pelo seu próprio egoísmo, ela não pensara nos seus atos e nem os compreendera. A sua consciência abandonada até o último minuto não pôde lhe mostrar, que ela não estava só no espinhoso caminho da vida, que tinha uma filha, a quem tinha que dedicar todo o seu amor e servir de exemplo. Pois ela destruíra criminosamente a sua vida, arruinara-se, esbanjando os

seus bens, procurando o esquecimento em desregramentos. Tanto ela vivera leviana e obscenamente como morrera só para evitar as conseqüências da própria loucura...

Sentindo profundas compaixão e admiração, o barão olhava para Marina, que usava um vestido branco, vaporosa como uma visão, que quedara-se de dor inconsolável como uma pedra.

Ela não percebera a proximidade do barão, e somente quando foi tocada pela sua mão, estremeceu e alçou os olhos até ele.

– Titia pede à senhorita que desça para ficar conosco. Vamos lá. Aqui nada pode fazer para ajudar, e no entanto a solidão lhe faz mal – disse tranquilamente e ajudou-a a levantar-se.

Ela se levantou obedientemente.

– Como o senhor e a sua tia me tratam bem; pois eu sou, somente, uma pessoa estranha para vocês – falou em voz baixa Marina, superando o tremor nervoso que tomou conta dela.

O perfume das flores misturado com o cheiro de fenol deixou o ar abafado.

O barão tomou em suas mãos um xale branco da cadeira e o colocou sobre os ombros de Marina.

Embaixo a senhora Koleoni a recebeu e abraçou carinhosamente.

– Fique no meu quarto, querida, eu darei ordens para acomodar você no meu quarto. E se quiser, depois do almoço, colocarei você para dormir, porque você necessita de repouso.

A boa velhinha deu as ordens para a acomodação da sua cara hóspede.

– Marina Pavlovna, a senhorita deseja avisar algum dos seus sobre o a-

contecido? Estou a sua disposição.

– Não tenho nenhuma pessoa próxima – disse com tristeza nos olhos.

– E o seu pai?

– Não sei onde ele está agora; nem sei se ele gostaria que eu morasse com ele, pois ele contraiu novas núpcias...

Ela pensou um minuto e, finalmente, com um certo esforço disse:

– Gostaria de lhe fazer um pedido, barão.

– Com todo o prazer, estou à sua disposição.

– Eu preciso saber se a minha mãe ficou devendo a alguém, e entre outros, para o conde Zemovetski. Eu sei que ontem ela não teve sorte no jogo, e pode ser que ele tenha lhe emprestado dinheiro. Assim, gostaria de cobrir essa dívida. Tenha bondade, pergunte a ele. Parece que ele é seu parente?

– Sim. Stanislav é meu primo e logo que o vir, imediatamente perguntarei se havia dívidas entre ele e a sua mãe.

– Outra coisa, gostaria de saber os custos de um enterro digno e do monumento. Tenho à minha disposição alguns milhares de francos, brilhantes da minha mãe e as minhas coisas de ouro; espero que isto seja o suficiente para cobrir as despesas.

Nos olhos de Marina surgiram lágrimas.

A conversa foi interrompida com a chegada de Emilia Karlovna, que veio dizer que a costureira estava esperando e levou Marina consigo para encomendar o vestido de luto.

Assim passou o tempo até o almoço, depois do qual a proprietária pôs para dormir a pálida e exausta Marina.

À noite apareceu o conde Zemovetski. Era um homem bonito, imponen-

te, ainda jovem e de modos refinados. Só uma certa expressão de indiferença, que emanava dele, também algumas rugas precoces, vistas aqui e acolá no seu rosto, e a calvície transparecendo, testemunhavam o quão amplamente aproveitava a vida.

A morte repentina de Adaurova, claro, servia de assunto para a conversa entre o barão e Stanislav.

– Que pena, tenho dó dela! Foi uma mulher maravilhosa! Formosa, como Vênus, e que temperamento! Você está convencido, Reimar, de que ela se envenenou?

– Foi pelo menos isso que disse o médico.

– Que diabo! De fato, ontem ela realmente não teve sorte no jogo, mas isto não é razão para se suicidar – encolhendo os ombros, o conde comentou e tranqüilamente acendeu um cigarro.

– A propósito, ela deve alguma coisa a você? Marina Pavlovna pediu que lhe transmitisse que ela deseja, neste caso, saldar a dívida da mãe.

– Opa! Esta dívida é pequena, uns trinta mil francos. E de onde a coitadinha tiraria esse dinheiro se, e além do mais, elas estavam arruinadas? Quero lhe pedir que responda a ela que a sua mãe não me deve nada. Para dizer a verdade, o amor dela realmente valia alguma coisa, mas ela nunca exigiu nenhum tostão – terminou o conde sorrindo.

– Se você de tal modo quer ajustar as contas com a falecida pelo seu amor, eu, está claro, guardarei silêncio – respondeu o barão friamente.

– Principalmente, tenho em vista a pobre menina de quem tenho pena de todo o coração. Nadia... quer dizer, Nadejda Nikolaevna gostava muito do apelido que dei a sua filha, a chamava de "centelha errante". Por enquanto

Marina ainda é uma criança, mas quando desabrochar será uma mulher... encantadora.

E Stanislav com gosto beijou as pontas dos seus próprios dedos.

Entrou Emília Karlovna e impediu a resposta do barão; parecia excitada e abanava-se com um lenço. Cumprimentando os presentes, tomou assento.

– Ah! Meu caro Stanislav, como eu estou entristecida. Ai que mãe sem consciência nenhuma, esta Adaurova. Arrastava a filha por todos os lugares, arruinou-a e, depois de tudo isso, indiferente a abandonou à própria sorte. Como ela não pensou nos perigos que correrá tão bonita moça quando morar sozinha, sem recursos, em algum lugar de quartos mobiliados?

– Isto é verdade – disse o barão. – Se você não cuidasse dela, ela teria que ficar sozinha lá em cima, junto da falecida, o que seria intoleravelmente difícil para ela. E como ela está agora?

– Dormiu de cansaço. Ah, estou com muita pena da pobre menina, mas eu não a deixarei. Escreverei ao seu pai e contarei toda a verdade. Ele é obrigado a ocupar-se dela, abrigar Marina, dar-lhe uma posição e casá-la. Pois é sua filha! Qual é a culpa dela de que os pais se divorciassem? Será que você, Stanislav, poderá conseguir para mim o endereço do pai, Adaurov? Marina me disse que ele está casado pela segunda vez com a sua prima.

– Claro, tia, ele é casado com Juliana. Eu o conheço bem: é um homem bem digno e muito rico; quanto à prima Juliana, ela é uma mulher bonitinha, mas astuta como o diabo e manda em seu marido. Eu os visito freqüentemente, no primeiro encontro conversarei com ele a respeito da sua filha.

– Não precisa não, obrigada. Me dê só o endereço dele, e eu mandarei alguém com uma carta minha. Não vale a pena esperar mais; eu escreverei

dizendo que ela está aqui sem nenhum apoio.

Emilia Karlovna estendeu para ele o seu caderno de notas e o lápis.

No dia seguinte, pela manhã, Marina mal se vestira quando diante do portão parou uma carruagem, da qual desceu um senhor acompanhado de um criado que levava a sua mala.

Era um homem alto e de compleição encorpada, de idade média, e com as feições corretas. Seu cabelo preto e abundante era um pouco grisalho, mas o seu andar leve, o corpo garboso e os vivos olhos negros davam a ele uma aparência jovial.

Parecia preocupado e perguntou em italiano a Marieta onde era o apartamento da senhora Adaurova e se a sua filha estava em casa. Pela indicação da criada, o desconhecido dirigiu-se ao terraço da entrada onde Marina já esperava por ele. Ela viu da janela como ele se aproximava e logo reconheceu o pai apesar dos muitos anos de ausência.

Marina estava emocionada e trêmula. Mortalmente pálida, em pé, indecisa sem saber como enfrentá-lo: fazer vênias como a um estranho, ou jogar-se nos seus braços como ditava o coração.

Indo ao seu encontro, Adaurov também não tirava os olhos da filha. Vestida de luto, ela parecia mais alta e magra do que era, o seu lenço preto em volta do pescoço claramente acentuava a brancura marmórea do seu belo rosto e a maravilhosa cor cinza dos seus cabelos.

Se Adaurov leu nos olhos de Marina a incerteza que a afligia, ele acabou com estes sentimentos ao estender as mãos para ela.

– Marina, querida, – disse com uma voz surda e trêmula.

– Papai – ela quase gritou em resposta, abraçando com as mãos o seu

pescoço e apertando a cabeça no seu peito.

Foi o grito sincero do coração, e três palavras, pronunciadas por eles, derrubaram todas barreiras, erguidas entre a filha e o pai por um longo tempo e circunstâncias.

Por alguns minutos ficaram imóveis, se abraçando fortemente; depois Marina conduziu-o à sala de visitas, onde a criada Fancheta ajudou-o a tirar o casaco, e com um sorriso feliz fez com que ele se sentasse ao seu lado no sofá.

– Finalmente, querida, você está novamente comigo. Não pense que eu alguma vez esqueci de você; foi a sua mãe que com rancor implacável não me permitia encontrar você – Pavel Sergueevitch disse, beijando carinhosamente a sua filha.

– Papai, como você ficou sabendo, da morte da minha mãe? Pois isto aconteceu tão inesperadamente...

– Ela própria foi quem telegrafou para Vichi e chamou-me aqui, na sua casa. Você também sabia que eu estava lá?

– Não, eu não sabia de nada. A minha mãe jamais mencionava o seu nome e até proibiu que eu falasse de você. Mas eu também nunca o esqueci. Você nem imagina como me torturava o pensamento de que me esquecera e deixara de amar. Olhe. .

Puxou de baixo da gola uma corrente de ouro, tirou o medalhão que levava no peito e o abriu. Nele havia um retrato de Pavel Sergueevitch quando jovem.

– Uma vez eu o achei no porta-jóias de mamãe e há muitos anos que uso o medalhão. De manhã e à noite eu olho seu retrato para não esquecer o seu rosto.

Profundamente comovido, Adurov a apertou contra o peito.

– Agora ninguém vai tirar você de mim e nós não nos separaremos mais. Eu tentarei com o meu amor fazer você esquecer todas as amarguras do passado.

Ela encostou a cabeça no ombro do seu pai e deu um suspiro de alívio. De repente ela se pôs ereta e as lágrimas brilharam nos seus olhos.

– Papai, mas você é casado... – ela pronunciou indecisa. – Será que a sua esposa desejará que eu more com você?

Uma sombra leve passou pelo rosto de Pavel Sergueevitch, mas imediatamente disse com a voz firme:

– Sou o dono da minha casa e espero que tenha o direito de abrigar minha única filha. A sua madrasta vai tratar você, com a atenção devida a minha filha. Naturalmente, não posso garantir a simpatia e disposição dela, entretanto você pode ter certeza que será bem acolhida. Agora me leve até a falecida, eu quero vê-la e despedir-me dos seus restos mortais. Marina se levantou e o levou até o quarto onde estava o corpo; abriu a porta deixando o seu pai entrar, e saiu deixando-o só.

As velas de cera acesas com uma luz meio amarela iluminavam o caixão metálico de defunto; o véu e os buquês de flores estavam aos pés da finada. Pavel Sergueevitch com a mão insegura tirou o véu e apoiou-se no caixão.

Como se a morte apagasse as marcas da vida insensata, a expressão de majestosa paz ficou impressa no belo rosto transparente como cera, com os olhos fechados e sombreados pelos cílios densos. É essa expressão que a morte põe sobre aqueles de quem retira a vida.

Toda a vida passada com a sua mulher falecida reconstituiu-se na sua

memória, quando ele se reclinou sobre ela.

Como ele a amava apaixonadamente; mas no entanto, a leviandade e depravação do meio que o cercava seduziram até ele. Evidentemente, ele nem pensara que a relação ligeira com uma beldade disponível poderia acarretar um final trágico, que a sua esposa num acesso de ciúme mataria a sua rival, e, infelizmente, Marina tornar-se-ia testemunha do assassinato... Mais tarde ele se arrependera, mas era tarde: a sua esposa permanecia surda diante do seu pedido ardente de perdão. Vingativa e implacável, tirou dele até a filha que ele tanto adorava. Mesmo assim ele sabia que ela o amava como antes, não conseguia esquecê-lo e procurava em vão o esquecimento no jogo e na vida insensata. Ele lembrou agora a alegria do nascimento da sua filha, as tardes que tinham passado os dois juntos e outros detalhes do seu amor rapidamente desfeito. A falecida dera para ele sete anos da felicidade serena. Infelizmente, o seu egoísmo ciumento e a possessão levaram ao rompimento. Ao mesmo tempo, o seu espírito sempre fora, para ele, um livro aberto no qual via claramente todas suas qualidades e defeitos.

Involuntariamente, uma comparação impôs-se entre a primeira e a segunda esposa. Juliana era uma mulher muito esperta, sempre escondia dele o seu mundo espiritual, com destreza o cercara com uma teia de aranha e ele já não era capaz de romper esta teia invisível.

As lágrimas ardentes – o último pagamento do tributo ao passado enterrado – sem controle começaram a rolar sobre o caixão aberto.

Marina entrou e, ao ver que o seu pai estava chorando, carinhosamente o abraçou.

– Você está chorando, papai? Então você perdeu tudo e esqueceu?

Pavel Sergueevitch silenciosamente acenou que sim em resposta.

– Tome. Esta é uma carta para você da minha mãe — disse ela, passando-lhe um grosso envelope fechado.

– Há três anos, quando a minha mãe estava muito doente, me entregou esta carta em caso da sua morte. Ao sarar depois, ela não me perguntou mais sobre ela, agora eu a entrego ao senhor.

Comovido, Adaurov guardou a carta no bolso lateral e saiu com Marina para discutir os detalhes da partida.

O funeral de Adaurova foi simples e realizou-se no cemitério local. Dos não familiares havia somente o barão e a tia.

Depois de voltar do cemitério, Pavel Sergueevitch reuniu-se com Emilia Karlovna, pagou as contas e pediu que acolhesse Marina até que ele fosse a Vichi ajustar as suas contas lá e voltasse para levar a filha já direto para Varsóvia.

À noite Emilia Karlovna estava passeando no seu jardim, deleitava-se com o maravilhoso ar perfumado de uma noite de luar, clara como o dia, quando o barão se aproximou dela.

– Tia, você está só?

– Sim, meu amigo. Marina foi dormir. Ela ficou cansada, coitadinha, também a partida do seu pai perturbou-a. Como estou contente por ela! Pavel Sergueevitch revelou-se uma pessoa altamente honesta, um verdadeiro cavaleiro, e dá para perceber que ele ama muito a filha.

– Que Deus o ajude e lhe dê muita felicidade. Entretanto estou contente de estar só com você e podermos trocar opiniões.

– Então vamos para lá ao lado da varanda, no banco. Aqui, no jardim, é

tão gostoso, que nem quero sair.

– Primeiro, lamento muito, mas tenho que dizer para você que depois de amanhã vou partir – começou a falar o barão quando eles se sentaram. – Eu recebi uma carta do administrador dos meus bens que me chama de volta para casa para tratar de negócios.

– Meu Deus, como vai ficar triste aqui sem você e Marina! Estarei completamente sozinha – a tia suspirou.

– Por causa disso eu quero fazer a seguinte proposta. Você está sozinha aqui, eu também depois da morte do meu pai fiquei só, a economia está nas mãos da criadagem; então a senhora se mudaria para minha casa. A sua mansão poderia ser alugada, e Gaspar é um homem tão honesto e fiel a você, que você poderia contar completamente com ele. Estarei muito feliz em ter você ao meu lado, e você também não vai se entediar.

– A sua proposta é muito atraente, mas devo notar que a minha presença verificar-se-á um remédio extremamente ineficaz contra a sua angústia. Falando francamente, você precisa se casar, meu querido. Você tem vinte e oito anos, você é o último da sua geração e por isso é obrigado a pensar na sua continuação; uma esposa bonita e jovem rapidamente dissipará o seu aborrecimento.

– Ah, tia! Eu não posso me casar somente para salvar de extinção a família do barão Farnrode, – disse, irritado, passando a mão em sua vasta cabeleira. – Não posso me casar sem amar.

– Quem está falando isso? Sem dúvida, você tem que amar a mulher com que pretende se casar. Será que você não está gostando de alguém? – Sem receber a resposta, inclinou-se e sorrindo olhou nos olhos pensativos do

seu sobrinho.

– Vá, abra-se comigo! A minha experiência parece que não me engana. Marina agradeceu você, pois por que você não se casa com ela? Ela é uma jovem encantadora, e agora, ao estabelecer-se na casa do seu pai, ganhará na sociedade uma posição completamente diferente.

– Não, tia, não vamos falar sobre isso. Não quero negar que gosto de Marina e essa é a principal razão, porque devo evitá-la. Mas vale lembrar em que solo mórbido ela foi criada. É um pântano, coberto com uma camada verde, sob a qual se esconde um abismo. Ai daquele que se atreva a pisar o solo movediço: ele será tragado pelo lodaçal. É perigoso demais aspirar a esta centelha errante.

Por enquanto ela é ainda uma criança; mas quando acordar nela uma mulher com todo este veneno que ela chegou a absorver, isto pode acabar em uma grande desgraça para mim. E depois, que exemplo ela teve perante seus olhos na face da sua mãe, esta dissipadora, que se entregou à licenciosidade, à coquetaria e a roupas suntuosas, que vivia para o mundo e ao seu bel-prazer, em roda com os mesmos homens sem rumo. Que noções sobre vida familiar poderia tirar Marina deste meio em que cresceu, cercada de uma multidão cínica e trivial de adoradores da sua mãe, que a enchiam de guloseimas e maculavam o seu espírito infantil?

É verdade, que Marina é maravilhosamente linda e com o tempo será ainda mais bonita, mas a mulher por enquanto está dormindo nela e eu tenho medo do seu despertar... O que ela vai fazer na nossa fazenda solitária, onde reina a ordem e parcimônia, onde a própria dona tem que cuidar de tudo? Será que ela estará satisfeita com o marido, dedicado ao trabalho, honesto e

amoroso, mas que não poderá rodar a Europa com ela e gastar dinheiro sem conta, à toa? E em geral, será que uma mulher tão bonita vai querer limitar-se só à admiração do seu marido? Agora é a minha vez de perguntar a você, minha querida tia, se estou certo e se você pode, com a mão na consciência, me persuadir a casar com esta moça encantadora, mas perigosa?

Emilia Karlovna abaixou a cabeça.

– Não vou refutar a sua argumentação, mas acho que você está exagerando, pois esta bonita e simpática criança infeliz se transformaria por mãos firmes e amorosas numa mulher digna do amor de um homem probo. Entretanto, Deus me livre que eu aconselhe você a uma experiência tão arriscada, e mais ainda, a sensatez da sua reflexão e a previsão do perigo provam que você gosta dela, mas o fatal amor insensato não cegou você.

Eles se calaram. Estava silencioso ao redor deles e de repente em algum lugar nas proximidades ouviu-se um pranto contido.

Reimar empalideceu, rapidamente se levantou e confuso deu uma olhada na casa, ao lado da qual estava o banco, onde eles se sentavam: em cima deles ficava a sacada do quarto de Marina. Entretanto o quarto em cima atualmente estava vazio, a moça dormia no quarto da tia, do outro lado da casa; não obstante o pranto chegava de lá de cima.

Preocupada, Emilia Karlovna olhava com perplexidade ora para cima, ora para o sobrinho.

– Vou ver se ela está dormindo. Quem poderia estar chorando? – disse ela e apressadamente dirigiu-se ao terraço.

A cama de Marina estava vazia. A empregada Marieta informou que Marina, que parecia não conseguir dormir, levantou-se e disse que ia buscar um

livro lá em cima.

– Já faz meia hora que a senhorita saiu – ela acrescentou.

Perturbada, Emilia Karlovna subiu. Por toda a parte estava deserto e silencioso; somente o quarto de Marina estava fechado a chave e por mais que ela batesse à porta, ninguém atendia.

Muito amargurada, voltou para o seu sobrinho, enquanto ele desassossegado, irritado por causa da sua imprudência, andava pelo terraço.

– A coitadinha ouviu tudo – disse a velhinha com lágrimas nos olhos.

No dia seguinte Marina estava ocupada, arrumando as malas, e não desceu, mas almoçou no seu quarto; depois visitou o cemitério e levou uma coroa de flores para o túmulo da sua mãe.

No dia seguinte o barão Farnrode partiu e ao cair da noite chegou Adurov para buscar a sua filha.

De manhã, Marina, já vestida em traje de viagem, chegou para se despedir da dona hospitaleira antes da sua partida e também para agradecer pela sua bondade e solicitude.

Emocionada, a velhinha a beijava e abraçava muito.

– Escreva para mim colocando-me a par da sua vida lá. Será que está brava com uma velhinha maldosa? – sorrindo, disse ela olhando nos olhos embaraçados de Marina.

– Se a senhora assim deseja e está interessada no meu destino, eu escreverei de bom grado. Por que eu devo ficar brava? Ao contrário, eu só posso agradecer a senhora pela sua opinião lisonjeira sobre mim. Pode ser que eu na realidade não seja tão venenosa e perigosa como pareço.

Algo saudoso e amargo passou no seu rosto, ao abraçar mais uma vez a

senhora Koleoni. Marina subiu na carruagem.

III.

Há duas semanas que em todo o apartamento de Pavel Sergueevitch tem reinado um rebuliço febril, causado pela ordem do general, que do exterior mandou arrumar tudo na casa para a espera da sua chegada e da filha.

A faxina da casa era realizada sob a vigilância da velha governanta, antiga babá de Marina, Avdotia Mironovna, que foi a única da antiga criadagem que resistiu à pressão da nova esposa do dono e não se deixou mandar embora.

Para o dia da volta de Marina para o teto paterno tudo fora preparado. Um ninho aconchegante esperava por ela: um dormitório azul claro, saleta de veludo cor-de-rosa e sala de visitas verde; nas janelas colocaram cortinas rendadas, flores nos vasos, os bibelôs preciosos dispostos nas estantes.

Antigamente nesse lugar ficavam as dependências de Nadejda Nikolaevna; porém depois do rompimento com a sua esposa, Adarov mandou fechá-las e pediu que não tocassem em nada. Agora ele as cedia à sua filha. Para a sua segunda esposa ele deu quartos do outro lado da casa. A própria Juliana Adamovna, por enquanto, estava na casa dos seus parentes e voltaria dentro de um mês e meio.

Ao percorrer todos os quartos da sua mãe, onde brincou quando criança, e ao ver novamente o seu antigo quarto de criança, que atualmente fora transformado em vestiário, mas no qual fora preservado até o armário com seus brinquedos, Marina rompeu a chorar sob a chegada das recordações.

Ela se instalou rapidamente no seu ninho e logo se sentiu bem. A ausência da sua madrasta lhe servia de grande alívio, dando-lhe a possibilidade de olhar ao redor de si e entrar numa vida nova.

Ela encontrava o pai somente durante o almoço; ele se levantava cedo, passando as horas da manhã e a metade do dia no seu trabalho. Estas horas de recolhimento foram para Marina verdadeiro gozo e exerceram uma influência favorável sobre ela. Descansava depois de todas as agitações e se sentia como que acordando do pesadelo de uma vida ambulante. Agora ela nem podia pensar sem um arrepio nessa roda insensata, sem rumo determinado de um balneário para o outro, às voltas pelos bailes, os espetáculos e os turfes, troca interna das roupas suntuosas como se fosse no palco, e geralmente toda esta vida vaga, agitada, sem rumo, que não lhe trazia nada a não ser fastio e cansaço.

Quando a sua mãe morreu, sentiu pena dela de todo o coração; mas, coisa estranha, o seu falecimento não deixou uma lacuna na vida de Marina.

Nadejda Nikolaevna jamais tinha tempo para a sua filha, e até a deixou sem nenhuma palavra de despedida. Esta indiferença egoísta — Marina suspeitava da verdadeira causa da morte da sua mãe — deixou no seu coração delicado e amoroso a impressão vaga de tristeza e ressentimento.

Pavel Sergueevitch a tratava com bondade e carinho. A tarde ele frequentemente passava com a filha, andava de carruagem e conversava durante um longo tempo com ela. Entretanto, de maneira geral, ele lhe dava plena liberdade, dinheiro o bastante para pequenas despesas e a enchia de presentes. Marina apegou-se a ele com todo o seu coração ferido, mas mostrava a sua afeição um tanto acanhadamente, e este sentimento tocante cada vez mais e mais atraía o seu pai para ela.

Era um dia úmido de outubro. Marina estava sozinha no seu quarto de visitas. O seu pai saíra a negócios e voltaria somente no dia seguinte. Estava sentada triste e meditando, a expressão de ressentimento aparecera novamente no seu rosto, a qual ultimamente não tinha sido observada.

Já escurecera nos quartos. Acendeu a luz e, ao colocar ao lado no banquinho uma caixa grande revestida de couro vermelho que trouxera de Mônaco, começou a retirar dela coisas. A mesa inteira foi coberta com postais de lugares pitorescos de Nice, Biarritz, Truvile e outros, com vários retratos e bibelôs, que pertenciam à falecida Nadejda Nikolaevna. Sustentando nas mãos e com aparência sombria começou a pesquisar uma grande foto que refletia o terraço da mansão Koleoni, em cuja mesa de chá estavam sentados a própria proprietária e o seu sobrinho. Emilia Karlovna dera para ela esta foto um pouco antes da morte da sua mãe, mas só hoje Marina a encontrava na caixa.

"Será que eu posso condená-lo pela apreciação áspera sobre mim?" —

pensava ela, olhando para o rosto enérgico e aberto do barão Reimar. -" Não, não posso se quiser ser justa. Uma pessoa como ele, honesta e franca, sendo escravo do seu dever, tem direito de exigir da mulher que amará, as mesmas regras severas de conduta e espírito íntegro, e que não sejam maculadas com aquela sujeira em que eu cresci".

"Claro, ele não pode saber que todo este tropel da alta roda e pressa me causam somente repugnância, que com todo o meu espírito eu aspiro à vida familiar tranqüila e simples. Ele nem sabe que eu preciso do amor de uma pessoa honesta, enérgica, que eu poderia respeitar e amar, que poderia servir-me de apoio, ser o meu guia na vida, um amigo para quem com toda a confiança abriria o meu espírito".

Ela deu um suspiro, jogou a foto na caixa e, ao recostar-se no encosto da poltrona, pôs-se a meditar profundamente. O passado começou a surgir na sua memória com uma clareza surpreendente.

Ali estava o salão da sua mãe, sempre cheio de pessoas de todas as idades, posições e nacionalidades: aqui os lordes, os príncipes e barões, os pintores e músicos, os cantores e financistas. Todo este tropel bem vestido de modos livres e tagarelice cínica, que sempre era desprezível para ela. Não gostava de ninguém e estava tremendamente entediada nessa sociedade onde não falavam de outra coisa senão jogo, recepções, cavalos e aventuras amorosas. Ao mesmo tempo lembrou-se de um banqueiro judeu, que era fabulosamente rico, e que a cortejara insistentemente durante o último inverno em Paris, finalmente pedindo-a em casamento. Nadejda Nikolaevna de modo benevolente aceitou o seu pedido, mas Marina o rejeitou decididamente, ao declarar com uma coragem rara que se fosse forçada a aceitar aquela proposta, procu-

raria a defesa do seu pai.

Esta recordação involuntariamente despertou a comparação entre ela e sua mãe cuja beleza fascinante conquistava todos os corações e atraía ao seu redor um tropel de adoradores.

Sem dúvida, ela não era tão bem-parecida como Nadejda Nikolaevna, evidentemente não tinha aquela coisa que o conde Zemovetski chamava brincando de "o charme diabólico"; não obstante, também poderia agradar alguém e não uma só vez chegou a notar os olhares admirados dirigidos a ela. O barão Reimar também indubitavelmente gostava dela e ela ouviu isso dele mesmo. No entanto, ele a considerou perigosa, igual a sua mãe, a quem ele jamais deu atenção e até a reprovava severamente assim como a seu primo o conde Stanislav. Quanto ao conde, abertamente arrastava-se atrás da Nadejda Nikolaevna, cobria-a de flores e não se afastava da sua poltrona até que ela não acabasse de jogar loucamente na roleta. Mesmo o barão Farnrode não sendo parecido com os outros, tinha medo de tirá-la do limo que a cercava...

Uma nova onda da amargura apoderou-se dela. Hoje ela decidira responder à carta, recebida recentemente, de Emilia Karlovna, que se interessava pela sua saúde, mas neste momento ela se sentia incapaz de responder e, em geral, qualquer recordação sobre Mônaco ficara insuportável para ela. Começou rapidamente a colocar de volta na gaveta as coisas, espalhadas na mesa, e se absorveu tanto neste trabalho que nem percebeu quando a porta se abriu e uma mulher elegante, vestida com traje de viagem de cor verde escura e com um grande chapéu preto na cabeça, parou na entrada do quarto e examinou Marina fixa e penetrantemente.

– Marina, minha querida criança, finalmente vejo você – disse com

uma voz sonora e rapidamente se dirigiu à Jovem.

Apanhada de surpresa, Marina se levantou confusa e foi ao encontro da sua madrasta.

– Meu Deus, como você é linda! Me deixe abraçá-la – continuou Juliana, beijando a moça nas faces. – Mas por que você está tão pálida e seus olhos estão tão tristes?

Ela, curiosa, continuava a examinar a desconcertada Marina, como se ponderasse se a jovem poderia ser perigosa para ela. Entretanto esta observação atenta passou rapidamente; logo decidiu que, apesar de sua beleza aérea, Marina era muito modesta, ingênua e indiferente para disputar o seu êxito na sociedade. E mais uma vez carinhosamente abraçou a sua enteada.

– Espero que seu pai e eu logo consigamos dissipar esta tristeza que nem um pouco combina com a sua idade. Amaremos e mimaremos você tanto que será obrigada a sentir-se mais alegre. Agora até logo: vou trocar de roupa e descansar. Na hora do chá da noite buscarei você e nós conversaremos.

Ao ficar só, Marina se sentou e ficou pensativa.

Percebeu que não tinha compreendido o sentido dos olhares perscrutadores da sua madrasta. Por sua parte, ela também examinava com curiosidade Juliana e tinha que considerar que a segunda esposa do seu pai era uma mulher muito bem apessoada.

Juliana aproximava-se dos trinta anos. Era de altura média, bem proporcionada e esbelta; tinha o rosto pálido, olhos grandes, cinza-escuros sob as sobrancelhas densas, quase unidas, e o seu nariz era reto com narinas finas. Em tudo mostrava um temperamento apaixonado, arbitrário, mas atraente;

contudo causou-lhe uma impressão desfavorável. Marina, sensível e impressionável, instintivamente percebeu que a madrasta não era franca com ela e nem gostava dela, apesar de todos os carinhos dispensados; nos olhos de Juliana notou algo frio e desapiedado. Irrefletidamente, no interior de Marina despertou-se um sentimento de desconfiança da sua madrasta.

Desde a chegada de Juliana, o ritmo da casa mudou completamente: tudo se animou e entrou em movimento.

Diariamente, ora no almoço, ora à noite, ela tinha visitas, de preferência homens.

Certo dia de manhã, Juliana declarou para Marina que tinha que providenciar os vestidos para o inverno.

– Mas eu estou de luto – Marina replicou, assustada de repetir todas as preocupações enfadonhas com as costureiras.

– Eu conheço o seu vestuário, mas isto é completamente insuficiente, minha querida. Respeito muito o seu luto, mas na sua idade não pode isolar-se, e o seu pai também não quer isso. Eu gostaria de apresentar você às famílias de amigos e dos parentes. Nós precisamos fazer visitas. É necessário você freqüentar, claro, não os grandes bailes, mas sim os pequenos círculos familiares, e nessas ocasiões tem que ter as roupas convenientes.

E foi assim que começaram a busca nas lojas e as visitas das costureiras; o resultado foi a encomenda de uma série de vestidos brancos e pretos.

Juliana colocara na sua cabeça casar o mais breve possível, e sem falta, a sua enteada para livrar-se de uma rival incômoda. O encanto jovem e fresco de Marina poderia, como uma flor desabrochando, brevemente abrir-se e ser perigosa para o seu sucesso na sociedade. Mesmo assim, apesar da sua firme-

za em reduzir o quanto fosse possível o prazo de estadia de Marina na casa paterna, Juliana cercava-a de todos os cuidados e carinhos, e os cálculos estavam certos. Ela entendeu que Pavel Sergueevitch adorava a sua filha e tentava recompensá-la pelo seu exílio e longa separação, por isso, sem dúvida, ele estaria agradecido a sua esposa pela atenção que dispensava a Marina.

Um dia de manhã, enquanto Marina terminava, finalmente, a sua carta para Emilia Karlovna, Juliana entrou. Procurando ganhar a confiança da sua enteada, freqüentemente, por acaso, visitava Marina para conversar, mas evitava mencionar o nome da sua mãe na conversa, compreendendo como isto seria desagradável para a moça.

– Perdoe-me, meu bem, você está escrevendo e eu atrapalhei você? – desculpou-se sorrindo.

– De jeito nenhum, eu terminei a carta para a senhora Koleoni e até já a fechei. Por favor fique – respondeu, enrubescendo.

– Eu também conheço uma tal Koleoni em Mônaco. Será que é a mesma com quem você mantém correspondência? – Juliana perguntou ao sentar-se.

– Isso mesmo. Nós morávamos em sua mansão, foi onde a minha mãe morreu. Ela e seu sobrinho, barão Farnrode, foram muito gentis comigo e de todas as formas me ajudaram naquela época difícil. A senhora Koleoni queria que eu escrevesse para ela, e para minha vergonha, somente hoje consegui cumprir a minha promessa.

– Eu não sabia desses detalhes. Pavel não gosta de falar sobre o passado e eu o compreendo plenamente e respeito a sua dor. Então você conheceu o meu primo Farnrode? Agora eu me lembrei que outro primo meu, o conde Zemovetski, me disse que no outono tinha encontrado Reimar em Mônaco.

– A senhora viu o conde? Eu o conheço um pouco. Ele também jogava em Mônaco e era conhecido da minha mãe.

Marina abaixou a cabeça e não viu o olhar malicioso da sua madrasta.

– Eu passei o verão na casa dos meus parentes. As nossas terras têm limites com a propriedade da condessa Yadviga Zemovetskaia, a avó de Stanislav e de Reimar. Stanislav voltou do exterior para o aniversário da condessa, quando eu o vi.

– Como? O barão e o conde têm a mesma avó? – Marina surpreendeu-se.

– Você está surpresa que um alemão e um polonês sejam netos da mesma avó? – pôs-se a rir Juliana. – Não posso negar, a tal combinação é estranha o bastante; mesmo assim o fato é evidente. Se você está interessada, posso descrever reduzidamente a genealogia da nossa família.

O próximo verão eu pretendo passar, como sempre, na fazenda dos meus pais. Pavel também tenciona ir para lá depois de Vichi. Você, claro, vai ficar comigo e eu gostaria que você e os meus se tornassem amigos e que você se sentisse bem lá.

– Claro, se eles forem tão gentis comigo como você. Estaria muito agradecida, se você me contasse sobre...

– Sobre seus novos parentes? – Juliana a interrompeu alegremente. – Então escute. Entretanto, para entender melhor, vejo-me obrigada a começar de longe. Depois da revolta de 1830, muitos fidalgos poloneses ficaram arruinados, inclusive o meu parente afastado, Frantisko Tcharninski, que fugiu para a Áustria.

Durante muitos e difíceis anos de exílio, ele teve a sorte de casar-se com a

filha de um banqueiro, tendo ficado milionário. Mais tarde foi anistiado e voltou para o seu país. As suas estâncias, confiscadas e vendidas, ficaram perdidas para sempre. Então ele comprou uma fazenda Tcharna de uma parente sua, a condessa Zemovetskaia, cujo marido pouco antes se suicidara deixando a viúva e o filho de sete anos, com a propriedade muito abalada.

Na família de Tcherninski nasceu a filha Yadviga. Quando morreu a condessa Zemovetskaia, eles pegaram o pequeno Stanislav, criaram-no e depois o casaram com a própria filha. Deste casamento nasceram dois filhos: Boleslav, o pai do conhecido para você Stanislav Zemovetski, que é meu primo, e a filha Vanda, que se casou com o barão Farnrode e foi a mãe de Reimar. Eis aí toda a história em poucas palavras. Acrescentarei somente que o meu pai é descendente do irmão mais novo daquele emigrante Frantisko Tcharninski. Outros detalhes familiares contarei um dia lá na fazenda, quando você conhecer a velha condessa Zemovetskaia. Posso dizer somente que ela é uma mulher soberana. — Juliana pôs-se a rir.

Marina escutava-a com atenção. É verdade que ela era completamente indiferente em relação à genealogia das pessoas estranhas para ela. Em compensação, tudo que se relacionava ao barão Reimar despertava um profundo interesse, misturado com amargura.

Conversando sobre vários assuntos, Juliana levou Marina para fazer visitas.

Em pouco tempo Marina ganhou um bastante amplo círculo de relações. De toda essa massa de novos conhecidos somente uma mulher jovem, desde o primeiro encontro, ganhou a viva simpatia de Marina e este interesse por ela crescia a cada encontro.

O marido de Valentina Antonovna Bulavina era parente da família A-daurov. O jovem casal não vivia ricamente, mas Marina se sentia muito bem na sua casa, onde tudo era aconchegante, simples, respirava cordialidade e tranqüilidade. A conversa inteligente, viva e variada de Bulavina sempre despertava um profundo interesse da moça que crescera solitária e aspirava ao conhecimento, mas cuja educação fora abandonada.

IV.

Marina freqüentemente visitava Bulavina, que zelosamente lhe dava aulas e lia muito sobre História, literatura e até geografia da Rússia. Pavel Sergueevitch estava muito contente com esta aproximação.

– Estou feliz que você tenha estimulado Valentina Antonovna e que ela por sua vez goste de você – disse ele, beijando Marina. – Visite-a mais freqüentemente: ela é uma mulher proba, culta e inteligente, cuja companhia lhe trará grande proveito.

Marina aproveitou esta permissão com vontade, porque no salão da sua madrasta apareciam algumas pessoas que eram extremamente antipáticas para ela.

O primeiro foi o conde Stanislav Zemovetski que a fazia recordar Mônaco, a morte da sua mãe, o encontro com o barão Farnrode e vários pequenos

detalhes desagradáveis. O encontro com o conde surpreendeu-a, ela não sabia porque, mas a presença de Zemovetski na casa do seu pai era insuportável para ela. Entretanto, parecia que o conde não percebia este seu tratamento hostil e mostrava-se extraordinariamente cortês com Marina, enquanto Adarov o apresentava.

– Eu tenho a honra de já ter sido apresentado a Marina Pavlovna. Conheci-a na casa da minha parente, senhora Koleoni. Naquela ocasião lá também morava o meu primo barão Farnrode.

O silêncio do conde para com a sua mãe foi atribuído por Marina ao seu tato mundano e, apesar de estar muito agradecida a ele por isso, mesmo assim a aparência de Stanislav e suas visitas freqüentes a irritavam.

Outra antipatia de Marina era por uma mulher que tinha, conforme palavras de Bulavina, uma grande amizade com Juliana.

– Seu marido é diretor em várias sociedades anônimas e ganha muito dinheiro. A mulher gasta dinheiro à larga com roupas, o marido paga na mesma moeda e também despende uma soma louca com atrizes, – explicou com desprezo Valentina Antonovna.

Esta pessoa, Tecla Tudelskaia, era uma dama de cerca de trinta e seis anos, parcialmente atraente, mas gordinha.

Mesmo assim era muito desembaraçada, ousada e uma coquete inveterada. O conde Stanislav a cortejava abertamente.

Tudelskaia desde o início causava em Marina uma impressão desagradável com seu rosto pintado, modos livres e com seu assédio aberto ao conde Zemovetski. Marina lembrava haver visto esta mulher ainda em Mônaco, um pouco antes da morte da sua mãe. Um dia, quando sua mãe não se sentia

bem e Marina passeava com Emilia Karlovna, deram com Tulskaia na rua, que passeava de braços dados com o conde Stanislav e jogava olhares carinhosos a ele.

No terceiro dia dos festejos do Natal comemorava-se o aniversário de Pavel Sergueevitch e por este motivo sempre davam um grande almoço e festa na casa de Aداurov.

Todo o dia as visitas aglomeravam-se na casa, mas Marina, encantadora em seu vestido branco, cansou-se daquele tropel e barulho.

Tudelskaia, bem vestida, de um vestido rendado e coberto de lentejoulas, saiu logo depois do almoço porque prometeu ir à festa dos seus familiares. Alguns dos convidados também partiram logo depois de almoço, os homens foram fumar e tomar café no escritório do general, enquanto as damas sentaram-se à mesa para jogar cartas.

Marina queria aproveitar a calma antes da festa começar e descansar um pouco no seu quarto. Ela imperceptivelmente saiu da sala, atravessou a saleta de Juliana e saiu para o corredor que levava ao seu quarto. De repente estremeceu, assombrada, e parou. Através da porta entreaberta ela ouviu o murmúrio de vozes e avistou atrás da cortina semi-erguida a sua madrasta e o conde Zemovetski, que, segurando as mãos de Juliana, apaixonadamente as beijava. O quarto onde eles estavam ligava-se à saleta de Juliana, que servia ou à biblioteca, ou ao camarim, e geralmente os estranhos não entravam lá.

— Hoje você está tão maravilhosamente bem-parecida, Juliana, que é capaz de enlouquecer até um santo — murmurava o conde, devorando-a com os olhos, e de repente aproximou-a para si, tão perto que seus rostos se tocaram.

Juliana realmente estava bonita de vestido vermelho e com uma rosa-chá no cabelo preto.

Ela riu baixinho, tirou as suas mãos e repeliu o conde.

– Pare de falar bobagens, Stanislav. De um momento para outro, Pol pode entrar aqui e então desgostos resultarão; ele é ciumento como um turco e nessas relações não está para graças.

Ela quis ir embora, mas Zemovetski alcançou-a na porta e ousadamente beijou o seu pescoço desnudo.

Já fazia tempo que eles tinham saído através da outra porta da saleta enquanto Marina ainda estava parada como se solidificasse. O que significava esta cena: uma brincadeira entre parentes ou um flerte?

Mesmo eles falando em polonês, Marina compreendeu tudo, pois ouvindo constantemente ao seu redor, ela chegara a familiarizar-se com língua.

Se Juliana dissesse que Pol era ciumento, então seu pai, Pavel Sergueevitch, que neste caso era Pol, não aprovaria o que aqui acontecera. Marina sabia que o seu pai adorava sua esposa; por acaso ela viu quando Juliana entrou à noite no seu escritório, ele a pôs no colo e começou a beijá-la apaixonadamente na boca. Ela saiu correndo naquele momento sem saber porque, mas uma sensação vaga de amargura dominou-a e ela se sentiu sobrando por aí, como se sentia antigamente, morando com a sua mãe. Ninguém a procurava, ninguém a amava, a única pessoa a quem ela queria agradar, tinha medo dela. Mas por que ninguém tinha medo da sua mãe ou de Juliana?

Totalmente desolada, saiu correndo para o seu quarto e tentou conter-se; sabendo que iria ao encontro das visitas, não queria revelar a sua emoção.

Depois de tomar um calmante e cheirar sal inglês, Marina acalmou-se um

pouco e começou a convencer-se que tudo isso fora uma simples liberdade que o conde permitira-se tomar com sua simpática prima e também amiga de infância, por outro lado ele estava apaixonado por Tudelskaia.

De um modo geral, o conde era um tipo imprestável, como um dia opinou o barão Reimar. Quanto ao seu pai, ele era tão bonito e inteligente, que, sem dúvida, poderia com êxito superar qualquer comparação com aquele homem repugnante. Ao se acalmar com estes últimos argumentos, Marina voltou para a sala de visitas.

Pura no fundo do seu espírito, ela realmente passou pela sujeira que a cercava não somente não se manchando, mas também nem teve completa compreensão de toda a feiúra da realidade da vida. Tendo a ingenuidade de uma criança, aquela adoração ardente que outros rendiam à sua mãe, ela entendia como uma homenagem a sua beleza encantadora, e para Nadejda Nikolaevna não era difícil dissimular da sua filha as suas verdadeiras relações com seus adoradores.

Quando Marina apareceu na sala de visitas, encontrou lá as novas visitas que vieram para a festa. Confusa, começou a procurar com os olhos o conde, mas ele já alegremente cortejava uma dama e ria às gargalhadas.

– Ele deve ser simplesmente um mulherengo, nada mais – pensou ela.

Juliana e o pai sentavam-se no lado oposto do aposento com um desconhecido senhor, homem moreno de cabelos pretos. Ao ver a sua filha, Pavel Sergueevitch chamou-a com um sinal e lhe apresentou o pintor Solomin.

– Como Juliana tem preguiça de posar e cada vez adia as sessões, será que o senhor teria a bondade de pintar o retrato da minha filha? – disse rindo Adaurov. – Ela é uma menina paciente e calma e, como não tem nada es-

pecial para fazer, vai posar quando o senhor quiser.

O artista lançando um olhar ponderado e perscrutador sorriu. — Uma fada à margem do lago, uma visão, um raio de luar, em poucas palavras, algo fantástico ou místico combinaria mais com a sua beleza.

— Pode ser "a centelha errante" ou "a flor do pântano"? — ruborizando, sugeriu Marina.

— Puxa, que idéia brilhante! Exatamente "a centelha errante" — levou a diante entusiasmado Solomin.

Adaurov riu às gargalhadas.

— Perdoe-me, Serguei Sergueevitch, eu esqueci que o senhor é o retratista das criaturas etéreas, das visões misteriosas, que tudo que é invisível para os simples mortais inspira o senhor. Pode pintar o que quiser: eu não quero atrapalhá-lo. Pode fazer de Marina uma luz do luar, uma esfinge, um fantasma, mas antes de tudo eu quero ter o retrato da minha filha e da minha esposa. Eu prefiro tê-los tais quais elas são na realidade e não em sonho mesmo que poético.

E ele beijou a mão da sua esposa.

As visitas reuniram-se ao lado dos Adaurov e riam alegremente.

Solomin insistia em descrever antes de tudo o quadro que contava fazer para uma exposição de primavera, para depois começar a pintar os retratos. Pavel Sergueevitch cedeu e pôs à disposição do pintor o seu estúdio de fotografia. Foi decidido que as sessões começariam imediatamente.

A colocação do estúdio começou já no dia seguinte. A tela trazida para o quadro era de dimensões enormes. Todas as janelas foram fechadas com cortinas grossas, e em vários lugares por indicação do pintor foram instaladas

lâmpadas de várias cores e as sessões começaram.

Marina estava entusiasmada e durante um longo tempo consultava o pintor sobre o traje que era feito pelo desenho do próprio Solomin. De repente ela revelava uma rara intuição artística.

Salvo Juliana e Valentina Antonovna, ninguém foi admitido no estúdio: o quadro deveria ser uma surpresa para Adarov.

Mas, logo somente Valentina Antonovna Bulavina estava no estúdio durante sessões, pois a dissipada vida da alta roda rapidamente distraiu Juliana. As sessões eram bastante prolongadas, porque o pintor trabalhava com animação e estava extasiado com a paciência e diligência do seu "modelo". Absorvida pelo quadro, Marina nem prestava atenção ao que acontecia em casa. Ela não notava que Zemovetski freqüentemente visitava a sua casa, quando Pavel Sergueevitch estava de serviço. E ainda mais freqüentemente, na mesma hora e na parte da manhã, Juliana saía de casa ou para fazer compras intermináveis, ou para passear.

O quadro foi terminado bem mais cedo que se esperava, e a tela, cuidadosamente coberta, foi levada para a sala de juízo de Adarov. Juliana aproveitou a ocasião e chamou seus conhecidos mais próximos.

Enfim, o emocionado artista abriu a capa que escondia a sua obra, e todos na sala pararam de admiração, impressionados pelo quadro, do qual logo sentiu-se o silêncio fascinante da noite.

Perante o espectador estendia-se o pântano, coberto de algas, em alguns lugares, como se fossem pedaços de vidro, havia clareiras de água parada, em alguns lugares suntuosamente branquejavam os cálices de lírio-d'água. Na beirada do céu elevava-se a configuração preta do bosque, a luz da lua mos-

trava-se de trás das árvores. No meio do quadro, via-se um esqueleto verde acinzentado com o crânio coberto de musgo. Com sua descamada mão ele amparava a traíçoira "centelha errante" – Marina, que se apoiava no seu ombro. Nunca Marina foi tão bela como neste misterioso ambiente fantástico.

O corpo esbelto e aéreo transparecia, um pouco, através do vestuário lilás e perdia-se nas águas; os cabelos cinzentos estavam soltos e brilhavam na luz do luar. As mãos, virginalmente belas e brancas, destacavam-se das largas mangas, cortadas até os ombros.

O rosto branco e translúcido parecia iluminado do interior, um misterioso sorriso de languidez movia os lábios escarlates. Em uma mão ela segurava uma flor brilhante, com outra ela fazia sinais chamando um jovem que estava na beira do pântano em rico vestuário medieval.

Pela expressão concentrada do rosto e movimento, com que ele apertava a empunhadura do seu punhal, dava para perceber que o cavaleiro reconhecia o perigo. Mesmo assim ele já levantara o pé para pisar no pântano traíçoira, onde o esperava a morte. O seu olhar encantado estava preso à maravilhosa visão, coberta de névoa ligeira e clara.

Uma cruz dourado-clara desenhava-se em cima da cabeça do cavaleiro.

– É espantoso!... Magnífico!... – ouvia-se de todos os lados, quando a primeira impressão tinha cessado.

Comovido, Pavel Sergueevitch abraçou e beijou carinhosamente Marina, depois ele estendeu as duas mãos para o pintor.

– O seu quadro, Serguei Sergueevitch, está acima de todos os elogios, além disso, que coisa forte! Sim, na nossa época, quando a poesia é extirpada da arte, deve haver muita decisão e independência de pensamento para pin-

tar uma obra tão mística e poética, e ainda por cima instalar uma cruz cristã como o símbolo da salvação do homem no caminho da tentação. Eu compro este quadro, qualquer que seja o preço, e depois da exposição o levarei para o meu escritório.

O conde Stanislav também estava admirado e pediu o consentimento de Adaurov para fazer uma cópia e colocar na sua galeria de quadros em sua estância, ao que recebeu a permissão do general.

– Serguei Sergueevitch, o senhor sabe que sua "visão" tem um grande defeito? – dirigiu-se Zemovetski ao pintor.

– Qual é? – ouviram-se as vozes curiosas.

– Nele sobrou pouquíssimo de satânico. Não é o inferno com todas suas tentações que está olhando para o cavaleiro com esses lindos olhos misteriosos, mas antes um dócil anjo com espírito sonhador.

– Que bobagens você diz – interrompeu-o Juliana, rindo. – Eu penso que todos sabem que demônios muitas vezes tomam a aparência angelical para enganar os mortais, ávidos de tentações...

Todos riram de todo o coração e com isso a crítica cessou.

Sem ocupar-se mais do quadro, Marina novamente estava a par dos acontecimentos de casa. No início deu na vista que a madrastra não estava tão alegre, como antes; às vezes, quando achava que ninguém estava olhando para ela, até ficava pensativa e preocupada. Mas depois, ao saber que ela seria mãe, Marina atribuiu a sua inquietação e meditação com o seu estado enfermizo e deixou de pensar sobre isso.

Agora Zemovetski visitava bem mais raramente, mas em compensação, ele quase sempre era seguido por Tudelskaia que corria com insistência atrás

do conde.

Uma mudança desfavorável aconteceu no humor de Pavel Sergueevitch: ele parecia muito preocupado, irritado, impaciente e, o que sobretudo surpreendeu Marina, foi que às vezes era descortês em relação a sua esposa.

Olhando mais atentamente, ela percebeu que o mau humor do seu pai era provocado principalmente pelas visitas de Zemovetski. Até uma vez, quando anunciaram que chegara o conde, Pavel Sergueevitch de repente levantou-se, saiu para o seu escritório sob o pretexto de ter muita coisa para fazer e nem apareceu na hora da chá. Quando no mesmo dia, à noite, depois que o conde tinha partido, Juliana foi para o escritório do seu marido, de lá ouviu-se uma conversa em voz alta. Mais tarde a esposa do general saiu com os olhos chorosos.

Marina voltou para o seu quarto extremamente agitada.

A briga daquele dia do seu pai com a sua esposa, de repente, lembrou-lhe a cena entre Zemovetski e Juliana, a que ela assistira à noite, no dia do aniversário de Pavel Sergueevitch. Ela também lembrou-se das palavras ditas naquele dia pela sua madrastra: "Pol é ciumento e nessas coisas não está para graças". Será que o pai começara a suspeitar de algum jeito que Stanislav cortejava a própria prima e beijava-a por trás de suas costas?

Amargurada, Marina continuava a observar e dela não escapou que o seu pai estava cada vez mais frio e irritado, a madrastra estava preocupada com alguma coisa e tinha a aparência amuada, quanto ao conde, ele não comparecia na sua casa já fazia três ou quatro dias. Então um caso inesperado confirmou os pressentimentos tristes de Marina.

Naquele dia seu pai almoçava no clube e Juliana fora visitar seus paren-

tes. Só Marina ficou em casa, alegando estar com enxaqueca. Ela almoçou sozinha e foi para biblioteca do seu pai onde gostava muito de ler, quando Pavel Sergueevitch não estava em casa. A sala era de tamanho médio e estava ao lado da sala para fumantes. Todas as paredes estavam ocupadas por estantes com livros, na frente das janelas estava a escrivaninha e uma poltrona de estilo Voltaire; à noite lá costumavam acender a luz; o pesado reposteiro de pelúcia separava esta parte do resto da biblioteca.

Marina escondeu-se no seu canto preferido e absorveu-se na leitura. De repente ouviu no quarto para fumantes a voz do seu pai, mas ele não estava só, em seu interlocutor ela reconheceu a voz de general Kuriatin, o amigo de Pavel Sergueevitch. Ela levantou-se, desagradavelmente surpreendida com a volta inesperada do pai, por saber que normalmente ele voltava do clube muito tarde. Tendo o humor excitado, qualquer ninharia para ela parecia suspeita.

– O que significa tudo isso? – pensava ela.

Ela estava indecisa e hesitava se saía do seu canto ou esperava quando o pai e seu hóspede fossem para o escritório.

Mas Pavel Sergueevitch resolveu, parece, ficar lá no quarto para fumantes e com uma voz muito irritada respondia a uma pergunta do seu companheiro, a qual Marina tinha ouvido mal.

– Você notou com justiça, Kostia, que ultimamente eu tenho estado perturbado e vou ser totalmente sincero com você. Quando aconteceu aquela história com Nádia, a minha primeira esposa, você era o meu único confidente. Não posso deixar de esconder de você que tenho medo de um novo escândalo; receio exatamente agora quando esperava encontrar uma felicidade tran-

qüila.

– Escute, Pavel, pode ser que tudo isso sejam ninharias, pode ser que simplesmente seja você mesmo quem crie o espantalho. É verdade que a sua esposa gosta de exhibir-se, por outro lado, que mulher bonita não faz isso? Até agora ela não dava motivo sério para descontentamento. E agora, enquanto Juliana Adamovna se prepara para ser mãe, evidentemente, ela não vai começar a fazer bobagens.

Os interlocutores ficaram um pouco calados, depois Pavel Sergueevitch pôs-se a falar novamente:

– Pode ser que eu seja desconfiado demais, mas mesmo assim dá para perceber algo duvidoso. Esse primo Zemovetski, falando entre nós, é um perfeito vagabundo e visita a nossa casa freqüentemente demais. Eu comecei a perceber alguns cochichos e uma vez me pareceu que Juliana estava saindo da casa onde mora o conde.

É verdade que ela estava sob um véu e estava vestida de maneira muito simples. Mesmo assim eu tenho quase certeza que não me enganei. Eu me apressei para casa e interroguei a criadagem, mas o porteiro, que tinha sido mandado não se sabe para onde, não sabia de nada, já a criada me convencia que Juliana não tinha saído de casa e estava ocupada com a sua costureira. Entretanto, eu não confio nessa mulher: ela é astuta como o diabo e ainda por cima hipócrita. Tenho que notar que em casa há três entradas e duas delas têm saída para a travessa, onde não tem porteiro. Uma destas entradas leva ao corredor e ao quarto de Juliana. Este caso não sai da minha cabeça e despertou em mim desconfiança; e em geral, a própria aparência daquele senhor, que passa aqui o tempo todo, me enoja.

– Espere, mas parece que o conde está atrás de Tudelskaia?

– Hum! Mas quem sabe? Não foi só uma vez que Tudelskaia lançava olhares para Juliana e o conde, ela sem dúvida tem ciúmes da minha esposa; significa que ela tem razões para isso. Quanto a mim eu não estou para brincadeiras em tais casos e abro bem os olhos – se pegar em flagrante este par, eles me pagarão caro.

Pavel Sergueevitch deu um murro na mesa.

– Eu não permitirei que este miserável rapazola me corneie e, se eu tiver a menor dúvida sobre a origem da criança a nascer, a matarei e me baterei com ele em duelo.

A sua voz tremia da surda indignação contida.

– Você entrega-se a loucuras, Pavel, – com desaprovação notou Kuriatin. – Será que pode deixar se arrebatado tanto? Não invente: bater-se em duelo com um almofadinha por causa de qualquer flerte? Tenho certeza que a sua esposa é muito esperta e prudente para se arriscar com uma traição evidente.

– Não, eu não admito que isso seja possível. Sem dúvida, ela não é Nadejda Nikolaevna, que amava você loucamente e era franca até em seus erros. Mas no dado caso, me parece, você está exagerando e, sendo muito desconfiado, pode impensadamente fazer uma cena tempestuosa, que pode causar danos a sua saúde, pois o seu estado exige cuidados. Finalmente, você tem uma filha adulta, pense bem como vai refletir nela todo esse escândalo.

– Sim, você está certo, Kostia; eu tenho que estar calmo e ser prudente. Obrigado, meu amigo, por me dar um conselho sensato e prometo a você que nada farei até que não tenha em mãos uma prova evidente da criminalidade

da minha esposa.

Depois de alguns minutos os dois entraram no escritório.

Marina tremia como se tivesse febre amarela. Assim que o seu pai saiu, ela, como uma sombra, esgueirou-se por uma porta oposta, infiltrando-se no seu quarto e fechando-se lá.

O medo pelo seu pai e a indignação pela sua madrasta lutavam no seu espírito. A cena, vista por ela entre o conde e Juliana, mostrava que a suspeita do seu pai podia ser fundamentada. Mas, meu Deus, o que poderia acontecer, se ele presenciasse qualquer episódio semelhante? Ele mataria Juliana e Zemovetski! Seria uma infelicidade, uma vergonha e um evidente remorso posterior!

Agora a única salvação, para ela, de todas essas desgraças era a prece e então ajoelhou-se perante as suas imagens.

No dia seguinte eles assistiam a uma peça de teatro. Marina com grande desgosto avistou o conde na primeira fileira da platéia. Durante o intervalo ele chegou para cumprimentar a família Adarov, parecendo nem se dar conta da frieza de Pavel Sergueevitch, ficou no camarote deles durante toda a segunda parte.

Marina parecia que estava sobre brasas e o seu descontentamento era tanto que, quando Zemovetski saiu e Juliana sentou-se no fundo do camarote, ela se aproximou da madrasta e disse a meia voz:

– Gostaria de saber por que o conde sempre nos segue como uma sombra?

Juliana ruborizou um pouco.

– Eu posso dirigir a você a mesma pergunta, querida Mara – sem hesi-

tação e zombateiramente, retrucou ela. — Para falar a verdade, eu não posso mandar Stanislav embora somente porque ele a admira.

Marina não disse nada; não teve coragem de responder algo que pudesse atrair a atenção do seu pai e assim aumentar a sua suspeita, tanto que nesse momento ela surpreendeu um sorriso no rosto de Pavel Sergueevitch. Então ele ouvia tudo, mesmo observando a sala atentamente através do binóculo.

O general escutava tudo e de repente ocorreu-lhe uma idéia: que poderia ser que Marina realmente tivesse agradado ao conde, ela era bastante bonita para isso. Neste caso o cochicho da sua esposa e do conde poderia ser simplesmente um pedido de casamento.

Esta idéia o acalmou; o cortejo por esse lado não o ameaçava, pois o desprazer de Marina demonstrava que ela não gostava do conde e só isso.

Era final de março. Uma manhã, após despedir-se do seu pai, Marina como sempre foi para a saleta da sua madrasta para ler um livro com ela até o café da manhã, quando de repente parou embaraçada na sala.

Uma conversa em voz alta chegava da saleta e Marina reconheceu a voz aguda de Tudelskaia:

— Não e não! Não vou ficar calada, apanharei você, uma coquete sem-vergonha, uma intrigante baixa, você me roubou o coração de Stanislav. E eu, uma boba, quantos meses servindo de biombo para suas aventuras amorosas! Mas para mim chega destas brincadeiras, agora vocês estão nas minhas mãos. Eu encontrei a pista de vocês e interceptei uma carta, bastante evidente, do conde, para abrir os olhos desse tolo Adaurov, quem é o mago que dá para ele um herdeiro no sexto ano de casamento. Ainda hoje mandarei esta carta para o seu marido e de antemão quero dar os parabéns com uma explicação

agradável que espera por você.

A porta se abriu fazendo barulho e Tudelskaia saiu voando da saleta, como uma bomba, passou correndo sem notar Marina, encostada na parede e deprimida com o que tinha ouvido. O rosto de Tudelskaia, desfigurado de raiva e coberto com manchas vermelhas, apesar do pó-de-arroz branco e do carmim, horrorizou Marina, mas imediatamente a reflexão sobre seu pai dominou todo o seu sentimento.

– Coitado do meu pai! A sua vida está arruinada novamente... O que poderá acontecer quando ele souber da sua desonra? Sem dúvida, desafiará o conde para um duelo, e se matarem o meu pai?

Uma piedade indescritível dominou o coração de Marina. Ela estava pronta a dar a sua vida, sem hesitação, para poupar o seu querido pai de toda essa vergonha e desgraça... Entretanto qual seria a saída, em que poderia consistir a salvação, e ela seria possível?

Ela correu até a saleta e encontrou Juliana soluçando convulsivamente no sofá, a cabeça afundada nos travesseiros.

Tomando a mão da sua madrasta, começou a sacudi-la.

– O que foi que você fez? – severamente e com a voz surda perguntou Marina. – Como a senhora se atreveu a trair meu pai? Se ele souber da sua desonra, a sua vida estará arruinada; ele matará o conde ou ele próprio será morto.

Juliana levantou-se de um salto do sofá; o medo e a raiva pareciam lutar dentro dela.

– Você ouviu aquelas maluquices dessa mulher furiosa?

– Sim, ouvi tudo. Diga-me o que está escrito na carta que ela tenciona

enviar para o meu pai?

– Eu não sei – transtornada murmurou Juliana. – Essa carta de Stanislav para mim... "quelques paroles d'amour"... e nada mais, mas isto já é o suficiente para me arruinar.

Ela mostrou o seu horror com as duas mãos.

– Você, Marina, não sabe como o seu pai é ciumento e como ele é perigoso quando encolerizado. Ele matará não somente o conde, mas também a mim. Uma megera infame, essa Tudelskaia! Ela está louca por Stanislav e tentava até divorciar-se para poder se casar com ele, enquanto ele a cortejava somente por divertimento. Sem dúvida, agora ele disse toda a verdade. Então por vingança, não sei como, ela roubou a carta e quer fazer um escândalo sem precedentes. Meu Deus! O que vou fazer? É melhor me envenenar ou fugir.

Ela caiu no sofá, mordendo com raiva seu lenço de cambraia.

– Agora não é hora para se enfurecer, é melhor a senhora pensar se pode interceptar essa carta a fim de, de alguma forma prevenir esse escândalo. Se eu puder a ajudarei de bom grado.

Juliana pôs-se ereta e, apoiando-se com a mão na mesa, ficou pensativa; depois de alguns minutos levantou a cabeça e de maneira um tanto estranha olhou para Marina, que pálida estava de pé à sua frente.

– Interceptar a carta é quase impossível: Tudelskaia tomará suas medidas para que ela chegue ao seu destino. Contudo há um meio para arranjar tudo isso... Mas eu não me atrevo nem a abrir a boca para mencionar tal sacrifício...

– Fale! Estou pronta a tudo por meu pai, pois sei como ele ama a senhora.

– É preciso que você assuma tudo, que diga que o conde escrevia para você e que vocês se amam, que eu somente sou a protetora do seu amor. Em poucas palavras, eu conseguirei explicar tudo devidamente, já que em você Pol acreditará: ele sabe que você não mente. Mas... em consequência você terá que se casar com Stanislav... Será que você acederá a isso?

Marina parecia imóvel, escutando-a.

– Eu devo me casar com ele?.. – perguntou surdamente, empalidecendo.
– Em que, então, consiste a ajuda? Tudelskaia de qualquer modo não vai demorar a desmascarar o engano...

– Ah, não! Nós vamos explicar a sua calúnia com ciúme e o desejo de causar um rompimento entre você e o conde. Mas, repito, eu não me atrevo a esperar de você tal sacrifício...

Marina apertou a mão contra o coração e ficou pensativa; lia-se uma difícil luta espiritual no seu rosto pálido e desolado.

Dentro de alguns minutos, que pareciam uma eternidade para Juliana, ela começou com voz baixa:

– Estou pronta a me sacrificar por amor a meu pai.

Mas se sobra uma gota de consciência na sua alma, jure para mim perante uma imagem que nunca mais na vida atentará contra a felicidade e honra do meu pai.

Ao ouvir tal decisão, Juliana, que observava com tremor a luta interior de Marina, caiu de joelhos perante ela e chorando começou a beijar as suas mãos.

– Você é um anjo! Deus lhe pague pelo seu ato generoso.

Levantando-se, agarrou Marina e a conduziu ao seu dormitório, onde na

parede ao lado da cama estava um crucifixo; lá, tocando com a mão a cruz, Juliana jurou que jamais na vida iria arriscar o nome que usava, e daí em diante iria se dedicar ao dever que lhe fora concedido.

– E agora, – acrescentou ela, – imediatamente colocarei Stanislav a par do que aconteceu e depois vou até o seu quarto para que nós juntas possamos planejar como agir mais adiante.

Marina fez silenciosamente um aceno com a cabeça, puxou a sua mão e saiu correndo para o seu quarto fechando a porta à chave.

Caiu na cama e rompeu a chorar; mais tarde, quando o acesso de desespero passou, ela se levantou, lavou os olhos, inchados e vermelhos por causa das lágrimas, e se sentou ao lado da janela, procurando pôr em ordem seus pensamentos. Para poder desempenhar o papel que ela assumira, tinha que estar calma; a angústia encheu seu coração.

– Minha mãe, – pensava ela. – Por que você não o perdeu, quando ainda tinha tempo? Será que você já não tinha se desferrado o bastante? Mas você estava certa quando dizia que o pântano iria me tragar... Meu Deus, em que sujeira eu mergulhei! Eu encubro a libertinagem infame com a minha vida e esta criança vai usar o nosso nome. Porém eu não posso proceder de outro modo. Se meu pai não fosse tão irascível e excitável, seria outra coisa; tomado de cólera, ele poderia cometer algo que mais tarde o tornaria infeliz a vida toda. Não, o meu dever é salvá-lo. Aliás, isto não faz diferença: se serei a esposa deste farrista e libertino, ou de qualquer outro. O homem realmente honesto e nobre tem receio de uma "flor do pântano", como eu...

Ela atirou a cabeça para trás no encosto da poltrona, fechou os olhos e entregou-se ao sentimento de cansaço que a tinha dominado.

Passaram-se duas horas quando de repente bateram na porta e entrou Juliana.

Ela ainda estava pálida, mas parecia mais tranqüila, sentou-se ao lado de Marina e apertou a sua mão.

– Amanhã o conde virá para pedir oficialmente a sua mão em casamento. Vou pedir a Deus por você o resto da minha vida, – cochichou insinuantemente ela.

Ao ver o tremor nervoso que abarcava Marina, Juliana a acalmou e depois começou a discutir o que elas tinham a fazer. Ao que parecia, ela ponderara sobre todos os acasos e preparara para Marina todas as respostas a todas as perguntas possíveis do seu pai.

Quando para o almoço voltou Pavel Sergueevitch, Juliana parecia alegre e no rosto de Marina também não se via nada senão uma leve sombra de tristeza.

Mal Adaurov levantou-se da mesa, o porteiro entregou um envelope ao general; Juliana e Marina logo reconheceram o autor por um monograma grande no envelope.

Marina inquietou-se, corou e, para pôr fim à incerteza, dirigiu-se ao seu pai:

– Papai, eu preciso falar com você – com uma voz insegura começou ela. – Será que você poderia me dedicar meia hora?

Ao ver o embaraço e o rubor no rosto da sua filha, Pavel Sergueevitch deu umas palmadinhas na sua face e carinhosamente disse:

– Venha comigo, minha pequena, para o meu escritório e me conte o caso.

Ele recebeu a carta das mãos do criado e leu o monograma.

– Novamente desta Tudelskaia!

Levou consigo a missiva da traição e a jogou na escrivaninha. Ao se sentar na poltrona, ele pôs a filha no colo.

– Então, querida, diga o que você quer. Dinheiro, alguma coisinha de ouro ou algo diferente? Diga francamente, não fique tão abatida.

Por um momento a fraqueza dominou Marina; as lágrimas brotaram dos seus olhos e ela abraçou o colo do pai com as mãos.

– Tenho medo que você fique zangado comigo, papai. Eu não fui sincera com você como deveria. Mas, veja, eu morei tanto tempo longe de você que, apesar de todo o seu carinho e bondade, ainda receio... tenho vergonha...

Pavel Sergueevitch pegou-a pelo queixo, olhou nos seus olhos confusos.

– Tal prefácio promete a revelação de um segredo íntimo. Entretanto não é o caso de tremer e temer. Daqui a pouco você fará dezoito anos e essa é a época do amor e dos sonhos. Agora diga para mim quem roubou o seu coração?

– Eu achei que você tivesse uma certa antipatia por ele... É o conde Stanislav e amanhã virá para pedir a minha mão em casamento.

– Zemovetski? – ficando carrancudo, repetiu Adaurov. – Confesso que não esperava ouvir de você este nome e preferia outro marido para você. Não posso dizer que na realidade tenha algo contra ele: ele é um rapaz bonito, de uma família digna, é rico e de reputação impecável; mas ele é uma pessoa leviana, tem fama de um grande pândego e ainda neste inverno flertava com Tudelskaia. Você deve ter notado isso.

– Sim, papai, ele cortejava essa mulher asquerosa para despertar o meu

ciúme. Ele me ama desde os tempos de Mônaco; Juliana sabe disto e é a nossa madrinha.

– Ah é? Pois então essa é a causa de todas as suas consultas e cochichos intermináveis. Imagine só, como estas mulheres gostam de arranjar casamentos!

– Você não sabe de tudo, querido pai. Tudelskaia está loucamente apaixonada por Stanislav Boleslavovitch e o persegue decididamente, colocando na cabeça, que ele se casará com ela, se ela se divorciar. Finalmente ele ficou farto disso e declarou a ela que me ama. Hoje ela veio voando, como uma ferra, lançou-se sobre nós e fez uma cena, exigindo que Juliana Adamovna a ajudasse e não a mim.

Logo, declarou que você jamais me casaria com um polonês. Para pôr fim e provocar o rompimento entre nós, ela disse que lhe mandaria imediatamente uma carta que o conde escreveu para mim e que ela roubou não se sabe como. Isto é infame, asqueroso por parte dela, mas eu tenho certeza, que é esta mesma carta. Papai, querido, me entregue a carta – implorava Marina, ficando vermelha até a raiz dos cabelos.

O pai estendeu-lhe a carta.

– Pegue-a, amiguinha.

Marina escondeu apressadamente a carta atrás do corpete e, ao apertar a sua facezinha aveludada contra a face do pai, sussurrou indecisamente:

– Então eu posso esperar que você dê uma resposta positiva ao conde?

Pavel Sergueevitch guardava silêncio pensativamente e um sentimento penoso apertou o seu coração.

Não tinha nada de definitivo que pudesse culpar Zemovetski; seria um

brilhante partido em todos os sentidos, quanto a Marina, ela era muito linda para não prender até este homem tão fútil. Entretanto a sua voz interior lhe sugeria que a sua filha não seria feliz com o conde. Stanislav tinha algo que ele não gostava. E outra coisa: a sua avó, uma velha santarrona cercada sempre de padres e de várias pessoas suspeitas, era-lhe repugnante. Para finalizar, só pensar que Juliana intrigava e ajudava o conde a seduzir Marina o irritava.

Ao encontrar o olhar amedrontado e enevoado de lágrimas ele suspirou penosamente e a beijou.

– Tudo bem, eu aceitarei o pedido do conde. Parabéns, minha querida, vou pedir a Deus por sua felicidade.

Marina beijou fortemente o pai e saiu correndo. Não conseguia mais fingir. Passou diretamente do escritório do seu pai para a saleta, onde Juliana, alvoroçada e pálida, fingia ler um livro.

Ao parar à frente da sua madrasta, rompeu o envelope e tirou duas cartas: uma delas era do conde e a outra de Tudelskaia. Dando uma olhada nas assinaturas, ela as jogou na mesa.

– Eis aí a prova da sua vergonha, elimine-a na minha presença. Mas cuidado, mantenha o seu juramento. Paguei o preço da minha vida futura e não quero que o sacrifício que fiz seja em vão. Quero que o meu pai seja feliz! Está me ouvindo?

– Ele será feliz, lhe juro – respondeu decididamente Juliana. – A minha imprudência me custou muito caro.

Após percorrer com os olhos as cartas, ela as jogou na lareira. Quando das provas sobraram apenas as cinzas, Marina saiu.

Ao voltar ao seu quarto, ela caiu na poltrona e cobriu os olhos com as mãos. Sentia uma tontura. O seu futuro parecia um abismo sombrio onde ela caía.

Tudo estava acabado... Ela se casaria com um homem que não amava e nem respeitava e que era amante da sua madrasta. Estremeceu de repugnância e de repente na sua memória ressurgiu a imagem do barão Farnrode. Ah, se ele fosse aquela pessoa para quem amanhã daria a sua palavra!

Mas ele não confiava nela; ele tinha medo e não queria salvá-la. Ela com raiva afastou as recordações sobre o barão; uma tristeza e amargura indescritíveis encheram o seu coração e ela desatou em pranto.

Daquele jeito, com o rosto coberto de lágrimas, ela foi encontrada pela babá. Avdotia Mironovna assustou-se com o aspecto desconcertado de Marina e começou a indagar o que estava acontecendo.

Nunca antes Marina se sentira tão solitária e tinha a necessidade de abrir o seu coração e falar com alguém sobre a sua dor; ela não tinha mais forças para dissimular e ficar calada.

– Jure por Deus, babá, que não passará para ninguém o que eu vou lhe dizer – murmurou ela, abraçando a pajem.

E depois que a velha rezou freneticamente perante as imagens, Marina, sufocada, contou-lhe tudo o que tinha acontecido.

A cabeça de Avdotia Mironovna sacudia da emoção enquanto ela escutava a moça.

– Maldita – resmungava com raiva a velha. – É você, a minha pombinha, que agora tem que pagar os pecados dos outros para dispensar o patrão da vergonha e da dor? Coitadinha, é de crer que você nasceu em má hora! Po-

rém Jesus Cristo e Nossa Senhora estão vendo o seu amor filial e abençoarão você. Fique sossegada, a sua velha babá não dirá a ninguém até à morte e rezará para que Jesus Cristo poupe você.

Ela pegou a mão de Marina, levou-a até as imagens e ajoelhou-se junto com ela.

– Peça a Deus para que Ele proteja você – disse severamente, com muita fé, a velha.

O ardente impulso de oração acalmou Marina, dando-lhe confiança na bênção dos céus.

No dia seguinte esta convicção também não abandonava Marina. O seu belo rosto de pouca cor e como de costume pensativo ficou naturalmente agitado, quando a chamaram para a sala de visitas, onde estava o conde. O seu pai pegou a sua mão e a pôs na mão de Zemovetski, dizendo que estava dando o seu consentimento.

Depois o pai saiu para o trabalho e deixou a discussão dos detalhes para depois do almoço. Os noivos ficaram sós.

Um silêncio embaraçoso e penoso reinou durante alguns minutos. O conde estava pálido e seu bonito rosto também estava emocionado. Ele olhava para a cabecinha abaixada de Marina com um olhar um tanto estranho. Depois de se conter, finalmente, pegou a mão da noiva e aproximou a boca para beijá-la.

– Perdoe-me que deste jeito intervenha na vida da senhorita, entretanto, acredite que faço todo o possível para ser digno da felicidade de chamar a senhorita de minha esposa. Até agora eu nem me atrevia a pensar na senhorita, mas será que é possível vê-la e não amar? Juro que esta insensatez, a qual eu

lamento, foi a última.

Marina suspirou.

– Acredito no senhor. Vamos unir as nossas melhores intenções para cumprir uma tarefa penosa para ambos: o senhor se casará comigo para salvar a honra da sua prima, eu me caso com o senhor para preservar a felicidade e a tranqüilidade do meu pai. Somente o futuro irá nos mostrar se superamos as dificuldades das obrigações que assumimos. Entretanto eu acho que entre nós não precisamos mentir e fingir um amor inexistente, porque a base do nosso casamento é profundamente humilhante para a minha dignidade feminina. Mesmo assim prometo que cumprirei honestamente o meu dever e não exijo nada senão respeito.

– O desejo da senhorita é lei para mim.

– Mais um pedido, conde. O senhor entende como é duro desempenhar o meu papel para que o meu pai não perceba nada; por isso gostaria de reduzir na medida do possível a situação atual.

– Entendo. Eu partirei para Tcharna sob pretexto de arrumar a casa para a vinda da senhorita. Porém a minha saída tem que ser preparada de tal maneira que não pareça uma fuga.

Marina acenou que sim.

– Resignar-me-ei ao inevitável, claro, e depois tenciono visitar a minha tia em um convento por algum tempo. Acredito que meu pai nada terá contra isso.

Durante o almoço, onde se reuniram as pessoas mais próximas, entre outros conhecidos, os esponsais foram anunciados. Brindaram à saúde dos noivos e zombaram da confusa Marina quando o conde teve que beijar a noiva.

Pavel Sergueevitch estava tão alegre e animado que, observando-o, Marina ficou contente: tendo uma natureza entusiasta, neste momento achou o seu sacrifício leve.

À noite decidiram que o casamento seria realizado dois meses depois e dentro de uma semana o conde partiria para Tcharna.

Por mais difíceis que fossem esses momentos para Marina, ela cumpria cuidadosamente o seu papel de noiva feliz. O luto, em que ela estava, a dispensava da festa pomposa de noivado e nos círculos mais íntimos ela recebia os parabéns com alegria.

Juliana também estava contente e feliz e parecia muito ocupada com a preparação do enxoval e durante horas arrastava a sua enteada pelas lojas.

O mais penoso era passar as noites quando os noivos estavam juntos. Stanislav procurava tanto quanto possível atenuar o embaraço das relações, distraindo Marina com conversas sobre Tcharna, desenhando para ela os planos da futura residência e discutindo detalhadamente o arranjo e mobiliário dos quartos. Marina não tinha nada contra tais conversações e discutia com vontade questões de tal espécie.

V.

O castelo Tcharna (que significa Negro em polonês) fora construído ainda no século XVI. Ele estava numa colina alta, um gigante sombrio e imponente com três torres pontiagudas.

No começo Tcharna era um forte, mas com o tempo aterros e muralhas foram arrasados e o fosso do castelo fora coberto. Agora o castelo estava cercado por um enorme parque, cuidadosamente conservado, pelo qual corria um riacho com pedras.

A aparência externa do castelo também sofrera transformações. Ao lado do prédio principal fora anexada uma nova ala que não combinava absolutamente com a aparência feudal da construção principal. Havia um terraço largo com colunas no estilo italiano e uma grande janela veneziana.

Entretanto, a velha condessa não gostava desta nova construção e ocupa-

va os aposentos ao lado de uma das antigas torres e na medida do possível ela reconstruía tudo que lembrava o passado.

Depois do almoço, ela e o conde Stanislav estavam sentados na sala de visitas ao lado do quarto da condessa. Pelos seus rostos corados logo se percebia que a conversa tinha sido tempestuosa.

A condessa Zemovetski era uma mulher que tinha mais de sessenta anos; porém ela estava tão bem conservada que dificilmente dava impressão de ter mais de cinqüenta. Era alentada e até maciça, e a cor do rosto era levemente vermelha como das pessoas florescentes; o cabelo grisalho caía sobre as orelhas; os traços secos e angulosos e os lábios finos e cerrados eram sinal de algo cruel e desdenhoso, nos olhos negros e perspicazes irradiava-se uma mistura de algo maldoso e de hipocrisia afetada. Agora ela olhava para o neto, carregando as sobrancelhas com um ar severo.

– Repito-lhe; Stanislav, a sua conduta é inadmissível. Será que pôde ser tão leviano para se meter com uma parente? Será que há poucas mulheres fora essa Juliana imprestável? E por favor, não retruque! Juliana não presta, caso contrário ela não se casaria com um "moscovita". É evidente que naquela casa não guiam o seu espírito devidamente, senão ela não entraria num relacionamento amoroso com o seu primo, não inventaria uma nova infâmia para cobrir toda esta sujeira – casar você com uma "moscovita" e de tal modo dar para os futuros condes Zemovetski uma mãe herege...

A sua voz tremia de cólera e os olhos faiscavam.

O conde que andava de um canto para outro, pondo as mãos nos bolsos, parou na frente da sua avó e mediu-a com um olhar zangado.

– Você prefere, provavelmente, que ela seja desonrada publicamente e

que eu seja ferido ou morto em um duelo com Adaurov? – disse com a voz surda e irritada. – Sem dúvida, procedi imprudentemente, nós ambos não sabemos como aconteceu essa tolice; porém se a coisa já ocorreu, eu lhe exijo, avó, que você acolha Marina como parente, pelo menos aparentemente. Ela é tão jovem, dócil e magnânima que isso facilita muito o meu sacrifício inevitável. Além do mais ela não deve nunca suspeitar que você conhece a razão do nosso casamento.

– Se no presente caso não se tratasse da salvação da honra de uma T-chervinski, jamais daria a minha permissão para este horrível casamento. Entretanto, se eu aceitar o fato que você prefere o casamento ao duelo, saberei o que exige o bom-tom e não será você quem irá me ensinar como devo me comportar.

– Não vou lhe exigir mais nada, vovó. Eu também preferiria me casar com uma católica, porque não aprovo os casamentos mistos, mas... agora não há outra saída e nosso sacrifício é inevitável.

Ao dar às pressas um beijinho na mão da condessa e, parecendo satisfeito com o encerramento da desagradável explicação, ele saiu.

Ficando só, a condessa agitada começou a andar pelos quartos; a expressão de raiva e desprezo surgiu momentaneamente no seu rosto, de quando em vez um sorriso maldoso torcia a sua boca fina.

Embora lá fora ainda estivesse claro, pouca luz penetrava através das estreitas janelas com vidros coloridos e o quarto estava coberto de penumbra; os móveis antigos e reposteiros de veludo violeta escuro faziam o quarto ainda mais sombrio.

– Procure saber se o padre Ksaveri está em casa e se estiver, peça-lhe pa-

ra vir – deu ela as ordens ao criado.

O criado voltou logo, informando que "seu reverendo" fora ao povoado vizinho para visitar um doente.

A condessa apoiou-se com o cotovelo no peitoril da janela e ficou pensativa.

Ela estava tão absorvida pelos seus pensamentos que não percebeu quando acenderam as lâmpadas e levantou a cabeça somente quando alguém parou na frente da sua janela.

– É você, Camila? Pensei que fosse o padre Ksaveri. Que aspecto perdido você tem, aconteceu alguma coisa?

A senhora Camila Vrublevskaia, a companheira e até parcialmente uma parente da condessa, era uma solteirona, baixinha, descamada e loira. Sempre se vestia de preto, usava um rosário nas mãos e, como colar, uma cruz com contas no pescoço; apesar de tal hábito monacal, as faces da senhora Camila estavam sempre com carmim e as sobrancelhas maquiadas.

– Acabei de saber que o jovem conde vai se casar, será que é verdade? Sim? Posso dar os parabéns?

– Sim, Camila, é verdade, só que não é caso de se alegrar. Stanislav se casará com Adaurova, a filha do marido de Juliana. Mas quem contou a você sobre o casamento?

– Jesus, Maria! Com uma herege? – ergueu os braços, aturdida Camila.
– Quem me contou isso foi Franco, um criado do jovem conde – voltando a si, continuou ela – Escutei barulho na galeria de arte, ao lado do escritório do conde, fui lá para ver o que era, vi que abriam uma grande caixa que acabaram de trazer da ferrovia. Naquele momento o conde me disse que aquele

era o quadro onde estava o retrato da noiva. Depois o quadro será levado para escritório do conde Stanislav, mas por enquanto até que lá haja lugar, ficará por algum tempo na galeria. O conde disse que ele próprio indicará onde e como colocar as lâmpadas para uma melhor iluminação – informou a senhora Camila.

– O retrato da noiva? Neste caso seria interessante dar uma olhada nela. Pois não tenho nenhuma noção sobre sua aparência. A atenção de Stanislav inspira a desconfiança de que a moça parece ser bastante bonita – maliciosamente notou a condessa.

O jovem conde ocupava a ala do castelo recentemente construída. A longa galeria de vidro ficava adjacente ao seu escritório, todas as suas paredes haviam sido cobertas de quadros e retratos, as estátuas e plantas raras também foram colocadas lá; essa galeria dava saída para um amplo terraço. Fora nesta galeria, que o conde resolvera instalar por um tempo o quadro "A centelha errante", que lhe deu Pavel Sergueevitch, deixando para si uma cópia.

Ao se dirigir aos aposentos do seu neto, a condessa encontrou no caminho o padre Ksaveri e o levou consigo.

– Padre, vamos dar uma olhada no retrato da futura esposa de Stanislav. Ele acabou de declarar para mim que irá se casar com a filha do marido de Juliana.

O padre quase deu um pulo.

– Casar-se com uma herege? Como pode?

– Infelizmente, é verdade, padre! Sobre isso eu gostaria de falar com o senhor especialmente; passe no meu quarto depois do chá.

O padre Ksaveri acenou com a cabeça concordando. Neste instante eles

entraram na galeria onde tudo estava desarrumado. As estátuas e adornos com as plantas estavam fora do lugar; os quadros tirados das paredes foram postos juntos no chão. Mesmo antes de "A centelha errante" haver sido pendurada e estando ainda encostada na parede, as lâmpadas com refletores já a iluminavam.

O próprio conde não estava, mas na frente do quadro havia um grupo de criados que trocava opiniões a meia voz. Ao verem a velha condessa, os criados se dispersaram. Ficou só Frantichek, que puxou para ela uma poltrona.

Zemovetskaia examinou o quadro por muito tempo e somente expressou o seu espanto com uma exclamação prolongada "Veja só!".

O padre ficou atrás da sua poltrona e, ao dar uma olhada no quadro, parou admirado. Os seus olhos fascinados se cravaram na visão fantástica de "A centelha errante". Ora o rubor vivo, ora a palidez profunda sucediam-se alternadamente no seu rosto. Ele não conseguia tirar os olhos daquela imagem encantadora e aérea de Marina e somente a voz da condessa tirou-o do torpor.

– Padre Ksaveri, o que o senhor acha disso?

– O traje é demasiado transparente e leve e, além do mais acho que este quadro é um mau sinal – respondeu ele com uma voz surda.

– Ah, sim. A noiva que contrai matrimônio, apoiando-se na morte e atraindo o seu cavaleiro para o perecimento .certo, não promete nada de bom. Mas eu estou persuadida que o sacrifício, feito por Stanislav, não é dos mais penosos – sorrindo com azedume, disse a condessa e saiu.

– Até logo, padre, eu vou esperar o senhor depois do chá.

Eram quase onze horas, quando o padre Ksaveri entrou na sala de estar

da condessa.

A sala estava vazia; o padre sentou-se junto à mesa, pegou nas mãos o livro de orações e o abriu, porém seus pensamentos estavam longe. A imagem de Marina surgia perante seus olhos e o coração batia fortemente no peito, enquanto a idéia fixa de que aquela mulher bela como um sonho seria a esposa de Stanislav permanecia na sua cabeça e o torturava.

O padre Ksaveri era um homem ainda jovem, alto e de compleição forte. Seu rosto fino e descorado era raspado e trazia uma expressão especial, que caracterizava um padre católico; seus olhos grandes eram impenetráveis e era dono de uma boa quantidade preta de cabelos crespos. Sob esta máscara de serenidade aparente, um observador perspicaz notaria o homem de paixões ardentes que talvez fossem reprimidas pela sotaina, mas não apagadas.

A chegada da condessa interrompeu as reflexões impetuosas do padre Ksaveri. Ela trocara o seu vestido de seda por um largo roupão preto de veludo e naquele instante parecia bem menos severa que antes.

Logo começou a falar sobre o futuro casamento e classificando-o como a maior tolice; já o fato de Marina ser uma russa deixava-a furiosa.

– O senhor entende, claro, como é repulsivo para mim ter uma "moscovita-heredeira" como neta. Eu a odeio, mesmo que ainda não a tenha visto, porque posso prever que influência nociva ela irá causar sobre seus filhos do ponto de vista religioso e nacional. Ela irá incutir-lhes o amor pela Rússia e a frieza para com a nossa religião. Quanto a mim, jamais esquecerei que em 1863 os russos enforcaram meu primo, um jovem bonito e genial, que prometia uma carreira brilhante. No caso da religião eu não admito nem mostras de fraqueza, nem concessões.

– Então por que a senhora permitiu este matrimônio? Motivos tão convincentes são suficientes para vetar, e eu aprovo completamente.

– Pois outra razão me força a dar o meu consentimento – respondeu a condessa com raiva e em poucas palavras contou as aventuras amorosas de Juliana e suas conseqüências.

– Que confessor bom tem a senhora Juliana, que não a proibiu de um amor pecaminoso entre parentes tão próximos. Deve ser que o conde também perdeu o temor perante Deus – indignou-se o padre Ksaveri.

– Oh! Stanislav está pronto a vender a alma por causa de uma mulher bonita, mas neste caso ele se submete a um pecado ainda maior. Imagine só, ele foi amante da mãe de Marina, a primeira esposa de Adaurov, de quem ele se separou. Eles se conheceram no exterior. Em Mônaco ele tinha relações abertas com ela.

Uma expressão estranha perpassou o rosto do padre.

– Pois isto é criminoso, é um dos pecados, que não perdoa nem a Igreja, nem os Céus. É dever sagrado da senhora impedir a realização de tal coabitação matrimonial, baseada em caráter criminoso e amoral. Se a senhorita Adaurova não está absolutamente corrompida, ela própria vai estremecer de horror e de repugnância ao saber que será a esposa do amante da sua mãe – replicou o padre Ksaveri, indignado.

– Entretanto, é difícil supor que ela não soubesse nada sobre isso; por outro lado, ela é linda demais para que Stanislav recuse voluntariamente seus direitos legítimos. Mesmo assim, eu pensarei seriamente sobre o que o senhor me disse e farei todo o possível para que o "sacrifício" de Stanislav não passe dos limites... platônicos – rindo com escárnio, terminou a condessa.

– Em todo o caso. – acrescentou ela – se a minha providência não ajudar ou se revelar ineficaz durante um longo tempo, eu tenho em vista outra solução para expiar o crime e fazer este matrimônio conveniente a Deus do ponto de vista cristão. Isto seria converter a minha futura neta à nossa sagrada religião católica. Ela ainda é jovem e por isso não pode ter os princípios religiosos muito firmes. Em relação a isto eu conto muito com o senhor, meu padre: a sua influência sábia e a força da persuasão poderão converter esta alma à fé verdadeira. E se ela se limpar do erro, será possível conseguir para ela e Stanislav absolvição.

– Seria uma solução desejável, mas será que eu consigo fazer isso?

– Se alguém puder conseguir, esse alguém será somente o senhor. Só para o senhor pode-se tranqüilamente incumbir a conversão de uma pecadora tão perigosa, porque o senhor é invulnerável aos encantos femininos.

Ela se inclinou e deu umas palmadas carinhosas na mão branca e bem cuidada do padre, procurando seus olhos com seu olhar terno e bastante significativo.

Quando o confessor saiu, a condessa ainda permaneceu por muito tempo sentada meditando.

Se alguém pudesse observá-la neste momento ficaria horrorizado com aquela crueldade fria e ódio implacável refletidos na sua face cheia.

– Sim – murmurou ela entre dentes -, jamais Stanislav possuirá a sórdida "moscovita", eu me erguerei entre eles. E se ela se verificar muito perigosa e não se converter à nossa religião, ela desaparecerá... É melhor que esta forasteira morra só para salvar o espírito de Stanislav. Isto será justo...

O padre Ksaveri era pároco no castelo e realizava a missa numa capela

antiga, montada luxuosamente pela condessa; ele morava na segunda torre onde ocupava dois quartos, mobiliados com luxo, mas severamente.

Eram aproximadamente duas horas da manhã e tudo no castelo repousava em sono tranqüilo; somente da porta aberta dos aposentos do padre Ksaveri ouviam-se os sons tocantes da *Appassionata* de Beethoven, que era tocada com um brilho maravilhoso e muita arte.

Quando o último acorde parou sob a mão do músico, ele se levantou, aproximou-se da janela e se debruçou nela. Neste momento, a máscara, que ocultava habilmente os sentimentos verdadeiros do jovem padre, foi tirada e no seu rosto descorado lia-se claramente uma luta difícil de sentimentos ardentes e desenfreados.

Ao ficar parado algum tempo, ele aparentemente decidiu-se a algo, pegou um pesado candelabro de duas velas e, passando pelos quartos vazios e silenciosos, dirigiu-se à galeria de vidro.

Colocando o candelabro de maneira que a luz iluminasse a figura de Marina, ele se sentou na poltrona, onde antes estava sentada a condessa, e cravou os olhos no quadro.

Com a iluminação fraca, a maior parte do enorme quadro mergulhava em penumbra, e somente a imagem leve de Marina e o crânio do esqueleto sobressaíram da escuridão. O padre Ksaveri deleitava-se, observando as formas maravilhosas, transparecidas através do tecido leve. Tendo a imaginação excitada, parecia-lhe que a veste vaporosa ondulava sob o sopro da brisa noturna, que as melenas ondeadas do cabelo maravilhoso tremiam e os lindos olhos aveludados fixavam-se nele e sorriam.

– E você, criatura maravilhosa, vai pertencer a este crápula e vagabundo

que estende a mão criminosa em sua direção? — pensava ele, sufocando de indignação. — Seus olhos inocentes são limpos, eles não mentem e na realidade não percebem aquela sujeira, com a qual pretendem maculá-la. Só que nunca, nunca você vai lhe pertencer; a sua impecabilidade e pureza de espírito me servirão de instrumento para abrir um abismo entre você e o seu marido.

Ele não conseguia tirar os olhos da pintura e ficou calado, depois pôs-se a rir baixinho e com escárnio.

— Fui eu a quem incumbiram convertê-la à nossa religião, porque eu, vejam, sou invulnerável aos fascínios das mulheres... Ha, ha, ha! Uma velha tola! Você não entende que para que eu possa suportá-la tenho que realmente ficar cego e couraçado de indiferença. Maldita sotaina!

Ele amassou convulsamente a aba da batina.

— Você me fechou o caminho para a legítima felicidade, mas nunca foi obstáculo para o amor... Eu quero que você me ame, fada de cabelo dourado, você já me enfeitiçou. Está aqui solitária e cercada de inimigos e, quem sabe, fique feliz, ao achar defesa e proteção em meus braços...

Ele ardia todo, sufocava-se e de repente, acercou-se de um salto ao quadro e beijou o ombro branco da "Centelha errante", mas no mesmo momento sobressaltou-se e retrocedeu.

Se era o brilho da chama trêmula da vela ou a combinação daquela luz avermelhada com a luz do luar que naquele momento inundava a galeria, mas lhe pareceu como se o crânio se destacasse do quadro e sua boca sem dentes fizesse uma careta maldosa e zombeteira.

— Você me ameaça com a morte, pântano traiçoeiro, porque eu tenho co-

ragem de aproximar-me de você!... – murmurou o padre apavorado, que pegou o candelabro e saiu correndo para o seu quarto...

VI.

Ao voltar de Mônaco para o seu velho castelo, o barão Reimar não encontrava mais a tranqüilidade espiritual que tivera antigamente. O tédio e a tristeza o dominavam. Ele sentia um vazio ao seu redor, que não conseguia preencher nem com o trabalho, nem com a leitura. Enérgico e persistente, cheio de regras, o barão considerava indigno afastar-se delas, não queria reconhecer qual era exatamente a causa da sua tristeza, daquele desequilíbrio espiritual que o fazia ficar irritado e até injusto e sob cuja influência a sociedade parecia absurda e as mulheres pareciam maçantes.

Indignado, ele afastava a lembrança de Marina, cuja imagem, como uma visão encantadora, estava insistentemente a sua frente e parecia bulir com o seu fascínio. Toda vez que na sua memória passava o seu rostinho descorado e pensativo com grandes olhos aveludados e tristes, ele era dominado por um

sentimento desagradável, parecido ou com vergonha, ou com despeito, ou com descontentamento consigo mesmo e logo ele habitualmente lembrava a última conversa com a sua tia que por acaso havia sido ouvida por Marina.

Por volta dos três meses o barão chegou à conclusão que a solidão não era para ele, escreveu por este motivo para sua tia Emília e convidou-a insistindo tanto que ela não pôde recusar o pedido do seu favorito e prometeu chegar para o Natal e ficar na sua casa até o término do inverno.

Alegre, Reimar saiu para encontrar a sua tia e a trouxe para o castelo, onde a cercou com amor puramente filial e conforto de toda a sorte.

Mas Emilia Karlovna logo notou a mudança no seu sobrinho, estava triste e nele parecia ocorrer uma luta interna. Ainda as suas cartas continham um tom suspeito, e tudo isto junto com uma agitação mal dissimulada, quando se tratava de Marina, despertou a suspeita de que a jovem o tinha impressionado bem mais do que ele próprio pensava e que a sua fuga prudente custava-lhe muito caro.

Chegou a primavera, e um dia, quando a tia e o sobrinho estavam à mesa e tomavam um cafezinho depois do almoço, entregaram-lhes, como sempre, as cartas e revistas, trazidas da estação de trem.

Emilia Karlovna concentrou-se na leitura da carta do seu gerente de bens, o velho Kaspar, que lhe pedia instruções detalhadas sobre a vila, quando de repente a exclamação surda de Reimar atraiu a sua atenção. Ela levantou a cabeça, mas o espanto e o susto fizeram-na perder o dom da palavra. O pálido barão comia com os olhos a carta, que farfalhava em sua mão trêmula.

— Meu Deus! Você recebeu uma notícia desagradável? — perguntou ela com receio.

O barão jogou a carta na mesa e o seu rosto cobriu-se de manchas vermelhas.

– Não tem nada de importante!.. É de vovó me chamando para o casamento de Marina Adaurova.

– A condessa? Para o casamento de Marina?...

– Eu quero dizer para o casamento de Stanislav e Marina! – Você poderia imaginar algo parecido? Será que eu não estava certo ao dizer que esta hipócrita tinha crescido num pântano e absorvido toda a sua podridão? Como você vê, ela se casa tranqüilamente com o amante da sua mãe. Será que isto não é cínico?

Emilia Karlovna ficou profundamente abalada. – Mas pode ser que ela nem saiba disso...

– O que a senhora está me dizendo! – respondeu furiosamente o barão.

– Uma moça adulta, que passou toda a sua vida num albergue cigano, onde perante seus olhos desfilaram todos os amantes da sua mãe, seria ingênua demais se não adivinhasse que papel desempenhava lá Stanislav! Disso você nunca me dissuadirá. Claro, Stanislav também, vou lhe dizer, ele não sabe o limite do seu desregramento. É preciso reconhecer, ele escolheu uma esposa conveniente, os dois se merecem.

– Em relação a Stanislav você está certo, o seu procedimento é criminoso; mas uma profunda convicção me diz que Marina é inocente. Estou surpreendida com a dureza com que você reprova esta moça, profundamente infeliz e um amor de pessoa, que, a meu ver, é totalmente incapaz de um ato de tal baixeza. Deus sabe quais são as razões que obrigaram-na a aceitar este matrimônio, porque Stanislav sempre foi repugnante para ela. Pode ser que

ela seja uma vítima das intrigas da sua madrasta, que aspira a se livrar de tal maneira da sua adversária em beleza. É você mesmo quem pintava para mim Juliana com um aspecto nada atraente.

– Tudo é possível, mas não acredito que Marina não saiba sobre Stanislav e sua mãe. Por isso, se ela aceitou o casamento com o amante da sua mãe, isso é detestável, uma vilania.

A notícia sobre o casamento de Marina e o conde Zemovetski causou uma verdadeira reviravolta no espírito do barão. Ele foi absorvido inteiramente pelo novo sentimento, que julgava ser de desprezo, mas que na realidade não era nada diferente senão de ciúme. Dia e noite pensava sobre aquele enlace e cerca de dez vezes por dia mudava a sua decisão: ir para Tcharna ou achar uma desculpa para não ir. Finalmente ele declarou para a tia que era inconveniente recusar o convite da avó, mas a verdadeira razão que o atraía para lá era a vontade ardente de ver novamente Marina e pessoalmente verificar o que exatamente a induzira a dar tal passo.

O barão chegou em Tcharna na véspera do casamento. A condessa o acolheu cordialmente, embora gostasse do barão menos que de Stanislav porque o casamento da sua filha, a mãe de Reimar, com um barão protestante lhe fora repugnante. Na época fez tudo para impedir, mas a jovem senhorita Yadviga revelou uma vontade de ferro que venceu a vontade da sua mãe. Contudo, correto e laborioso, Reimar, tendo um caráter sério e a bondade de um cardeal, com o tempo colocou a sua avó a seu favor.

Pois bem, a condessa recebeu seu neto com carinho, agradecendo a sua visita, mas às suas indagações sobre o futuro casamento respondeu evasivamente.

– Veja bem, meu filho, para cada um de nós Deus impõe a sua prova; quanto a mim, Deus submeteu-me à prova em uma coisa, a mais importante na minha vida, a fé. A sua mãe casou-se com um protestante, Stanislav casou-se com uma ortodoxa; isso é muito penoso, mas eu me submeto à vontade do Senhor. Fora disso o que eu posso ter contra a escolha de Stanislav?

Apesar da resposta tão diplomática, o barão percebeu o descontentamento da sua avó, que estava preocupada e desejava que ele a deixasse só.

Depois do almoço, em que estava presente o padre Ksaveri, de quem o barão não gostou, a condessa recolheu-se ao seu quarto e deixou Reimar só com suas difíceis reflexões e desassossego espiritual.

Depois de passear um pouco no jardim, foi buscar um livro na biblioteca de Stanislav e inesperadamente encontrou-se na galeria à frente do quadro "A centelha errante". Ao ver o quadro, ele ficou pasmo. De que jeito o apelido que ele tinha dado para Marina ficara encarnado nesta obra maravilhosa? Será que ela própria, tendo espírito rancoroso e ressentimento por causa da opinião que naquela época tinha expressado sobre ela, dera a indicação para o pintor sobre tal enredo?

Mas esta visão encantadora, como ela era bela, como era maravilhosamente bonita esta flor do pântano, que agora Stanislav arrancava sem ter medo da morte, que o esperava nessa traiçoeira superfície plana do pântano...

Durante muito tempo ele analisou o quadro e novamente o ciúme o dominou com tanta força, que ficou insuportável para ele ver alguém mais. Recolheu-se ao seu quarto e, sob pretexto de enxaqueca, mandou pedir desculpa pois não sairia para o chá da noite.

O barão dormiu pouco nessa noite. A janela do seu quarto dava para o

pátio e ele viu a chegada de Stanislav que novamente saiu para encontrar a esposa e o sogro na estação de trem.

Perturbado pelas emoções que ele próprio não conseguia compreender, o barão esperava com impaciência o retomo de Stanislav; o seu coração começou a bater forte, quando ao lado da entrada parou a carruagem, onde estavam Aداurov e a sua filha, e quando Zemovetski começou a ajudá-la a descer, falando baixinho alguma coisa no seu ouvido. O barão ruborizou, mesmo assim não lhe escapou que a jovem estava triste e descorada e parecia evitar olhar para marido.

Marina realmente se sentia todo o tempo como sob jugo do pesadelo. Durante o casamento ela estava tão preocupada que toda a cerimônia passou sem notar e sem deixar qualquer impressão. Ficou completamente absorvida pelo pensamento opressivo, que daquele dia em diante ela estava para sempre ligada com laços inquebrantáveis a um homem que lhe era repugnante e que o peso das obrigações que ela tinha assumido superava as suas forças. Aparentemente suportava seu papel com uma perfeição que nem ela própria imaginava ser capaz; somente depois da partida do conde quando ela ficou sozinha durante algumas horas, as lágrimas e uma prece ardente aliviaram a sua penosa opressão espiritual. Sob a máscara da discrição tímida, no espírito de Marina escondiam-se a energia e o muito desenvolvido sentimento de dever; quaisquer fossem as causas do seu casamento, ela julgava ser sua obrigação superar o asco e fazer a vida conjunta deles tolerável.

Ao chegar a Tcharna, o conde levou a sua esposa e o sogro aos aposentos da sua avó. A condessa recebeu Marina com muito carinho e foi extremamente gentil com Pavel Sergueevitch, convidando-o a ficar mais tempo na sua ca-

sa, mas Adurov disse que depois do casamento na Igreja, à noite, seria obrigado a partir imediatamente de volta.

Depois da recepção feita pela velha condessa, Zemovetski acompanhou Marina ao quarto dela, que fora reformado com luxo e bom gosto e que tinha uma pequena passagem para os aposentos do conde. Marina estava tão cansada que tomou banho e foi dormir, dando a ordem de se levantar para trocar a roupa às quatro horas da manhã.

A "capela" de castelo fora enflorada com luxo; o altar, decorado com raras plantas, parecia um pitoresco pavilhão de jardim, a luz forte dos lustres iluminava os ricos paramentos do padre e as roupas suntuosas dos convidados.

Marina entrou, encantadora em seu vaporoso vestido rendado, ajoelhou-se no travesseiro de veludo vermelho, colocado nos degraus do altar. Quando ela levantou os seus lindos olhos aveludados para o padre, ele até semicerrou os olhos por um instante. Era realmente a visão dos seus sonhos, porém ainda mais bela e atraente do que estava no retrato; ao mesmo tempo, um triunfo maldoso e desapiedado despertou no seu coração: ele abrira um abismo entre ela e o conde, que estavam ajoelhados juntos à sua frente; era o castigo justo pela vida desregrada.

Escondido atrás das pessoas, Reimar, pálido, estava em pé, encostando-se na parede e também não tirando os olhos da noiva. Seu coração batia fortemente e ele procurava com ansiedade nos olhos de Marina a solução do seu mistério espiritual. Entretanto o olhar dela era tão puro e sincero que não havia dúvida de que ela não sabia nada do passado depravado e criminoso do seu marido. Além do mais ela não parecia feliz: nos seus olhos escondia-se

uma profunda tristeza, enquanto os lábios cerrados davam uma expressão amarga ao seu rosto. Então qual fora o motivo de tal casamento?

Reimar olhou para o seu primo. O rosto pálido de Stanislav não expressava nada e o ciúme soprou para o barão que o conde também não tinha sentimentos verdadeiros e profundos.

"Como pôde Stanislav, que a si próprio considerava um conhecedor da beleza feminina, ficar cego? Será que, farto da vida, ele achava que tinha direito a possuir qualquer mulher bonita?" – pensava o barão.

Depois do casamento religioso os recém-casados foram cercados e começaram as felicitações; entre outros convidados o barão também se aproximou. Ao vê-lo inesperadamente à sua frente, Marina estremeceu, um rubor leve corou o seu rosto pálido; no entanto, ela rapidamente se conteve e respondeu o seu cumprimento com uma frase gentil e fria e com uma inclinação leve de cabeça. O barão até achou que ela, com isso, olhara para ele com uma certa hostilidade e ficou dominado por um vago sentimento de inquietação. Após beber à saúde dos recém-casados uma taça do champanhe, ele saiu, desceu para o jardim e foi para o fundo para se acalmar e pôr em ordem seus pensamentos.

Enquanto isso, a animação e alegria reinavam na casa: a jovem condessa com a sua beleza e amabilidade causou uma excelente impressão a todos.

Às dez da noite Pavel Sergueevitch partiu, despedindo-se com ternura da sua filha. Marina pôs-se a chorar, despedindo-se do seu pai, mas ele amistosamente zombou das suas lágrimas, não sabendo que preço penoso tinha pago a sua filha pela felicidade ilusória dele...

O jantar ia ser servido cerca da meia-noite e a condessa Yadviga e algu-

mas senhoras idosas foram descansar, o resto dos convidados foi para o terraço ou se dispersou pelas alamedas iluminadas do parque.

Era mês de maio, a primavera chegara cedo nesse ano, e uma noite calma e serena, um pouco fresca, cheia dos odores das flores e da verdura nova, acariciavam com ternura e tranqüilidade.

Marina também saiu para o terraço junto com os hóspedes, mas o meio desconhecido e as conversas em idioma pouco compreensível irritavam-na; ao achar uma oportunidade, ela imperceptivelmente desceu para o jardim e pôs-se a percorrer lentamente o caminho ao longo do castelo.

A sua cabeça estava cheia de pensamentos pesados. Agora, depois da partida do seu pai, ela ficara totalmente só; e exatamente nesse momento, quando começava o seu sacrifício pesado e doloroso – a vida conjunta com o marido – ela se encontrava com o barão, o homem que ocupava um lugar especial no seu coração. Ele a tratara com desdém e reserva; os seus lábios mal haviam tocado a sua mão; a olhara com frieza e indiferença, enquanto fazia os votos de felicidade e dava os parabéns banais... Talvez ele a desprezasse porque ela se casara com o conde Stanislav, vazio e leviano, aquele a quem o barão havia reprovado severamente na época.

O seu coração batia fortemente, tinha um sentimento de amargura e indignação. Sem dúvida, o barão não suspeitava que ela se sacrificara; mas que direito ele tinha de reprová-la, mesmo que ela realmente estivesse apaixonada pelo conde? O que ele tinha a ver com isso? Pois ele próprio virara as costas para ela, vendo nela "uma flor venenosa", da qual achou necessário fugir.

Entregando-se a esses pensamentos tempestuosos, ela não prestara atenção por onde ia, quando se encontrou diante de um terraço, decorado com

flores, tomou-o por aquele adjacente aos seus aposentos. Ao subir rapidamente a escada, ela, surpreendida, viu-se numa entrada que dava para a larga e comprida galeria, decorada com plantas e estátuas. Não distante, perante um quadro bem iluminado, o barão Farnrode estava numa atitude pensativa, com as mãos cruzadas.

O primeiro que pensou Marina foi em sair: encontrar-se com a pessoa em que acabara de pensar foi-lhe desagradável e penoso, mas o seu orgulho venceu.

Aproximou-se e disse:

– Será que senhor barão poderia me informar onde estou? Eu não sei onde vim parar e como voltar para a sala...

Ela calou-se, ao discernir o quadro ante o qual estava parado o barão. Era "A centelha errante".

O barão virou-se e sombriamente, quase com hostilidade olhou para Marina que estava à sua frente.

– Às suas ordens, condessa. Que obra maravilhosa este quadro! Eu acabava de admirá-lo. Que talento enorme é preciso ter para criar algo tão forte.

– O senhor gostou da idéia do quadro? Eu também acho que ele foi bem realizado – respondeu Marina com uma voz surda. – Muito vivo foi esse cavaleiro prevenido, que já quase levantou o pé, mas não saiu do lugar, tendo medo que "a centelha errante" o levasse à morte.

– Sim – respondeu secamente o barão -, o limo do pântano criou esta visão atraente, o seu encanto é venenoso, e a felicidade que ela promete é somente aquela centelha ilusória por trás da qual se esconde a morte. Será infeliz aquele que, ao ceder ao sentimento, siga tal criatura sem coração.

Durante as últimas palavras Marina mordeu levemente os lábios, como que querendo reprimir o sentimento agudo de dor.

– Eu devo, entretanto, defendê-la, porque servia o seu protótipo. Contudo não acho que o conde Stanislav esteja arriscando. Coitada da solitária "centelha"! Ela nem sabia de virtude tão severa, despietosa e que julga cegamente sem pensar se a condenação é merecida?.. Mas basta de metáforas, falemos diretamente. Diga-me, barão, por que o senhor me trata tão severamente? Reprovar a moça, achando que ela é uma flor venenosa só porque cresceu num pântano é bastante leviano; entretanto eu não estendi a mão criminosa atrás de qualquer cavalheiro, não estava intencionalmente no seu caminho e nem tentava perturbar a sua santa castidade.

A sua voz a traiu; ela respirava impetuosamente e os seus lábios tremiam. O barão ruborizou fortemente.

– Perdoe, condessa, as minhas palavras impensadas. Que direito eu tenho para poder reprová-la?

Resta-me somente lamentar que uma criatura jovem, à qual Deus deu uma beleza angélica, esteja entrando nessa sujeira moral. A senhora está certa, as minhas convicções são severas e por isso estou indignado com a sua escolha. Pegue quem quiser, mesmo que o homem seja tão desregrado quanto Stanislav, mas não ele!...

Marina estava branca como o seu vestido, e olhava para o barão com os olhos arregalados e perplexos; pelo seu rosto se percebia claramente que ela não entendia o sentido verdadeiro das suas palavras e ele sobressaltou-se.

Mas o barão não teve tempo para acrescentar algo, porque nesse momento na galeria entrou correndo e perdendo o fôlego Camila.

– Estou procurando pela senhora por toda parte. A senhora condessa pede à senhora para que passe agora no quarto dela para lhe dizer uma palavrinha – dirigiu-se ela a Marina.

Ela passou a mão no rosto e respondeu:

– Está bem, eu seguirei a senhora.

Ela encontrou a condessa num dormitório arqueado igual à sua sala de visitas. A grande cama sob cortinado de leito e entalho de carvalho nas paredes, escurecida com o tempo, davam ao quarto a aparência do dormitório de uma abadessa de abadia medieval.

Ao fazer com que Marina se sentasse, a condessa olhou para ela atentamente parecendo até como se tivesse compaixão dela e depois, reprimindo um suspiro de pena, começou com a voz baixa e melíflua:

– Querida criança, eu pedi para a senhora me visitar para uma conversa muito importante e séria. Vejo-me obrigada a referir-me à várias circunstâncias desagradáveis e difíceis. Deus é testemunha do quanto isso é penoso para mim, mas considero meu dever moral lhe dizer toda a verdade...

– Eu não entendo – disse Marina, surpreendida com tal introdução.

– A senhora agora entenderá tudo. Eu a conheço muito pouco para julgar: a ignorância ou desregramento moral guiava a senhora quando contraía matrimônio, que infelizmente já aconteceu. Entretanto pode ser que a senhora nem se tenha dado conta de que pecado horrível estava cometendo, ao casar-se com urna pessoa que tenha sido amante da sua mãe.

– A senhora provavelmente está falando da minha madrasta. Pois eu me casei com o conde exatamente para salvar a honra de Juliana e, ao mesmo tempo, proteger a felicidade do meu pai. Mas não considero que isto seja um

pecado – respondeu desdenhosamente Marina.

– Indubitavelmente, a sua intenção é muito louvável, mas apesar de tudo, em Mônaco, Stanislav era amante da sua própria mãe e por isso a sua vida conjugal será uma indecência.. .

– Isto não é verdade!.. É mentira! – ficando fora de si de indignação, exclamou Marina e as lágrimas ressoaram em sua voz.

– Eu não estou acostumada a dizer mentiras, minha querida! Mas para pôr fim à nossa disputa, pegue e leia esta carta, escrita e enviada pelo seu marido, e... assim irá se convencer.

Marina quase arrancou a carta das suas mãos e percorreu ansiosamente as linhas sublinhadas com lápis vermelho:

"Estou surpreendida com que talento você me acompanha onde quer que esteja, longe de você ou por perto. Todavia, as suas preocupações de que eu me case com a bela Adaurova são infundadas. Aliás, corno você já sabe sobre as minhas travessuras, eu não vou negar que esta mulher é bonita corno o diabo e sedutora. Entretanto, na minha idade não caso com a própria amante que, além do mais, tem urna filha de dezessete anos. Do mesmo jeito são infundadas as suas preocupações que gasto muito com Adaurova. Ela se contenta com o meu amor e é ela própria quem paga tanto as suas contas como as perdas no jogo em Monte Carlo. No que se refere a mim, eu ofereço flores e bombons"...

Marina lia as últimas frases com uma névoa nos olhos; tudo nela tremia de vergonha, raiva e desespero. Uma cortina caiu perante ela e revelou a degradação moral da sua mãe, confirmada por essa carta onde cada palavra foi-lhe uma bofetada. Mas ao mesmo tempo, ela entendeu toda a vilania e a mal-

dade dessa mulher que pôs a nu perante ela a triste verdade quando tudo já acabara.

– Por que a senhora me contou isso somente agora quando eu já me vinculei por casamento para sempre? – quase gritou ela.

– Para prevenir relações que considero criminosas, até que nossa santa Igreja não perdoe o pecado e não lhe permita a vida conjugal.

Marina levantou-se de um salto da cadeira, amassando a carta traidora que estava na sua mão.

– Eu não preciso nem do perdão, nem da permissão da sua Igreja e nunca pertencerei ao seu neto – disse ela, ao medir a condessa com um olhar raivoso, e depois quase saiu correndo do quarto.

Na sala de visitas ela por pouco não colidiu com o barão que entrava, mas, pelo visto, nem o percebeu e desceu correndo para o jardim, onde caiu esgotada num banco sob um carvalho ramoso. Ela estava sufocada: nunca antes uma tempestade dessas desencadeara-se sobre ela. Ela se culpava da sua tola cegueira e da sua ingenuidade imperdoável.

Sentia nojo de si mesma e da sujeira em que tinha mergulhado, porém do que já não tinha saída.

– Morrer!... Só a morte me livrará e resolverá o problema – passou na sua cabeça quente. – Sim, ela desejava morrer, mas como?...

Os pensamentos embrulhavam-se, mas de repente ela lembrou que quando eles chegavam àquele lugar de manhã, ela vira um rio no parque, nas proximidades da casa. É aí onde fica a paz beatífica – lá, na água fresca que sussurra baixinho.

Ao ficar só, depois que Marina tinha saído da galeria, o barão andava pa-

ra frente e para trás.

Que Marina não sabia nada sobre o passado era indubitável, que ela não amava Stanislav também estava fora de qualquer dúvida, entretanto ela se casara com ele... Por quê? Aqui estava escondido um mistério. O que significava, afinal, este convite da avó? O que ela poderia dizer que não admitia esperar até amanhã? Ele foi dominado pelo desejo insuperável de saber tudo e tudo esclarecer. Que diabo, ele não era um estranho por ali!

Sem pensar mais, ele dirigiu-se a passos rápidos aos aposentos da velha condessa. Se Marina já saíra, mesmo assim ele conversaria com a sua avó.

Na entrada da sala da recepção ele por pouco não se chocou com Marina que saía correndo da sala, mas parecia que ela não o vira e deslizou sem notar. Ela estava mortalmente pálida, tinha um aspecto desconcertado e o olhar parecia vago e distraído.

O barão inquietou-se e além do mais foi tomado por um mau pressentimento, entrou com toda pressa no dormitório da sua avó, fato que impediu o padre Ksaveri de sair do nicho, onde ele estava escondido, fechado com uma cortina pesada.

A condessa sobressaltou-se quando o seu neto entrou inesperadamente.

– Meu Deus! Parece que você enlouqueceu? Que significa esta sua visita repentina?

– Eu quero, finalmente, saber o motivo desse casamento detestável, que você não devia permitir, sendo uma mulher religiosa e de normas rígidas, – disse o barão com excitação que nem um pouco correspondia ao seu habitual sangue-frio.

A condessa tentava esquivar-se da resposta direta, mas as perguntas in-

sistentes do seu neto a obrigaram a falar e ela fez Reimar jurar que iria ficar calado.

– Por favor, acalme-se! Mesmo sem jurar eu guardarei silêncio sobre assuntos de família; eu sinto que aqui esconde-se um escândalo. O que você disse para Marina? Acabei de vê-la sair correndo como uma louca do seu quarto.

Uma expressão de inquietação percorreu o rosto severo da condessa e ela às pressas contou a aventura de Juliana e as causas que forçaram Stanislav a casar-se.

– Claro, somente a necessidade poderia me obrigar a concordar com este casamento horrível; mas prevenir o pecado considero meu dever, porque não posso contar com Stanislav, quando se trata de uma mulher bonitinha. Por isso eu me dirigi à consciência de Marina; e imagine, esta mocinha boba não sabia nada sobre as aventuras da sua mãezinha. No começo ela nem queria acreditar em mim, mas eu mostrei para ela a carta de Stanislav, que confirmava totalmente as minhas palavras. Todavia, se ela abordou esta questão assim tão tragicamente, é melhor que você vá, querido Reimar, e console esta tola senão ela armará um escândalo, que pode revelar toda essa história. Pois se Adaurov souber a verdade, isso poderá acabar mal tanto para Juliana quanto para Stanislav.

O barão escutava sem nada dizer e no primeiro momento nem sabia o que fazer; um pensamento em turbilhão atravessou o seu cérebro, que Marina tinha sido a vítima dessa intriga infame, que ele não adivinhou o seu espírito, e quando poderia salvá-la, não quis fazer isso e agora era o culpado da vida dela arruinada.

Entretanto, este torpor passou rapidamente. Antes de tudo ele tinha que achar Marina e prevenir uma possível desgraça ou escândalo.

– É digno da prima Juliana aproveitar-se da inexperiência e magnanimidade dessa criança. Por outro lado, a cautela de Stanislav também desperta a minha "admiração" absoluta – disse o barão com desprezo. – Sem dúvida, essa aliança é menos ofensiva que uma bala.

– O sacrifício é pago com o título da condessa Zemovetskaia, que acho uma recompensa suficiente. Agora, Reimar, em vez de filosofar, corra e acalme essa menina: é preciso que ela esteja presente no jantar.

O barão ficou em silêncio para não se abrir demais e não jogar na cara da sua avó a repugnância, provocada por aquele desalmamento, egoísmo e baixeza com que a avó tinha revelado diante da pobre moça o passado da sua mãe e ainda mais naquele momento quando não havia mais retorno. Sem dizer nenhuma palavra, ele girou e saiu rapidamente do quarto.

Mas onde estava Marina? Ele percorreu todos os quartos e, ao saber pelo criado que a jovem condessa fora para o jardim, imediatamente foi para lá também.

A ocasião lhe favoreceu e depois da curva da alameda ele notou uma figura de branco que corria para o fundo do parque. O barão pôs-se a correr atrás dela. Através do vão das árvores ele viu Marina e com horror percebeu que se dirigia ao rio e que parava na margem alcantilada. Cansada, ela encostou-se na árvore e parecia ter começado a rezar, pois ele via os sinais da cruz que ela fazia. Enquanto isso o barão percorreu a distância que os separava.

Ao ouvir passos atrás de si, Marina avançou para frente com uma clara intenção de se jogar no rio e ele mal conseguiu agarrá-la, mas puxou-a para

trás tão fortemente que ela quase caiu. Ao reconhecê-lo, ela soltou um grito surdo.

O barão mais levava do que apoiava a moça e, acompanhando-a até o banco, a fez sentar.

– Marina Pavlovna, o que a senhora decidiu? Pense, o que aconteceria se Deus não me conduzisse aqui na hora certa? – disse ele, censurando-a.

Ela estremeceu e endireitou-se.

– Por que o senhor me impediu? Eu preciso morrer de qualquer modo... É a única saída para a situação em que me encontro... Pois o senhor ainda não sabe...

– Eu sei de tudo.

– O senhor?... Sabe?

– Sim, sei, como abusaram infamemente da sua magnanimidade e inexperiência e ajoelhado imploro o seu perdão pelas minhas recentes tolas acusações e por outras palavras tão infundadas e cruéis.

– Então, o senhor não acredita mais que eu seja tão má, depravada e perigosa assim? – murmurou Marina e um sorriso feliz e alegre, como de uma criança, floresceu no seu rosto descorado.

O barão agarrou as mãos de Marina e as cobriu com beijos.

A verdadeira felicidade de toda a sua vida passara tão perto, sorrira amavelmente, mas ele não soubera distingui-la.

O amor e os arrependimentos tardios atormentavam-no.

– A senhora é um anjo, Marina, e eu fui um tolo com todas as minhas idéias preconcebidas e agora estou sendo cruelmente punido. Mas prometo que logo falarei com Stanislav, e garanto que ele respeitará a senhora como

irmã. Estou convencido de que ele é honesto o bastante e não se imporá à mulher que se casou com ele em tais circunstâncias; ele não se atreverá a fazer isso! Com o passar do tempo o divórcio devolverá para a senhora a liberdade. Arme-se de paciência, Marina Pavlovna, mas me prometa nunca mais atentar contra a própria vida.

– Se o senhor soubesse como agora fiquei farta da vida quando compreendi o passado – a sua voz a traiu.

– Mas ela é extremamente cara para o seu pai e para mim. Não sairá daqui até que a senhora me prometa...

– Esta bem, prometo não mais atentar contra a minha vida... No que se refere ao futuro, só Deus sabe.

– Agradeço a senhora. Agora procure se acalmar e volte para a sala. Os hóspedes não devem notar nada.

Marina acenou que sim e levantou-se.

– O senhor está certo, irei até os hóspedes. Obrigada por me livrar das explicações com o conde.

A ausência da noiva por muito tempo e a sua palidez mortal, sem dúvida, foram percebidas pelos convidados, contudo, ninguém lhe disse nada a respeito disso; mas como Marina parecia sossegada e o conde e a velha condessa, pelo visto, estavam muito bem humorados, a perplexidade vaga dos convidados dissipou-se.

Depois do jantar, quando os hóspedes se foram e a recém-casada se recolhêu para o seu quarto, o barão, que todo o tempo não tirava olhos do primo, aproximou-se e disse que precisava conversar com ele sem testemunhas.

– Você escolheu um momento estranho. Será que amanhã nós não tere-

mos tempo para falar? – respondeu impacientemente o conde.

– Não. Aquilo que preciso lhe dizer é muito importante e urgente.

– Neste caso, vamos para o meu escritório e fale depressa.

– Então, do que se trata? Você parece estar preocupado com alguma coisa? – perguntou o conde quando eles ficaram a sós no escritório.

– Eu acabei, e além do mais, por acaso, de impedir sua esposa de se jogar no rio.

– Já? – assustou-se o conde, ficando pálido. – Mas realmente o nervosismo de Marina excede todos os limites. Mas eu lhe exigirei explicações – acrescentou ele com maldade.

– Exatamente para esclarecer os motivos que levaram a sua esposa a uma tentativa de suicídio, eu gostaria de falar com você. A razão deles é a conversa de Marina Pavlovna com a avó, que não somente disse que você tinha sido o amante da mãe dela, mas também mostrou-lhe a sua carta, que comprovava a sua relação com a mãe dela. Ao mesmo tempo, ela pintou com tanta eloquência a imoralidade das suas relações conjugais que a pobre Marina Pavlovna decidiu-se dar cabo de si. Agora, se você não quiser que o atentado se repita, a sua obrigação será tratá-la somente como a uma irmã. Espero que você seja um homem bastante honesto e não leve ao desespero a pobre moça que você próprio considera exaltada. E se você tinha outras intenções deveria prevenir a avó para que ela não se intrometesse nos seus negócios.

O conde ouvia, ora ficando corado ora empalidecendo. – Que mulher infame, esta velha hipócrita! – murmurou ele entre dentes, procurando se conter. – Se não estivesse envolvida a honra da Juliana, eu preferia lutar com Aداurov e não me casaria com a filha de Nadejda... Entretanto, neste caso

não serei o primeiro nem o último a se casar deste jeito. Mas Deus me livre de ser o motivo da morte de Marina, que além disso foi desprezada pela minha respeitável avó. Eu de maneira alguma aspiro a possuí-la, ela não é do meu gosto: em matéria de mulheres gosto de vida, do fogo, da paixão. Por exemplo, a falecida Nadia ou Juliana! Elas têm fogo e não sangue nas veias; mas esta pálida fantasma com sangue frio não me atrai. Será que há poucas mulheres que poderão me amar pelo meu jeito! Entretanto estou muito agradecido a você pelo aviso.

Depois de apertar as mãos um do outro, eles se foram. A desconfiança ciumenta do barão cessou por algum tempo, mas ele não acreditou na indiferença de Stanislav. Aquele era um conhecedor fino demais da beleza feminina para não apreciar o encanto fascinante da sua jovem esposa e muito devasso para renunciar voluntariamente uma mulher linda, que lhe pertencia legalmente. Era evidente que por ora ele tinha que se aplacar, tendo em vista aquela má brincadeira que tinha feito com ele a condessa Yadviga devido ao ódio cego que ela alimentava a tudo que fosse russo e ortodoxo. Mas seria imperdoável contar com o futuro, apesar de tudo o conde poderia tentar conseguir o que desejasse.

Marina, muito preocupada, voltou para o seu quarto. Ela vestira um roupão branco, fez uma trança para dormir e mandou embora a criada. Depois ela abriu apressadamente o porta-jóias e tirou um pequeno revólver com um trabalho maravilhoso, que dera para ela o marido da sua amiga Bulavina e o colocou no bolso. Depois disso ela se sentou ao lado da janela e com tremor pôs-se a escutar o menor barulho. Ela não sabia se o barão conseguira conversar com o seu marido, se o outro viria para explicar-se com ela e o que

lhe diria. Às vezes a consciência de que ela se justificara perante o barão e que ele a amava provocava um sorriso feliz no seu rosto, porém o medo e a preocupação venciam.

O relógio já batera a meia-noite quando de repente ela ouviu os passos que se aproximavam no corredor que ligava o seu quarto ao do marido. Um minuto depois a porta se abriu e entrou o conde.

Ele não tirou a casaca e estava muito pálido. Olhou fria e sombriamente para Marina que se levantou trêmula, emocionada e pálida.

– Sente-se, preciso conversar com a senhora – disse ele, aproximando-lhe a poltrona na qual ela deixou-se cair automaticamente.

Ele próprio ficou de pé.

– Soube por Reimar que a senhora tentou suicidar-se por desespero – continuou ele friamente, – ao saber pela minha avó sobre as minhas relações com a sua falecida mãe. Graças a Deus que ele conseguiu impedir a senhora de suicidar-se, mas como eu não quero nem um pouco transformar a sua permanência aqui num eterno escândalo, vim para dizer que a senhora não precisa recear qualquer importunação da minha parte. Permita-me acrescentar que, se eu só pudesse imaginar o grau da sua ingenuidade, claro, recusaria a proposta de Juliana e preferiria prestar satisfação ao seu pai com a arma na mão. Eu nem poderia imaginar que a senhora, criada na casa da sua mãe onde geralmente não se acanhavam muito com as palavras e procedimentos, não soubesse o que era conhecido por qualquer criado ou empregada da vila Koleoni. Porém se isto aconteceu, eu respeito a sua ingenuidade e somente não quero servir de palhaço e por isso exijo, que as regras externas de bom-tom sejam respeitadas. Pode ser que no futuro, depois de alguns anos, a se-

nhora fique mais ajuizada e entenda o que é o amor...

– Só não será com o senhor – ficando corada, interrompeu-o ela.

– Para que isso não aconteça com qualquer outro eu cuidarei pessoalmente. Se eu tenho que admirá-la de longe, evidentemente, não permitirei que ninguém se aproxime da senhora. No que se refere a divórcio, nem pense: eu somente consentirei com ele no caso de que seja conveniente para mim. Entretanto, deixo isto para o futuro, agora exijo que para a sociedade nós sejamos marido e mulher, como todo mundo: a senhora me chamará de você, faremos visitas juntos, os dois andaremos a cavalos e etc. Em relação a isso eu conto com o seu bom senso. Lembre-se que pela Lei a senhora é a minha esposa, tem o meu nome e é obrigada a me obedecer. Isso é tudo que eu lhe queria dizer. Agora me permita desejar-lhe boa noite e me despedir. A sombra de ciúmes da sua mãe não se erguerá entre nós.

O conde mal se dirigia à porta quando de repente virou novamente para a esposa.

– Este corredor leva diretamente ao meu quarto, a senhora pode fechá-lo para sua tranqüilidade, mas para todos entenda-se que esta porta está aberta. Espero que a senhora tenha me entendido. A propósito, permita-me usar a sua vela, lá está escuro.

Ele pegou o castiçal de prata da penteadeira, acendeu a vela e saiu; mas Marina notou que a sua mão tremia.

Mal amorteceram os passos do marido ao longe, ela correu até a porta e fechou-a com o ferrolho.

O caos de sentimentos diversos ferviam nela, mas a consciência de que ela se livrara de um aborrecimento horrível reinava sobre tudo, mesmo que o

pensamento de que daqui para frente ela se veria obrigada a encenar uma comédia torturante durante toda a sua vida solitária e ainda com este homem detestável para ela, a oprimia como um pesadelo.

"Não, ele não tinha o direito de prendê-la para sempre a ele. Chegará o dia quando ela reivindicará o divórcio. O próprio Stanislav um dia estará cansado das relações e situação falsas e ele a deixará ir embora. Tinha que somente ser prudente e não irritá-lo à toa."

Acalmando-se, rezou a Deus e foi dormir.

VII.

Uma vida penosa e difícil arrastou-se para Marina. O castelo esvaziou-se, o barão foi embora no dia seguinte depois da cerimônia do casamento e ela se sentiu absolutamente solitária com seu marido, que não era ninguém para ela, a velha condessa, que a odiava, e o padre.

O conde tenazmente seguia o programa que tinha planejado: visitou com sua esposa todos os vizinhos, passeava e andava com ela a cavalo, e até às vezes tomava o chá da noite na sala de visitas da sua esposa. Marina detestava estes encontros a sós, mas não tinha motivo para protestar, porque o esposo se comportava extremamente discreto. Mesmo assim, não sabia porque ela tinha medo dele e quando os olhos negros de Stanislav paravam na sua esposa com uma expressão diferente, incompreensível para ela, o tremor nervoso a dominava, o que provocava um sorriso irônico nos lábios do conde.

Uma dessas noites, alguns dias depois do casamento, Marina saiu ao terraço para tomar ar fresco, e de repente um som de piano chegou a ela. A interpretação era de artista. No começo ouviam-se os acordes grandiosos de uma cantata, depois, aos poucos, o músico pôs-se a improvisar: ouviam-se motivos musicais estranhos, ora selvagens, dilacerantes, ora tempestuosos e ardentes, mas tanto uns como outros expressavam claramente que o músico derramava através dos sons potentes a luta e os tormentos da sua alma.

Quem poderia ser? Em todo o caso não era a condessa, nem Stanislav e nem a senhora Camila.

Marina escutava com atenção, mas a curiosidade foi mais forte; então ela desceu para o jardim e certificou-se de que os sons vinham da torre mais próxima, onde morava, como ela ouvira dizer, o padre Ksaveri. Sem dúvida quem tocava era ele. Pois então, ele escondia a alma atormentada com uma luta moral sob a máscara de indiferença e impassibilidade e isso ninguém suspeitava...

Desde esse dia o jovem padre despertou o interesse de Marina, ela começou a observá-lo, procurando decifrar o mistério da vida dele. Além disso o tratamento cortês, respeitoso e amigável por parte do padre Ksaveri para com ela inspirava-lhe simpatia. No que se refere ao seu tacto nas questões religiosas, ele distinguia-se completamente da intolerância grosseira e da hostilidade notável da condessa Yadviga.

Marina, por natureza, sempre fora devota, mas agora, ao achar-se numa posição falsa da nova família e ao sentir-se totalmente sozinha, a necessidade de rezar manifestava-se ainda mais insistente. Entretanto ela evitava visitar a "capela" do castelo e só uma vez foi à maravilhosa igreja católica do povoado

vizinho, onde nos feriados também celebrava o padre Ksaveri com o vigário. Neste caso ele foi levado para lá de carruagem e todos os que moravam no castelo foram obrigados a assistir à missa.

Com dificuldade, finalmente, Marina conseguiu se informar que nas proximidades havia uma igreja ortodoxa. No domingo seguinte ela mandou preparar a carruagem e foi para a missa. Mas levou um susto quando a carruagem parou na frente de uma cabana semi-desmoronada, que se verificou ser a igreja ortodoxa.

Acostumada com as igrejas ricas da capital, ela estremeceu ao ver a torre do sino caindo aos pedaços, as paredes entortadas, madeiras e janelas apodrecidas, onde os vidros quebrados haviam sido colados com papel. Vergonha e amargura dominavam-na quando ela entrou: ela nem poderia imaginar tal miséria.

Na igreja havia somente duas imagens com a pintura quase apagada; paramentos e casula do padre eram de antiga chita descorada, o Evangelho estava numa velha capa gasta, as lâmpadas eram luminárias de barro com sebo aceso no lugar de óleo, enquanto zimbros fumegavam em incensórios no lugar do incenso. Esta revoltante miséria involuntariamente fazia comparar com a rica igreja católica, suas altas janelas góticas, o divino arranjo de altar e os paramentos suntuosos do clero.

Na igreja estavam cerca de dez camponeses e camponesas vestidos com roupas pobres que ora com curiosidade, ora com desconfiança mediam com o olhar a moça elegantemente vestida.

Depois da missa Marina se aproximou do padre e procurou saber as causas de tal decadência da igreja. O padre Andrei, um homem de meia-idade,

simples e bondoso, convidou-a respeitosamente para visitar a sua pobre casa, coberta de palha.

Marina gostou extremamente da esposa do sacerdote e de suas duas filhas e encontrou sossego para a sua alma na casa pobre do padre, como se fosse na família dos seus parentes, diferentemente do que ela sentia no castelo, onde o trato hostil dissimulado e aberto deprimiam-na.

– Quanto é preciso para renovar a igreja, suprir de material e fazer todas as mudanças? – de repente perguntou ela.

– Pelo menos duzentos mil – respondeu o padre Andrei. – Mas como coletar tanto dinheiro?

Cheia de alegria, Marina pediu para imediatamente começar a trabalhar, doou vinte e cinco mil e além disso prometeu ajudar a adornar a igreja por dentro. Toda a família pôs-se a chorar de felicidade. Depois de receber a bênção deles e votos de felicidade, Marina partiu e voltou para o castelo tão feliz como há muito tempo não se sentia.

No mesmo dia ela descreveu tudo na carta para Pavel Sergueevitch e pediu-lhe para comprar por conta dela todos os utensílios necessários à igreja. Passadas algumas semanas chegaram umas caixas grandes com imagens, lâmpadas de bronze, manto de brocado para mesa do altar, cortinas de seda; em uma palavra, havia tudo em abundância, não foram esquecidos nem alguns quilos de incenso. De sua parte particularmente, Pavel Sergueevitch ofereceu os paramentos, dois tapetes e um lustre:

A reconstrução da Igreja também realizava-se rapidamente para grande alegria da população ortodoxa.

Evidentemente, isso não ficou em segredo dos donos do castelo e seus

criados; no castelo e seus arredores falavam somente sobre "as extravagâncias" da jovem condessa Zemovetskaia, assim chamavam a ajuda que prestou Marina à sua igreja.

Apesar de perceber que a velha condessa arrufava-se, ela não prestava atenção ao seu descontentamento e não dava ouvidos às suas observações venenosas. Entretanto, quando uma vez a condessa tentou dirigir palavras mordazes sobre este assunto contra Marina em presença do conde, este olhou zangado para a avó e disse de forma significativa:

– Eu não suportarei que a minha esposa seja limitada em suas ações, e o seu desejo de ajudar a sua igreja é absolutamente legítimo.

Mas a condessa Yadviga não permitia tão facilmente ser chamada à ordem e a censura do neto deixou-a furiosa. Passado algum tempo depois da entrega das caixas, cujo rico conteúdo atraiu a atenção de todo o castelo e alimentou o informe detalhado de Camila, a raiva da condessa, reprimida por um tempo, finalmente, manifestou-se.

Um dia desses depois de almoço, quando o conde não estava em casa e Marina acabava de voltar da visita da construção, a condessa Yadviga fez uma observação venenosa:

– A beneficência, minha filha, sem dúvida, é um belo ato; mesmo assim, tem que ser prudente, mesmo praticando o bem. Todos em volta já estão falando sobre seu zelo na realização da construção da nova igreja russa e sobre suas visitas freqüentes àquele homem sujo e ignorante que se chama de "poppe" (o padre ortodoxo). Na minha opinião, aqui não há lugar nem para ele, nem para sua cabana. A senhora, minha querida filha, está esquecendo completamente que pertence à família Zemovetski cujas esposas sempre foram

filhas fiéis da nossa santa Igreja. Eu espero muito que chegue o dia em que a senhora deseje seguir a mesma religião que é a do seu marido, renegue a sua heresia e também entre no seio do catolicismo. Sobre este grande momento a senhora precisa pensar e guardar a sua generosidade para a verdadeira Igreja cristã.

Tudo acontecia no terraço onde serviam frutas e bombons. O padre Ksaveri estava sentado ali mesmo e antes disso lia para a condessa um livro sobre reflexões espirituais e morais.

Enquanto a condessa falava, o rosto de Marina ruborizava fortemente. Colocando sobre a mesa o pires com morangos, ela respondeu em tom orgulhoso e firme o que era difícil esperar da sua voz suave e melodiosa:

– Eu aspiro a preservar a minha crença, da qual gosto com todo o meu coração. A sua suposição, de que um dia irei me converter ao catolicismo, me surpreende muito. O que poderia obrigar-me a renegar a minha Igreja? A senhora sabe melhor do que qualquer um que somente por acaso me tornei um membro da família Zemovetski, e a sua intolerância fanática não me inspira simpatia. Igualmente injusto acho o seu desprezo pelo padre Andrei. Ele é um homem simples e bondoso. É verdade que ele é pobre, mas trabalha, dividindo com os paroquianos dele as dores, as necessidades e aquele desprezo com que a sua sociedade trata os camponeses e o humilde sacerdote deles. Será que ele tem culpa por ter que viver, alimentando-se de batata e *kvas* (refresco fermentado de pão de centeio), em vez de petiscar biscoitos e vinhos finos, perfumar as mãos bem cuidadas, andar de carruagem e confessar as pecadoras nobres?

A senhora também está errada considerando o padre Andrei limitado e

ignorante. Apesar de a simples e ingênua inteligência dele não ser apurada em pormenores dogmáticos, em compensação ele sabe bem consolar com palavras de bondade os paroquianos, cujas necessidades e sofrimentos entende. Eu não considero nem um pouco que seja uma humilhação confessar-lhe os tormentos do meu coração; ele me compreenderá e resolverá as minhas fraquezas e dúvidas. O meu espírito necessita não de um carcereiro, mas de alguém que o console.

Durante as últimas palavras o rosto pálido do padre corou, mas Marina não prestou atenção, porque neste momento a condessa, que até agora a escutava muito confusa, de repente passou à ofensiva.

– A senhora, minha querida, é sincera demais – resmungou ela com a voz sufocada de raiva. – Eu não duvido que a senhora tenha algo em comum com este sujo pope, que cheira a estrume. Agora é possível perceber o quão pouco cuidada foi a sua alma e que na infância não havia ao seu lado uma mão firme e severa, que pudesse guiá-la. O melhor exemplo de tal desregramento foi a sua mãe: ela até se suicidou como uma herege e a sua moral não fez honra ao seu confessor.

Marina levantou-se pálida, mas sossegada.

– Faça-me o favor, minha senhora, de deixar a minha mãe em paz. Ela compareceu a um Juiz mais competente e rigoroso, mas também mais justo do que podem ser as pessoas. Se mais uma vez se repetirem injúrias, para as quais não tenha dado motivo, queixar-me-ei ao conde.

Acenando levemente a cabeça em despedida, girou e desceu para o jardim.

O que acontecera e especialmente a alusão ofensiva, de que ela pudesse

renegar a sua fé, deixaram Marina profundamente indignada. Ainda que antes a condessa por várias vezes desse início a essa conversa, esta fora a primeira ocasião em que a agredira abertamente.

"O que pensa esta velha hipócrita? Foi ela própria quem ergueu a barreira entre Stanislav e mim. Por quem ela me toma?"

Andava rapidamente, absorvida nos seus pensamentos, e sem perceber foi parar no seu cantinho predileto. Foi para a margem do rio, que ali caía sobre pedras com musgos, agitando-se e formando espuma. À frente dessa pequena cachoeira, à sombra de jasmineiros, roseiras e acácias, havia um banco redondo e à sua frente uma mesa de pedra. Nesse lugar Marina gostava de ler e sonhar.

Ela se sentou e pôs-se a meditar, quando de repente a areia começou a ranger sob os passos de alguém e atraiu a sua atenção. Ela levantou a cabeça e nesse instante, de trás das árvores, apareceu o padre Ksaveri com um livro na mão. Ao ver Marina, deu um passo para trás, pedindo desculpas por incomodar.

– O senhor não me incomoda nem um pouco. Por favor, sente-se e nós conversaremos, a menos que pretenda me converter ao catolicismo – disse ela brincando.

O padre inclinou-se, se sentou e um sorriso agudo perpassou seus lábios finos.

– Acho que a minha tentativa acabaria em fracasso, tendo em vista a opinião que a senhora proferiu sobre o clero católico.

– Pelo amor de Deus, não tome para o senhor as minhas palavras, e além do mais, provocadas pela atitude inconveniente da condessa. Eu não ten-

cionava absolutamente reprovar os sacerdotes católicos. Ao contrário, sinto muita pena deles por serem privados de todos os direitos humanos e da família, que é aquela esfera de afeição e amor, que qualquer um almeja. Não me surpreende se o padre católico, que se torna insensível ao cumprir o seu dever, do qual ele é um escravo, remexer desapiadadamente a alma e a consciência do seu confesso e pela sua atitude o leve ao paraíso ou ao inferno. E tudo isso acaba em que ele se toma geralmente não num pastor, mas num lobo que devora a alma humana. Me desculpe pela sinceridade, padre Ksaveri, pois só quero explicar porque respeitando totalmente a crença católica não a abraçarei nunca.

– É o seu direito inalienável, condessa, e esteja certa de que eu nem tentarei em tempo algum convertê-la ao catolicismo, porque respeito qualquer crença sincera – respondeu com seriedade e ar pensativo o padre Ksaveri. – Infelizmente, há muita coisa justa que a senhora falou sobre o clero católico. A Lei inexorável julga milhares de jovens ardentes, submetendo-os à plena solidão, e tira deles o direito de amar – uma bênção, dada para cada criatura de Deus. Quem nasceu um asceta, sempre achará o seu deserto, mas quem não é capaz disso, terá uma luta difícil, que às vezes estará acima das suas forças. Daqui resultam vários tipos de abusos. A natureza humana exige o que é próprio dela e acontece que aquilo, que deve ser um direito divino como, por exemplo, o amor, transforma-se num crime. É verdade, não são poucos os maus padres, eu particularmente conheço vários, que justificam absolutamente o ditado: "Quando o diabo encarna-se na Terra, ele se realiza, claro, na batina do padre.

Marina olhava surpreendida para ele e de repente pôs-se a rir abertamen-

te.

– De onde o senhor tirou este ditado? Não acredito que alguém tenha tido a coragem de dizer isso para o senhor?

– Oh, ouvi-o já muitas vezes e acho que, de quando em quando, esta máxima é bastante justa... Entretanto, para a honra da nossa batina, quero acrescentar que a maioria dos nossos sacerdotes são pessoas honestas. A educação e o hábito embotam mais ou menos os sentimentos, e eles acabam de tal maneira que as almas que eles guiam tornam-se simplesmente problemas para resolver. Mas uma vitória dessas freqüentemente é alcançada à custa de esforços demorados e de uma luta difícil...

– A sua alma, padre Ksaveri, sem dúvida, também passou por essa prova penosa antes que o senhor tivesse vencido a si próprio – notou Marina, olhando para ele de maneira pensativa.

O rosto do padre corou fortemente, seus olhos ficaram brilhantes; ao se inclinar para ela, perguntou surdamente:

– De onde a senhora concluiu isso?

– Quase toda a noite ouço o senhor tocando piano e admiro o seu talento. Entretanto, somente agora a sua música ficou compreensível para mim. Ela prova que a sua alma está sofrendo e lutando, e que o senhor não está satisfeito em só governar as almas e dirigir os paroquianos.

O padre Ksaveri abaixou a cabeça.

– É verdade, a música é um consolo na minha solidão espiritual; em sons, obedientes a mim, emito aquilo que não posso dizer abertamente para as pessoas.

Fez-se um silêncio. Marina ficou pensativa sem perceber a forma estra-

nha com que o seu interlocutor a olhava, e levantou a cabeça quando ele começou a falar.

– Se a senhora me permitir, condessa, direi algumas palavras no que se refere particularmente à senhora.

– Pois não, estou ouvindo.

– Acho que a nossa conversa de hoje dissipou um pouco a desconfiança que infelizmente eu lhe tenho inspirado; por isso, aproveitando a situação favorável, quero dizer para a senhora que a sua solidão e a difícil posição falsa, na qual se encontra por causa da sua magnanimidade e inexperiência, desperta em mim profunda compaixão e simpatia. Como confessor, tenho alguma influência sobre a condessa Yadviga e sobre o seu marido e com prazer a usarei para livrá-la de aborrecimentos e, se for necessário, defendê-la-ei, se, é claro, a senhora quiser aceitar a minha respeitosa amizade.

– Claro, eu aceito a sua amizade com gratidão e agradeço a sua compaixão apesar da minha "heresia" – ela sorriu e estendeu-lhe a mão.

– Neste ambiente hostil para mim, estou indefesa e é muito bom saber que alguém simpatiza comigo. Prometo, se a condessa implicar muito comigo ou o conde começar a me aborrecer, contarei para o senhor e recorrerei à sua ajuda.

Ksaveri apertou fortemente a mão dela.

– Agradeço. A sua confiança é um presente dos céus e eu me esforçarei para justificá-la.

Depois de conversar por mais algum tempo, Marina se despediu e voltou para o castelo sem prestar atenção que, ao tocar a sua mão, o padre estremeceu nervosamente e sem perceber o olhar devorador com o qual ele a acom-

panhava.

– Ah – dando um suspiro a plenos pulmões, murmurou Ksaveri. – O primeiro passo está dado. Você é realmente um anjo de pureza e ingenuidade, se nem suspeita que em mim cada nervo respira paixão por você. Não! Só amizade é pouco para mim, eu quero você toda, quero possuir a sua alma e o seu corpo, encantadora!... Eu a conquistarei, me apropriarei de você!.. Eu também quero amar e ser feliz, ter aquilo que muitos dos meus irmãos têm – uma namorada adorável.

O tempo no castelo arrastava-se saudoso e monótono, mas Marina há algum tempo estava ansiosa, em vista de que na atitude do conde acontecera uma mudança notável, que não prometia nada de bom.

A irritação veio suceder à sua frieza gentil, mas indiferente. Ora ele evitava a esposa, ora de repente procurava a sua companhia, levava-a consigo a todos os lugares, inventava várias situações que poderiam aproximá-los e que, apesar de serem de curta duração, obrigavam Marina a tolerá-las em vista da sua situação falsa e do papel que tinha assumido. Não foi uma vez que ela leu nos olhos de Stanislav aquela expressão que lhe causava horror e repugnância.

Pois a disposição espiritual do conde realmente era ruim. Sendo jovem, ardente e sensual, acostumado a satisfazer cada capricho seu, ele considerava a sua situação ridícula, no referente à mulher que lhe pertencia por Lei, como se a roubasse ou ofendesse. Em condições normais, ele, provavelmente, ficaria indiferente a ela, porque mesmo apreciando a beleza de Marina, ela não era do seu gosto. Porém exatamente, porque entre ele e a esposa havia um obstáculo, esse fato a fazia especialmente fascinante e querida ante seus o-

lhós. Ele observava Marina, pensava nela, e o desejo de liquidar o obstáculo que os separava mexia com ele e o excitava.

A cada dia Marina lhe parecia mais bela e encantadora e nem haviam passado dois meses quando se apaixonou perdidamente pela própria esposa, sonhando dia e noite como poderia tomá-la custasse o que custasse. As considerações morais lhe pareciam ridículas e ele, sem dúvida, teria aproveitado o seu direito contra Marina, se não receasse que ela executasse a sua ameaça de suicidar-se. Ele não queria isso e portanto viu-se obrigado a armar-se de paciência e conquistá-la passo a passo, mas não tinha dúvidas do seu êxito.

No que se referia à sua avó, que tinha armado toda essa "brincadeira", ele quase a odiava.

As relações entre Marina e o padre Ksaveri eram bastante amigáveis; a discrição invariável e respeitosa do padre entorpeceu a desconfiança anterior por ele e o apoio que ele demonstrava lhe dar, mesmo às ocultas, mas na medida do possível teria provado que ele realmente lhe desejava o bem. Ele lhe trazia interessantes livros científicos, contava muitas coisas interessantes de fatos históricos e das lendas relativas ao castelo e à noite, quando não tinha ninguém, ele se ocupava com a música. Tocava na sala de estar da velha condessa onde haviam colocado para ele um excelente piano de cauda. Marina assistia constantemente aos concertos da noite, ao se sentar na poltrona com um sentido estranho escutava as fantasias arrebatadoras do jovem padre. Ante os seus olhos havia duas pessoas completamente diferentes: o padre Ksaveri num ambiente ordinário e este pálido, indiscutivelmente dotado, músico com um olhar brilhante de inspiração. O primeiro parecia frio, firme e impenetrável, que tudo vencía e subjugava; e quanto ao segundo, sob seus dedos

finos, na tempestade das melodias maravilhosas e arrebatadoras, refletia-se um mundo inteiro de paixões, de luta e de suplícios.

Marina ficava muito impressionada com esta música: ela se unia a estes acordes potentes, que lhe pareciam gritos de uma alma dolorosa e extenuada; esta disposição transformava-se quase em hipnose e deixava-a cravada no lugar, ora encantando com uma tempestade de sons, ora emocionando com um tremor frio. Às vezes ela não queria ir, mas a força da melodia maravilhosa atraía-a irresistivelmente e ela chegava e sem nada dizer sentava-se no seu lugar habitual.

Um dia, depois que Marina se despediu e foi embora e que o padre Ksaveri também tencionava voltar para o seu quarto, a condessa o deteve e o levou ao seu oratório, ao lado do seu dormitório. Era um quarto bastante espaçoso com altas janelas góticas; as paredes foram cobertas com uma velha entalhadura de carvalho, escurecida com o tempo. O quarto fora mobiliado com um facistol, uma poltrona ao lado e um sofá baixinho ao lado do qual havia uma estante de carvalho, ocupada com livros religiosos e outros tipos com capa de couro. Uma pesada cortina de brocado verde, bordada com flores de ouro, fechava uma porta ogival, guarnecida com gravuras de aço.

Aqui a condessa Yadviga gostava de retirar-se junto com seu confessor para poder longe de ouvidos indiscretos confessar-lhe os seus pecados ou discutir com ele questões importantes ou segredos.

Desta vez a condessa parecia muito aflita, descontente e distraída. Ao fazer sentar o padre ao seu lado no sofá, perguntou com irritação mal contida:

– E como vai a conversão dessa mocinha imprestável? O senhor está calado, padre Ksaveri? Pois é necessário que o caso ande com mais rapidez.

– Coisas tão complicadas não se fazem de um dia para outro, se, claro, têm em vista uma conversão verdadeira e séria pela convicção e não por qualquer vantagem. A jovem condessa é muito tenaz e não quer saber nada sobre conversão de fé; por isso, antes de ter a possibilidade de convencê-la da superioridade da santa Igreja católica, eu tenho que ganhar a confiança dela. Em cima disso estou trabalhando atualmente e posso dizer que não é em vão; o resto vem com o tempo. Não entendo porque a senhora está com tanta pressa.

– Ah! Se eu pudesse me livrar dessa maldita de cara pálida, não daria mais importância a ela, e a deixava ferver no inferno eternamente – resmungou a condessa e a expressão de um rancor figadal perpassou no seu rosto carnudo. – Será que você não entende que Stanislav se apaixonou por ela...

– Deixe-o. De qualquer modo, ele não terá coragem de tocá-la, senão o excomungarei – ruborizando fortemente, respondeu o padre com ar de ameaça.

– Tenho medo que quando um homem com o caráter de Stanislav se apaixona, nem mesmo a questão religiosa o detém, enquanto esta mulher estouvada o provoca com suas caretas e sua postura de não-me-toques. Entretanto, eu não quero que ele se amigue com a esposa antes que ela abrace o catolicismo e a sua santidade o papa dê a sua permissão. Escreva para o bispo, que eu não pouparei nada para conseguir a bênção de Roma; da sua parte, o senhor, também tem que agir mais zelosamente e eu doarei o dinheiro, que o senhor faz tempo me pediu para comunidade de santa Susana.

– Eu, claro, me esforçarei. Mas por que a senhora concluiu que o conde está impaciente e almeja possuir sua esposa? – perguntou maliciosamente o

padre.

– Pela raiva, quase ódio, com que ele me trata. E tudo isso por causa da maldita moscovita. Espere que vai ver, cobra! Se você não proceder como eu quero, varrerei você do meu caminho. A descendência de Zemovetski tem que ser garantida da maldição da mãe herege.

– Espero que a senhora não esteja planejando homicídio? – perguntou o padre, dirigindo olhares perscrutadores a ela.

– Homicídio? Isso não, mas segregação sim! O senhor sabe que eu gosto de remexer crônicas antigas e outros documentos do nosso arquivo! Lá encontrei um conto de um capelão, que vivia há 200 anos. Veja só, naquela época um dos Zemovetski, enquanto estava a serviço em Moscou, apaixonou-se por uma russa, com a qual depois se casou, contra a vontade de ambas famílias. Ele a trouxe aqui, onde nasceu a sua filha, que foi batizada como católica. Ao partir para a guerra, ele confiou a sua esposa e filha ao seu irmão mais novo e o último com a ajuda do capelão tentou convertê-la para a verdadeira religião, mas ela resistia em sua heresia. Um certo dia a moscovita sumiu e todos pensaram que ela ou se afogara ou fugira para a sua pátria. Não havia mais nenhuma notícia dela. Enquanto isso, o marido dela fora morto durante uma batalha, a filha foi para o mosteiro e o irmão mais novo foi o fundador da atual família dos Zemovetski. Uma história instrutiva, não é? Eu achei o lugar onde aquela moscovita estava presa; vamos lá, eu mostro para você.

Ela levantou-se, aproximou-se da estante com livros, apertou uma mola e no mesmo instante abriu-se uma porta, escondida no entalho. Um ar frio, viciado e úmido exalou ao encontro deles; não dando atenção a isso, a condessa inclinou-se e pegou uma lanterna antiga que estava num canto.

– Acenda-a, padre, para mim, por favor. Há trinta anos ou mais que eu não vou lá.

Ksaveri acendeu silenciosamente a vela, que estava na lanterna, e eles entraram por uma passagem estreita, no final da qual a escada de trinta degraus acabava embaixo com uma maciça porta, guarnecida de metal e equipada com ferrolho; um cadeado pesado estava jogado no chão. Quando a porta foi aberta, dava para ver um subterrâneo redondo com uma baixa abóbada de pedra. O padre levantou a lanterna e com curiosidade examinou o calabouço.

Ao lado da parede, num baixo banco de pedra havia um monte de lixo, deveria ser palha apodrecida, e um cobertor vermelho de tecido decomposto, todo em farrapos; em cima na parede estava pendurada uma cruz preta com o corpo amarelado do Cristo feito de marfim. Perto da entrada, numa mesa de pedra havia uma caneca de barro e uma taça de prata, escurecidas pela umidade; as contas do rosário haviam sido espalhadas parte no chão, parte na mesa; no mesmo lugar um açoitador e um livro numa capa de couro com os cantos de prata.

Com um sorriso maldoso a condessa pegou o açoitador e o ergueu no ar.

– A crônica não diz se a própria arrependida açoitava o seu corpo pecador ou o capelão, ou pode ser que o irmão do marido a castigasse quando ela ficava insubmissa demais. Em todo o caso, é um meio maravilhoso e ajuda a vencer a teimosia – observou ela maliciosamente.

– Oh, sem dúvida – respondeu Ksaveri, ao virar-se. Involuntariamente apareceu-lhe o quadro: Marina, fechada nesta prisão fétida, e ele chicoteando com açoitador o seu branco corpo de mármore. Um arrepio frio percorreu o seu corpo ou por paixão ou por piedade. Mas não, essa tenra criatura frágil não

morreria neste buraco horrível; somente um diabo como esta velha seria capaz de inventar uma coisa dessas. Ele iria vigiar para que Marina não caísse numa cilada...

Já era tarde quando o padre Ksaveri voltou para o seu quarto, sombrio e excitado; ele releu a escritura de doação de uma soma bastante considerável a favor da sociedade de propagação do catolicismo e depois a jogou na gaveta da sua escrivaninha.

– Paguei caro por este pedaço de papel para alegrar o Vosso Reverendíssimo Arcebispo... Porém como foi asqueroso comprá-lo à custa de favores da velha bruxa. Que repugnante! É isto que é devoção à Igreja, que não tinha sido citada no meu voto. Talvez isso faça parte da noção "obediência"? ...

Ele caiu numa risada maldosa e maliciosa e, ao fechar com um estrondo a mesa, resmungou entre dentes:

– Se sou obrigado a servir a Igreja de uma tal maneira, então, evidentemente, posso sem remorso aproveitar do mesmo modo para interesse próprio, para gozo próprio.

Uns dias depois um dos fazendeiros vizinhos promoveu um piquenique por ocasião de uma solenidade familiar. O conde achou necessário participar deste festejo e desejou que Marina o acompanhasse. Como de costume; ela concordou sem protestar e na hora combinada sentou-se na carruagem ao lado do marido.

A viagem realizava-se em completo silêncio. Encostada no canto da carruagem, Marina estava pensativa, esquecida do seu vizinho. Ao contrário, os olhos de Stanislav espiavam tenazmente o corpo cativante da sua esposa e parecia-lhe que ela nunca havia sido tão bela como naquele dia. A indiferença

completa e aberta de Marina o irritava e ofendia, estragado até fartar-se com as vitórias na alta sociedade, este fracasso com a própria esposa o deixava furioso.

Durante a festa Marina foi um grande êxito, e uma multidão de admiradores cumulava-a de amabilidade e atenção. Ela estava muito bonita de vestido branco, adornado com rendas, que combinavam extremamente com a sua beleza aérea e seus lentos movimentos graciosos.

Stanislav sufocava-se de raiva e começou a cortejar abertamente uma viúva, atraente e sedutora, procurando excitar o ciúme da esposa, mas esta nem percebeu o flerte do marido e somente a sociedade se surpreendeu com a leviandade do jovem conde. Durante o almoço, que encerrou a festa, Stanislav tinha bebido mais do que o de costume e agora voltava para casa com cabeça quente, excitado pela raiva dos ciúmes, o amor-próprio ofendido e a paixão. Apesar de guardar tenazmente silêncio durante toda a viagem, inventava meios para pôr fim às relações com a sua esposa que tinham se tomado insuportáveis para ele.

Nesse instante a carruagem entrou no parque e, ao chocar-se com alguma coisa, parou. Respondendo à pergunta do conde, o cocheiro disse que um dos cavalos tropeçara e, parece, torcera uma pata, mas mesmo com dificuldade ainda dava para ir a passo lento até o castelo. Então o conde mandou o criado buscar um cavalo de casa, enquanto eles continuariam devagarzinho.

— A noite está maravilhosa e nós poderíamos chegar à casa a pé para não cansar o pobre animal — notou Marina, assomando à janela e olhando ao redor onde eles estavam.

Ao sentar novamente no seu lugar, ela se chocou com o marido, que

também olhava pela janela e sua face tocou a dela. Com esse toque, toda a sua paixão acendeu-se num instante. Abraçando a sua esposa, ele a estreitou e a cobriu com beijos ardentes.

– Mara, Mara! Livre-se das sombras que foram despertadas entre nós pela maldade humana e não nos deixam viver uma vida natural – sussurrava ele, beijando-a. – Você não tem culpa que um acaso fatal tenha feito com que me encontrasse com a sua mãe... Deixe-me amá-la e você me ame também. Esse é nosso direito, o nosso dever!... Marina rechaçava silenciosamente e tentava libertar-se.

– Deixe-me, você não pode proceder deste jeito. Não me obrigue a gritar perante todo mundo... – murmurou ela, sufocando.

– Pode gritar, para mim tanto faz! Todo mundo vai rir de você que grita quando o marido a abraça.

Com uma força que ele nem imaginava que ela tivesse, ela o empurrou e, abrindo a porta, desceu.

Depois de pular uma vala da estrada, ela se encontrou numa alameda conhecida do parque, mais adiante começava um matagal, cortado de caminhos em várias direções e chamado de labirinto. Marina queria o mais rápido possível chegar até lá para que pudesse se esconder no bosque, e mais ainda, porque caía o crepúsculo. Mas Stanislav adivinhou a sua intenção e queria explicar-se, já que a própria questão sobre suas relações estava na ordem do dia. Sem perder tempo ele desceu rápido da carruagem.

– Vá devagarzinho, Voiteke, enquanto eu e a condessa vamos a pé para casa – gritou ele para o cocheiro e foi atrás da esposa.

Marina sabia que o conde a qualquer momento a alcançaria, e quanto

mais ela se afastasse da estrada tanto mais rápido arriscaria ficar sob o domínio do marido, a quem nunca antes tinha visto num estado tão excitado; mas a repugnância e a raiva logo lhe devolveram a coragem.

Não longe dali, agitando-se e formando espuma, corria o rio; a margem neste lugar era alta e abrupta. Ela se lançou até o rio e encostou-se à árvore no momento em que o marido, ofegante e furioso, aproximou-se dela.

– O que significa a sua ofensa e esta perseguição? Será que cumpre a promessa deste jeito? Eu considerava o senhor mais honesto.

Uma profunda indignação e desprezo percebia-se no tom da sua voz.

– Isto significa somente que, como um louco, eu prometi coisas que não sou capaz de cumprir, e no que se refere à vida ridícula e anormal que nós levamos, assim não pode continuar. Para mim chega! Entendeu? Conforme todas as leis, de Deus e humanas, você me pertence, você é minha esposa e eu amo você.

A sua voz tremia de cólera e paixão.

– Quando me casei com o senhor, não sabia do passado. Me entenda, sou a filha daquela que o senhor amava somente há um ano atrás. Eu não perdi ainda o temor a Deus e ao pecado terrível que agora está entre nós...

– Tudo isso é uma besteira, um romantismo obsoleto – fora de si, interrompeu-a o conde. – Dê uma olhada ao redor e veja o que está acontecendo na sociedade: a cada passo você verá ora o pai que namora a sua nora, ora as senhoras que têm como admiradores os maridos das suas irmãs; no que se refere aos homens que se casam com as filhas de suas ex-amantes há à beça e os raios dos céus não os atingem... Já passaram os tempos quando acreditavam em ameaças dos suplícios do inferno. Quanto a mim, quero achar a feli-

cidade nos seus braços, encantadora; os seus olhinhos aveludados me enfeitiçaram e queira ou não, será minha.

– Eu prefiro morrer neste rio a tal "felicidade". Será que o senhor não entende que repugnância invencível me inspira o seu amor sujo e o senhor próprio, crápula que não tem fé nem escrúpulos? Sim, o senhor é detestável e asqueroso para mim... Claro, nada posso fazer contra a violência, mas saiba, que o dia, em que o senhor violar a promessa que me deu, será o último da minha vida.

Vendo que o conde com o rosto corado pretendia aproximar-se, ela agilmente deu alguns passos para trás até a margem.

– Saia do meu caminho e deixe-me voltar para casa. Será que o senhor tenciona como um bandido me desonrar na estrada principal? – pronunciou ela com voz trêmula.

Por causa do movimento rápido de Marina, um pedaço de terra desmoronou da beira e sob seus pés pedras começaram a cair fazendo barulho na água.

Assustado, o conde ficou pálido e pôs-se a retroceder.

– Pode ir, mas saiba que na hora certa nós reataremos esta conversa. Prefiro dizer toda a verdade a seu pai e estarei pronto a bater-me com ele em duelo do que arrastar tal vida.

Ele girou e desapareceu depois da curva da alameda. Aturdida, Marina ficou parada por algum tempo, depois foi para o castelo. Tudo nela tremia e doía por dentro, o coração batia fortemente.

Ela vira claramente a paixão nos olhos do marido; isso significava que a sua única defesa segura – a indiferença de Stanislav – não existia mais.

Entretanto, aos olhos dos estranhos o conde estaria certo, enquanto a sua conduta em relação ao marido, aparentemente escolhido livremente por ela, seria julgada como imperdoável. Ela duvidava, claro, que ele cumprisse a sua ameaça... Mas e se ele por vingança procedesse como tinha ameaçado? O que aconteceria então? Só em pensar nisso o suor frio cobriu a sua testa. Além disso se alguma coisa chegasse até Pavel Sergueevitch sobre sua discórdia familiar, este rumor com certeza despertaria a sua antiga suspeita motivada pelo ciúmes que fora dissipada somente com o casamento dela com Zemo-vetski. Ela lembrou alguns episódios pesados desse tipo. No dia inesquecível do choque com Tudelskaia, a própria Juliana confessara que o seu marido por mais de uma vez fizera cenas por causa de Stanislav, exatamente isto servira de motivo para a decisão de Marina. Agora de um modo ou de outro, se a verdade fosse desvendada, o sacrifício dela teria sido inútil...

Ocupada com seus pensamentos que causavam ansiedade, Marina andava rapidamente e não prestava atenção nem para as moitas, montículos e galhos que rasgavam o seu vestido, nem para o orvalho que molhava os seus pés. Impensadamente, ela andava ao longo do rio, que parecia um defensor fiel, e por isso fez um longo caminho ao seu redor.

Já era noite quando ela se aproximava do castelo. A lua estava em quarto crescente e iluminava, com a luz embaciada, uma alameda ao longo do muro da casa. Marina andava rapidamente e de repente deu-se com a alta figura do padre Ksaveri a qual não tinha notado antes.

– Como, a condessa voltou sozinha e ainda a pé? – perguntou o padre Ksaveri surpreso.

– Sim. O cavalo torceu a pata e fui obrigada a descer da carruagem. Por

isso eu cheguei atravessando o parque – sem vontade respondeu ela, querendo passar.

Mas o olhar penetrante do padre já notara que o seu vestido estava sujo e molhado, uma das mangas rasgada, o seu rosto pálido e profundamente abalado. Era notório que alguma coisa tinha acontecido entre os esposos e o padre tinha que saber o que exatamente tinha ocorrido.

– Será que o conde deixou a senhora voltar sozinha? – desconfiando, perguntou ele. – Deve ter acontecido alguma coisa... A senhora tão pálida e desolada...

Ele pegou a mão fria de Marina e apertou com força na sua.

– Diga-me, o que abalou a senhora? Seja sincera comigo, condessa. A senhora anda por aí sozinha, sem qualquer apoio e sem um conselho no meio da senhora Yadviga, que a odeia, e o conde que não é tão indiferente como lhe parece. Abra-se comigo e aceite a minha ajuda. Se a minha experiência de vida, o conhecimento e a autoridade eclesiástica podem ser úteis para a senhora, aproveite sem medo, faça o favor.

Marina não tirou a sua mão. A voz dele emitia um interesse sincero e caloroso, nos olhos refletia-se a compaixão do adulto que desejaria consolar uma criança. Sim, o que ele dizia era justo: ela estava sozinha por aí sem amigo e sem conselheiro.

Marina estava em tal estado de espírito, que aspirava desabafar a sua dor, ouvir uma palavra de consolo e um conselho sábio que poderiam acalmar o seu desacordo espiritual. E por que não aconselhar-se com ele? Ele era a única pessoa que lhe estendia a mão para prestar ajuda. Devido a sua inexperiência, não suspeitava nem um pouco que o padre pudesse alimentar um

sentimento mais ardente do que parecia e que sob sua batina pudesse se esconder uma paixão mais forte e persistente do que a de Stanislav, que em toda a sua vida amara mulheres até fartar-se, enquanto o outro pela primeira vez na sua vida estava escravizado por esse sentimento.

– Obrigada, pelas boas palavras, padre Ksaveri. Pois o senhor é também servidor do mesmo Deus, que nós dois adoramos. Então por que não posso expor os tormentos do meu coração? – disse ela em voz baixa.

– Aconteceu uma cena desagradável entre o conde e mim, que mostrou claramente que a palavra que me foi dada depois do nosso casamento não mais tem me protegido... Não vejo saída para esta situação e nem posso me defender abertamente pois poderá provocar rumores ou mesmo um escândalo ruidoso, que arriscaria chegar até meu pai e reduzir a nada o meu sacrifício. Entretanto, a minha morte poderia resolver tudo... Cansei-me de viver e não valorizo mais a existência, porém uma dúvida me detém e tortura: como Deus condenará minha alma rebelde, se por decisão própria comparecer ante Ele sem ser chamada?

O padre estremeceu e olhou atentamente para o seu rosto desolado e olhos úmidos de lágrimas.

– Quem entre nós mortais ousaria definir os limites da piedade de Deus? Mas a minha Igreja considera que o suicídio é um pecado tão penoso que priva o morto do túmulo bento, das orações e o expulsa do cemitério. A Igreja ensina que a alma sofredora do suicida vagueia na escuridão do inferno... Será que a sua doutrina religiosa não prega o mesmo? O padre que guia a sua consciência deveria explicar-lhe que só pensar nisso já é um pecado horrível. Será que a senhora não tem um confessor que possa consolá-la e

dar-lhe apoio?..

Marina abaixou a cabeça e absteve-se da resposta direta.

– Sim, a minha Igreja também condena a morte por vontade própria e eu me tornaria um pária se me suicidasse. Entretanto, o que me resta para poder evitar as relações com meu marido que provoca em mim somente repugnância? O senhor é o confessor dele, será que não poderia colocar na cabeça do conde que o seu sentimento, a sua paixão, é odiosa para mim; convencê-lo de que uma pessoa honesta tem o dever de cumprir a palavra dada?

– Farei o máximo possível – disse o padre Ksaveri depois de guardar silêncio por um certo tempo. – Sem dúvida, o conde não evitou a influência prejudicial do ambiente da feia e amoral sociedade que o cerca. A conduta dele mostra o quão pouco ele se restringe às regras da moral cristã, que rejeita diretamente quando ela o detém; mesmo assim ele acredita em Deus e é acessível à voz da consciência. Tentarei persuadi-lo; em todo caso a senhora poderá contar com minha ajuda e apoio.

– Agradeço muito, senhor – respondeu Marina, apertando a mão dele com gratidão, e apressadamente se dirigiu ao seu quarto.

Stanislav voltou enfurecido para o seu quarto. Ele não esperava encontrar uma resistência e desprezo desses por parte da menina, a quem ele outrora mal se dignava a olhar e sempre achara sem graça, "insípida" em comparação com a beleza brilhante de Juliana ou à beleza demoníaca de Nadejda e de outras mulheres ardentes que deleitavam a vida agitada do rico farrista. O obstáculo moral que os dividia, voltou a sua atenção para Marina e de repente a sua tenra beleza sonhadora, a graça acanhada e aquela intactibilidade que se sentia nela encantaram-no. Mais tarde, este sentimento muito rapida-

mente transformou-se em uma louca paixão, que a resistência de Marina inflamava mais ainda. O fato de que esta mulher, sendo seu patrimônio, o rejeitava, deixava furioso Stanislav e despertava um verdadeiro ódio para com a condessa Yadviga. Se essa megera, dominada por um fanatismo estúpido e um ódio cego a tudo que é russo, não tivesse desvendado o passado a Marina, ele jamais se encontraria nessa horrível situação perante a própria esposa.

Como um tigre na jaula, ele atravessava o seu quarto, inventando planos, um mais arriscado que o outro para poder pôr fim ao seu estado insuportável. De qualquer maneira, ele não queria mais viver sob o mesmo teto que a sua avó. Resolveu partir de Tcharna. Podia ser que Marina criasse juízo e fizesse as pazes com ele em um outro ambiente.

O conde passou uma noite horrível e de manhã dirigiu-se ao aposento da sua avó para declarar a sua decisão, que com certeza a deixaria furiosa, mas ela não poderia impedi-lo porque a herança, que ele recebera da sua mãe, fê-lo totalmente independente.

A condessa Yadviga estava na sua saleta, e desfiando o rosário folheava o livro "Descrição da vida dos mártires", tendo um aspecto devoto. Quando o neto entrou, ela fechou o livro.

– Por que você está tão pálido e carrancudo, meu amigo? – perguntou ela com um sorriso, estendendo-lhe a mão.

Mas Stanislav parecia não ver a mão estendida. A sua voz tremia de raiva contida enquanto ele respondia:

– Que pergunta inocente depois daquela imundície incrível que você fez, ao semear a discórdia entre mim e minha esposa. Há tempos que eu quero exigir a sua explicação, com que direito você se mete na minha vida priva-

da? Você sabia o que forçou o nosso casamento e deu o seu consentimento. Depois tirou a faixa perfidamente dos olhos dessa menina ingênua, abriu o passado e com isso criou um inferno para mim, colocando-me numa situação horrível.

– A minha consciência obrigou-me a fazer isso interrompeu a condessa com um tom decisivo. – Eu tinha que consentir com seu casamento para salvar a honra de Juliana; porém deixar que houvesse entre vocês relações íntimas seria entrar em contradição com o meu dever de cristã e pisotear o fundamento das normas morais.

O conde corou e mediu-a com um olhar de profundo desprezo.

– Você?.. Você tem medo de violar as normas da moral e do dever cristão? Ha, ha, ha! – e ele deu gargalhadas em voz alta. – Por quem me toma, avó? Não sou um menino e nem tão bobo ou cego para não perceber que papel desempenhavam na sua vida o padre Ignati ou Tadeuch e qual desempenha atualmente o padre Ksaveri e por isso duvido que essas relações encaixem no termo "dever da moral cristã". Mas não me toque e, por favor, não se refira a ela para justificar as suas patifarias. Não é a aspiração de me salvar do pecado que a conduz neste caso, mas o ódio cego pela religião que Marina professa, e pela sua origem russa. Se eu me casasse com uma polonesa, mesmo que uma devassa, mas católica, você não diria nada, mas com uma ortodoxa você resolveu me separar. Então eu vim para dizer a você que estou farto da sua tutela e que penso sair de Tcharna. Daqui a alguns dias viajarei para o exterior, dou para você plena liberdade para praticar virtudes cristãs com a ajuda do padre Ksaveri e desejo que vá parar junto com ele diretamente ao Paraíso.

Sem esperar resposta, ele girou e foi embora.

A condessa não disse nada por uma simples razão, ela não conseguia proferir uma palavra: o seu rosto ficou rubro e lilás, a fúria apertou a sua garganta e durante um minuto ela pensava que ia sufocar.

Irascível, brusca, cruel e arrogante, graças à sua fortuna, a condessa Yadviga não tolerava objeções e menos ainda críticas aos seus atos. Ainda nunca e ninguém tivera a coragem de pôr a nu e indicar a base das relações dela com os confessores, as quais ela considerava perdoáveis e legais. Jamais Stanislav se decidiria a fazer uma alusão deste tipo: de repente ele a insultava com insolência e por culpa de quem? Por causa desta detestável moscovita herege?!

Dentro dela despertou uma tal raiva contra a pobre Marina, que se ela caísse na mão da condessa seria capaz de estrangulá-la. Mas esta tempestade logo se acalmou, dissimulada sob a aparência da habitual aferição astuta da condessa. Somente nos olhos dela ainda brilhava um sorriso diabólico.

"Você não sairá para lugar algum, simplesmente desaparecerá para não servir de obstáculo para salvar o espírito do seu tolo marido e não provocar novas afrontas contra mim" – resmungou ela e ficou pensativa. Mais tarde ela chamou a empregada e mandou buscar o padre Ksaveri.

Outro que também passou uma noite horrível. O acontecimento da véspera inesperadamente perturbou a tranqüilidade aparente e despertou-lhe um acesso de ciúme. Ele passou toda a noite sem poder conciliar o sono, pensando em vários modos de separar Marina e seu marido e ainda estava completamente absorvido por estes pensamentos quando foi chamado para o quarto de Zemovetskaia.

A condessa começou perguntando como estavam as coisas em relação à conversão de Marina.

– A sua prudência excessiva, padre, destruirá todo o seu trabalho – notou sarcasticamente ela quando ouviu uma resposta evasiva do confessor. – Tenho que lhe dizer que esta mulher leviana fez Stanislav se apaixonar por ela de tal maneira que eu nem poderia imaginar. Agora ele está louco por esta mulher de face pálida e me acusa de roubar-lhe a felicidade. Depois de dizer muitas insolências e injúrias, declarou que viajará para o exterior com sua esposa e não voltará mais aqui.

O padre empalideceu, o seu rosto refletia ansiedade e tal embaraço que a condessa estremeceu e lançou um golpe de vista de desconfiança para ele.

"Que significa essa agitação? Será que Ksaveri também fora apanhado nas malhas da rede da moscovita, assim como Stanislav?"

No mesmo instante ela lembrou que ultimamente o padre estava mudado: triste e pensativo ele parecia evitá-la, perdera o antigo afinco pelos interesses da Igreja."

A condessa cerrou os dentes. Era só o que faltava: que o seu confessor se apaixonasse por aquela herege! Essa não.

Logo ela colocaria um fim a isso e Marina pagaria caro por suas vitórias inoportunas. Aparentemente ela não se traía com nada e depois da curta conversa deixou o padre Ksaveri sair, o qual foi embora com um alívio no coração.

O dia foi fatigante e entediado. O conde almoçou sozinho no seu aposento, para depois partir sem dizer aonde ou quando voltaria. Marina também não deixara o seu quarto, mas ao saber que o conde havia partido deu um

suspiro de alívio.

– Graças a Deus. Podia ser que por alguns dias ela estivesse livre da presença dele e não precisasse mais temer que ele fizesse novas cenas.

À noite ela resolveu visitar como sempre a velha condessa, porque não queria chamar a sua atenção. Na sala de visitas ela só encontrou o padre Ksaveri, que percorria o pacote de novas músicas, enviadas de manhã, e a senhora Camila, que juntava as revistas ilustradas. A comensal lhe disse que a condessa não estava bem e descansava, mas que apareceria na hora do chá, enquanto isso pedia que não se acanhasse e que se ocupasse com a música, tocando piano.

Ao responder com gentileza a profunda reverência do padre, Marina notou que ele estava muito pálido e tinha o olhar febril e inquieto.

– O senhor hoje me parece não estar muito bem, padre Ksaveri? O senhor não está com uma boa aparência – perguntou ela com simpatia.

Este corou e embaraçado murmurou um agradecimento, mas disse que estava perfeito e sentou-se para estudar uma música nova.

Marina sentou-se na poltrona na cavidade da janela, onde sempre costumava ficar, e preparou-se para escutar a sinfonia que lhe interessava.

Logo percebeu que Ksaveri hoje tinha uma disposição um tanto especial: compreendia as músicas com dificuldade, errava freqüentemente, depois parecia esquecer totalmente o caderno aberto à sua frente e não virava mais as folhas. Porém ele tocava cada vez mais e mais estranho: o piano retumbava, gemia dolorosamente e chorava, sacudindo os nervos com uma torrente de sons selvagens e bruscos, os quais refletiam aquela discordância que reinava no seu espírito. Parecia uma música diabólica onde se misturavam todas as

paixões humanas. Um tremor frio percorreu o corpo de Marina, surpresa, ela examinava o rosto pálido de Ksaveri, enquanto este olhava para um lugar longínquo com olhar ardente e parecia esquecer onde estava.

Finalmente, Marina não agüentou. Não conseguia escutar por muito tempo aquela música que quebrava os seus nervos e lhe causava uma dor quase física. Levantou-se de um salto do seu lugar, correu para o piano e pôs a sua mão em cima da mão do padre.

– Espere, espere, padre Ksaveri. Pare essa música terrível. Podem pensar que o senhor quer convocar todos os demônios – disse ela com emoção.

O padre estremeceu como se fosse acordado de um sono profundo e deixou cair as mãos sem forças; entretanto, a tempestade, que se transportava nele e que ele emitia nos sons furiosos, continuava a ferver no seu interior.

Ele olhava para ela com um olhar sombrio e devorador, com uma tal expressão que ela não havia visto nunca. Depois ele enrubesceu e pôs-se a rir de modo selvagem.

– Pois eu gosto desta música diabólica – sussurrou com uma voz trêmula de emoção. – Eu imagino que estou dançando numa festa, onde tudo é permitido e todos são iguais: o camponês, o soldado e o padre, onde posso saciar todos os meus desejos, onde possuo a onipotência do mal, onde não preciso propagar a adoração de Deus, que condena suas criações ao sofrimento infernal.

Ele se levantou continuando a falar sufocando e olhando atentamente nos olhos dela:

– Você me chamou diretamente desta festa, mulher sedutora. Você despertou os demônios que estavam adormecidos no meu íntimo. Eu me apai-

xonei por você. Eu quero me embriagar com a felicidade e chamo todo o inferno para que me ajude.

Estupegata, Marina olhava com medo para ele. "Será que enlouqueceu?" – passou na sua cabeça.

Ela retrocedeu e teve a intenção de correr, mas neste momento ele a abraçou fortemente até doer, apertou-a contra si e cobriu o seu rosto com beijos ardentes.

A repugnância e o medo como que a imobilizaram, mas dentro de um instante ela com todas as suas forças empurrou Ksaveri de tal jeito que ele começou a cambalear e uma bofetada sonora reproduziu-se na sua face barbeada.

– Descarado! – Fora de si exclamou ela. – Miserável, que esqueceu a sua dignidade e falta ao respeito a uma mulher!

Ela saiu correndo do quarto.

Ksaveri encostou-se na parede e fechou os olhos. Agora ele novamente ficava pálido e a marca da bofetada recebida ardia claramente na sua face descorada, ele tremia como se tivesse febre; a lembrança da repugnância e desprezo, que se refletiam nos olhos de Marina, o torturavam mais dolorosamente que a marca na sua face. Ela o repudiara como uma cobra, espancava-o como um cachorro, asperamente lembrou-lhe sobre sua veste, essa batina, que sempre cortava caminho para todas as alegrias do viver, acessíveis para as outras pessoas.

Um suspiro penoso ou um gemido escapou-lhe; mas aquele domínio de si, com que tinha sido criado, novamente começavam a dominá-lo apesar de ter temporariamente ficado abalado pelo ímpeto da paixão.

Ele passou a mão na face coberta com suor frio e pôs-se ereto, tencionando também sair, mas neste momento encontrou-se com os olhos da velha condessa, que estava na entrada da sua saleta e olhava para ele com atenção e escárnio.

– O que há com o senhor, padre? O senhor está muito perturbado por alguma razão. Por que essa mancha vermelha no seu rosto?

– É o sinal da bofetada que me deu a jovem condessa, quando tentei mais insistentemente convencê-la da necessidade de renegar a sua heresia e convertê-la à verdadeira fé. Como a senhora vê, a tarefa que me incutiu é cheia de perigos e aborrecimentos – respondeu sombriamente ele.

Um sorriso maldoso percorreu o rosto de Zemovetskaia.

– Estou surpresa, meu pobre amigo, eu nem imaginava que esta gata selvagem ousasse ofendê-lo seriamente. Entretanto, vejo que chegou a hora de ajudá-lo na difícil tarefa de converter nossa jovem selvagem e pôr à sua disposição meios mais efetivos que a sua música maravilhosa. Vamos para o meu oratório, padre, e juntos discutiremos esta importante questão.

VIII.

Marina voltou para sua casa revoltada até o fundo da alma. Ao pensar como fora ultrajada, fervia de indignação, mas à medida que se acalmava, o medo e o desespero sucediam à raiva. Sentia-se uma mosca que caíra na teia de aranha. Agora o perigo a ameaçava de dois lados: não somente o marido a perseguiria com seu amor, mas também esse descarado e devasso padre, que pela sua ingenuidade achava-o o seu "protetor".

Por muito tempo ela caminhou pelo quarto, procurando a saída para sua situação insuportável, e finalmente chegou à conclusão que tinha que aproveitar a ausência do conde e sair dali. Diria para a velha condessa que visitaria um parente que adoeceu, mas na realidade se esconderia num mosteiro e de lá escreveria para o conde sobre o divórcio. Todas as preocupações passadas provocaram-lhe uma forte enxaqueca e ela foi dormir, deixando para o

outro dia a realização das suas intenções.

No dia seguinte, depois de tomar o café, Marina pediu o chapéu e o guarda-chuva e desceu para o jardim. Ela autorizou a criada para que fosse à casa do intendente da zona florestal, onde se realizava um batismo e onde Camila substituíra a senhora Yadviga na qualidade de madrinha, fora também quase toda a criadagem com a licença da velha condessa e até o segundo cozinheiro, enviaram para a preparação da comida para a festa.

A dor de cabeça ainda não passara depois dos acontecimentos na véspera, mas esperava que passasse ao ar livre, pois tinha pela frente que estudar todos os pormenores da sua partida, de que ela tencionava falar com a condessa à noite. Por precaução, ela colocou um revólver no bolso.

Evitando se encontrar com Ksaveri, ela foi para a parte deserta do parque e ficou lá sentada durante várias horas, depois resolveu voltar para o castelo, examinando temerosamente as alamedas. Entretanto ao seu redor estava vazio e ela já se aproximava da casa sem encontrar ninguém.

Perto do terraço que dava para o seu quarto, Marina encontrou a velha condessa. Esta lhe contou amavelmente que também passeava e convidou-a para que a visitasse para tomar uma xícara de chocolate.

– Nós mesmas o prepararemos porque Camila não está e somente ela sabe me contentar. Mas é necessário matar a fome porque hoje teremos o almoço mais tarde. A propósito, eu lhe mostrarei a minha coleção de rendas antigas, – terminou bondosamente Yadviga.

Marina com prazer teria recusado o convite, tanto a condessa lhe era repugnante como as rendas não lhe interessavam, especialmente agora, quando ela pensava em coisas completamente diferentes. Mas ela achou que não fica-

ria bem recusar o convite; além do mais, ela teria a possibilidade de comunicar a sua partida.

Ela foi para a saleta de Zemovetskaia e, enquanto a outra preparava o chocolate, Marina lhe contou sobre a doença da sua tia, superior do convento, e o seu desejo de passar alguns dias no mosteiro enquanto o conde estava fora.

Aparentemente, a velha condessa concordou com ela. — Claro, vá visitar a sua doente. Tenho certeza de que Stanislav não terá nada contra isso; afinal, ele poderá ir buscá-la depois — disse ela, oferecendo a xícara de chocolate.

— Eu até pensei em deixar uma carta para ele antes de partir — disse Marina com alegria, contente que tudo tivesse ficado arranjado com facilidade.

Conversando, ela tomou o chocolate e comeu um doce, quando de repente sentiu que suas mãos e pés pareciam encher-se de chumbo. Quando assustada ela tentou levantar-se, ficou tonta, sentiu que as pernas fraquejavam e caiu no sofá; tudo começou a girar ante seus olhos e sentiu como se caísse num abismo escuro. Depois ela perdeu a consciência...

A condessa abaixou-se sobre ela, levantou a sua mão fria que caiu sem forças; um sorriso maldoso torceu a sua boca.

— A sua caminhada acabou, beldade, e a cela onde vou encarcerá-la será o seu túmulo. Mas antes converterei você para nossa religião e farei de você uma moça quieta e obediente.

Ela abriu a porta do oratório na entrada do qual o padre a esperava.

— Rápido, Ksaveri, me ajude a levá-la. Já é tarde, entretanto, o senhor tem que chegar na hora na casa do intendente da zona florestal.

O padre se aproximou e com um olhar sombrio e severo olhou para Marina, que estava deitada desmaiada no sofá, branca como o seu vestido de musselina.

– Agasalhe-a bem com este xale. Lá embaixo está frio, e eu não quero causar desgosto a Stanislav, ao resfriar o seu "tesouro" – disse a condessa, dando risadinhas com desprezo.

Ksaveri enrolou Marina no xale quente de lã e, carregando-a nos braços, levou-a à passagem secreta seguindo a condessa que levava uma lanterna acesa. Cada nervo começou a vibrar, quando ele tocou o corpo esbelto de Marina, cujos cabelos sedosos tocavam a sua face.

A condessa, que o observava, notou como ele enrubescia e como tremiam as suas mãos e uma expressão de ódio por ciúmes refletiu-se nos seus olhos.

"Você é muito suspeito, meu respeitável confessor. Convém observar você. Agora somente na minha presença você vai trabalhar na conversão desta herege" – pensou ela maldosamente.

O subterrâneo parecia estar preparado de antemão para receber a nova vítima. A lâmpada no teto estava acesa, a palha podre no banco de pedra fora substituída por um colchão, um travesseiro e um cobertor de lã; havia uma cesta no chão e foram colocados uma jarra com água e um copo na mesa ao lado do açoite.

Colocaram Marina na cama e a condessa arrancou um pedaço da renda da manga da moça, depois os dois cúmplices saíram, fechando cuidadosamente, a porta.

Somente por volta do meio dia perceberam a ausência de Marina e começaram a procurá-la por toda a parte. A condessa parecia surpresa e disse que,

apesar de não ter visto Marina, achava que ela fora para algum lugar longe dali e por isso demorava para voltar. Mas quando caiu a noite e Marina não aparecia ainda, Zemovetskaia alertou todo mundo no castelo e os criados, que tinham voltado da festa do intendente da zona florestal, foram enviados para procurar por todos os lados. Evidentemente, a busca não deu em nada nem à noite, nem no dia seguinte. Interrogaram as pessoas, mas ninguém sabia de nada, somente um menino jardineiro disse que vira a jovem condessa dirigindo-se ao labirinto. Então a busca foi canalizada para este lado e ao meio-dia um dos criados achou na declive do rio um chapéu completamente amassado e o pedaço da renda de seu vestido num arbusto.

A empregada confirmou que foi o mesmo chapéu que de manhã tinha dado para a sua patroa e que exatamente com tal renda fora ornado o vestido dela. Porém com isso todas as pistas cessaram, não tiveram nenhuma indicação do que tinha acontecido com a jovem mulher que desapareceu como por encanto.

Três dias depois do desaparecimento de Marina, Stanislav voltou.

Exatamente naquela época procuravam no rio o corpo com gongos e não somente o povo do castelo, mas até os camponeses vizinhos participavam da busca.

A notícia do desaparecimento misterioso da sua esposa deixou o conde como que fulminado e levou-o ao desespero. Participou ativamente da busca, ele próprio interrogou todas as pessoas existentes no castelo junto com os moradores das redondezas e voltou para casa exausto somente à noite. Após mandar um telegrama com a notícia sobre a desgraça que tinha acontecido, o conde recolheu-se para o seu aposento para poder analisar com tranqüilidade

tudo que tinha ocorrido na sua ausência.

A sua primeira suposição foi que Marina tinha fugido, mas imediatamente ele compreendeu que estava errado. Revistou todo o aposento da esposa e em toda a parte encontrou a perfeita ordem: as suas coisas, o seu vestido e o dinheiro ninguém tocara. Seria incrível que ela saísse sem casaco, vestida somente com um vestido de musselina e de tal jeito que ninguém a tivesse visto. Agora ele se culpava por ter deixado o castelo por algum tempo; se ele estivesse em casa não teria acontecido nenhum crime, e a certeza, que aqui se escondia justamente um crime, crescia nele a cada minuto. Mas quem o teria cometido?

De repente ficou pálido, estremeceu e deixou-se cair na poltrona: um pensamento atravessou o seu cérebro, de que a sua avó estava envolvida neste caso.

Ele rapidamente considerou e ponderou sobre o ódio dela para com Marina, o seu cego e estúpido fanatismo, a indubitável raiva, provocada na alma vingativa da velha pela última conversa, quando ele discutiu claramente com a condessa sobre a sua ligação amorosa com o padre. Não há dúvida, foi ela quem recolheu Marina por raiva e vingança... Mas como e onde?... Poderia ser que já tivessem acabado com ela e jogado o corpo num esconderijo?... Ela conhecia no velho ninho todos os recantos pelos quais ele, o pândego mundano, não se interessava nunca. Entretanto, se a verdade um dia fosse desvendada, que vergonha cairia sobre o nome de Zemovetski; por outro lado seria indigno não vingar a morte de Marina e deixar impune o crime desta velha coroca!

A cabeça do conde ficou tonta por causa da emoção, toda a noite ele pas-

sou em claro, pensando e em desassossego; finalmente chegou à conclusão de que antes de tomar uma decisão definitiva, deveria espiar e observar a velha.

A droga que tinham dado para Marina foi tão forte, que o sono dela durou um dia e uma noite, e ela acordou com a cabeça pesada. Sentia uma opressão no peito, surpreendida lançou um olhar cansado sobre o ambiente desconhecido.

"Isto é um pesadelo" – pensou ela, fechando os olhos cansados.

O ar pestilento a fez sentir calafrios, além disso estava com a garganta ressecada e sentia uma sede que a torturava. Ela abriu os olhos e ergueu-se.

Não, aquilo não era um sonho. Horrorizada, mais uma vez lançou um olhar ao redor sobre uma mesa de pedra, uma porta pesada, guarnecida de metal, uma lâmpada que fumegava sob o teto, a cruz na parede e uma cama onde ela estava deitada. Pois ela estava numa prisão!...

Apavorada, Marina correu para a porta e tentou abri-la; ela batia e gritava, mas a mesa de carvalho não cedia sob as suas mãos, a sua voz cessava sob a abóbada. Ela contornou sua prisão, procurando uma saída, mas rapidamente convenceu-se que todos os esforços eram inúteis. Finalmente aproximou-se da cama e deixou-se cair nela sem forças.

Marina começou a compreender que caíra numa armadilha, lembrou o chocolate que lhe tinham servido, e a perda de consciência depois. Mas, entretanto, com que objetivo ela fora presa? Será que queriam matá-la? Em todo o caso ela agora estava sob o domínio dessa velha imprestável, que a odiava, ou talvez sob o domínio do padre, que revelara a sua paixão por ela. Ela estremeceu de repugnância e a sua imaginação começou a desenhar-lhe quadros de horror; desatando em pranto ela caiu de joelhos perante o Crucifixo e

começou a rezar ardentemente e com lágrimas.

Depois de derramar todas as lágrimas que tinha, ficou novamente com sede e a fome também fez-se sentir. Aproximou-se da mesa, tomou um copo de água e revisou a cesta. Nela achou pão, vinho e carne. Após comer um pedaço de pão, Marina voltou para cama. Começou a sentir tontura por causa do cansaço e da comoção que tinha passado e ela logo dormiu um sono pesado e desassossegado.

Não saberia dizer por quanto tempo ela dormiu, mas ela foi acordada pelo ranger da porta que se abria. A raiva e o medo levantaram-na.

A condessa entrou com a lanterna acesa, que colocou na mesa, atrás dela estava o padre Ksaveri com a vela acesa na mão e fechou a porta. A expressão no rosto da condessa era cruel e maliciosa, a do padre era sorumbática e concentrada.

Enrubescida de indignação, Marina mediu o inimigo com um olhar raioso; revoltada pela violência à qual fora submetida, ela esqueceu qualquer medo.

– Que espécie de cilada pérfida vocês armaram contra mim? Como se atrevem a me deixar presa? O que vocês querem de mim? Deixem-me sair imediatamente ou custará caro a vocês – gritou ela com a voz surda e instável de emoção.

– Ah, como a senhora é irascível, minha filha! A senhora me crivou de perguntas – respondeu com escárnio a condessa, olhando maldosamente para a moça, – entretanto, o lugar da sua estadia deveria dar-lhe uma idéia de que na sua situação seria útil ser mais humilde e pedir, em vez de ameaçar.

– Eu quero sair daqui e voltar para a casa do meu pai. Nesta condição

estou pronta até a guardar silêncio da conduta indigna da senhora.

– Muito obrigada, mas não posso aproveitar a generosidade da senhora. Stanislav está tão apaixonado pela senhora, que não a deixará sair de perto dele; ele decidiu fazer as pazes com a senhora. Daí que, antes deve-se converter a esposa dele à verdadeira fé, como o dever me manda. A partir de hoje nós daremos início à instrução, o padre Ksaveri será o seu mentor e confessor, mas aviso que, muito severo. Querendo ou não, a senhora será católica. Agora pois, chega de palavras. Ajoelhe-se! Cinquenta reverências muito profundas, batendo-se no peito, depois por meia hora fique deitada no chão. Antes de ocupar-se da alma, deve-se subjugar o corpo. Depois a senhora deverá ler as preces que o padre Ksaveri lhe indicar – ordenou a condessa.

Marina fez sinal de não com a cabeça.

– Não rejeitarei nunca a minha religião e não vou me ajoelhar conforme a ordem... Não permitirei nunca que me guie um miserável que me ofendeu e cuja alma está cheia de sentimentos sujos, proibidos pela sua Igreja...

– Chega, chega! A senhora não é somente uma herege teimosa, mas é também mentirosa e difamadora! Prossiga, padre. O senhor está vendo que atuando com doçura e exortações não poderá fazer nada – gritou a condessa, pegando o açoite e ameaçando com ele.

O padre pôs-se rubro de raiva, e nem deu tempo para Marina reconsiderar quando ele lançou-se sobre ela e prendeu as suas mãos atrás das costas com a toalha, que tirou do bolso.

– A senhora é muito rápida com as mãos, bela condessa. Pode ser que agora a senhora se tome mais conciliadora – rindo maldosamente, disse o padre, ao amarrar as mãos dela.

Marina gritava e tentava libertar-se, mas nesse instante a condessa rasgou o corpete do seu vestido, cortou com a tesoura o forro, desnudando as suas costas e peito.

Enlouquecendo de vergonha e horror, Marina ainda tentava escapar das mãos de seus torturadores, mas de repente escapou-lhe um grito selvagem e lancinante.

O açoite estalou no ar e bateu nas costas dela, deixando vergões vermelhos carregados.

– Mais, mais, padre ! Isto faz com que as cabeças mais arrogantes e teimosas vejam claro – excitava a condessa.

Depois da segunda batida Marina caiu no chão de pedra sem sentidos. Quando ela abriu os olhos, a condessa estava sozinha e desamarrava as mãos dela, dando-lhe depois o xale de lã.

– Hoje foi a primeira lição, que claramente mostrou até onde leva a teimosia – disse ela severamente. – Por isso, procure no futuro subjugar-se sem escândalo. Aqui está o livro de orações: reze e reflita.

Marina não podia responder nada: nela cada nervo tremia, os dentes batiam como se tivesse febre. Ao ver que ela estava sentada como louca, nada vendo ou escutando, a condessa saiu.

Ao ficar só, Marina pouco a pouco voltou a si; mas sob esta tranqüilidade externa escondia-se algo jamais experimentado: um sentimento de ódio selvagem e a decisão inabalável de defender-se, vingar-se daqueles monstros ou perecer.

Uma dor insuportável nas costas, ombros e pescoço por causa dos vergões sangrentos privavam-na da possibilidade de analisar com calma as suas

próximas ações. Ela molhou a toalhinha com água e rodeou os lugares dolorosos, o que lhe deu algum alívio, depois, o melhor que pôde, arrumou o vestido e, agasalhando-se no xale quente, ficou pensativa.

Então ela lembrou que levava um revólver para passear. Será que ele ainda estava com ela? Ela enfiou a mão no bolso e deu um suspiro de alívio — a arma estava com ela. Ao tirar do bolso o revólver, ela o examinou: ele estava carregado com seis balas e ela sabia atirar bastante bem e estava convencida de que não falharia. Portanto, ela poderia se defender, no caso extremo até matar ou ferir seus verdugos e fugir da prisão. A cada minuto Marina ficava mais sossegada.

Ela refletiu que com certeza se eles descobrissem a arma com ela, seria novamente posta para dormir com a ajuda de algum sonífero, por isso deveria ter cuidado com a comida que trouxessem para ela. Examinou outra cesta, posta ao lado da porta, e escondeu parte da comida e duas garrafas de vinho; com estes víveres daria para sustentar-se por um certo tempo.

Mas a condessa Yadviga parecia querer dar tempo para que sua vítima se refizesse, porque passaram alguns dias e ela não apareceu, em compensação, cada noite traziam comida, que empurravam através da porta semi-aberta e depois rapidamente a fechavam.

Marina escolhia tudo que era menos perecível e juntava ao seu estoque.

Finalmente, certa noite Marina novamente viu na sua frente seus torturadores e imediatamente pôs a mão no bolso para tirar a arma. Logo que a condessa começou a falar e Ksaveri pegou o seu açoite, Marina tirou o revólver e apontou-o.

— Eu mato como a cachorro o primeiro que der um passo em minha di-

reção. Não mais permitirei que me torturem – disse ela com firmeza.

A condessa, que era corajosa e cruel com indefesos, mas na realidade uma grande covarde, deu um grito, e de um salto, encontrou-se atrás da porta e fugiu, Ksaveri seguiu-a retrocedendo. Do lado de fora da porta ouviam-se injúrias e ameaças, depois tudo acalmou-se.

IX.

Com a volta de Zemovetski, Adaurov e sua esposa voltaram a viver como antes, em paz e tranqüilamente. As suspeitas do general dissiparam-se e a esperança do nascimento de um filho alegrava-o muito.

Só uma coisa oprimia o coração de Pavel Sergueevitch, a vaga preocupação com o destino de Marina. Será que ela realmente estava feliz?

As cartas da sua filha pareciam persuadi-lo disto, mas uma voz interna sussurrava-lhe que faltava sinceridade nelas; pois Marina escrevia muito sobre seus vizinhos e a sociedade que ela freqüentava, mas muito pouco sobre sua vida familiar e especialmente sobre seu marido.

O outono estava incrivelmente sereno e quente, por isso a família dos Adaurov decidiu ficar na casa de verão até meados de setembro.

Um dia Pavel Sergueevitch encontrou um telegrama de Zemovetski sobre a sua mesa o qual informava o desaparecimento de Marina.

Esta triste notícia aturdiu Pavel Sergueevitch; mas mal ele se refez um pouco, decidiu ir ao Tcharna para poder pessoalmente, no lugar, investigar este acontecimento misterioso. Tinha que se apressar não somente para obter notícias sobre o destino da filha, mas também resolver este problema até o parto da sua esposa.

Juliana passeava diariamente depois de tomar café e gostava muito de sair com o carro que seu marido lhe tinha presenteado. Naquele dia ela levou junto consigo a sua velha tia, que fora convidada para passar uma temporada na sua casa, para que Juliana não ficasse sozinha enquanto o marido estava na cidade.

As damas já voltavam para casa, quando de repente numa curva, o motorista percebeu outro automóvel que corria impetuosamente ao seu encontro. Assustado com a possível colisão, ele virou a direção bruscamente para passar para o outro lado da estrada, mas nesse instante o carro deu de encontro com alguma coisa, virou e jogou para fora os seus passageiros.

Jogada do automóvel, Juliana bateu no tronco de uma árvore, depois rolou para uma vala, onde ficou caída sem sentidos; a sua tia feriu a cabeça e o motorista torceu a perna.

Levada para casa, Juliana permaneceu inconsciente. O médico achou o seu estado grave e mandou chamar de volta da cidade Pavel Sergueevitch.

Juliana deu à luz um menino morto e o médico disse que ela não ia sobreviver até a noite por causa da forte comoção.

Ardendo de febre, Juliana agitava-se com inquietação na cama, freqüen-

temente caindo em delírio. Parecia que um pensamento calava fundo na cabeça da agonizante, porque cada vez mais persistentes ouviam-se as palavras:

– Pequei... eu pequei!... Deus me castigou!...

Já eram cerca de nove horas da noite, quando Pavel Sergueevitch voltou para a sua casa de verão, cansado de andar atarefado na cidade e atormentado com o medo por Marina, mas o aspecto desolado da criadagem e uma evidente desordem, que reinava na casa, deixaram-no perplexo.

O criado a quem ele tinha indagado balbuciou algo incompreensível, porém a velha Avdotia, que o esperava, entrou no seu escritório e contou-lhe o que tinha acontecido.

No primeiro instante Pavel Sergueevitch pensou que enlouqueceria. Toda a sua vida parecia neste maldito dia, que privava-o da sua filha, da esposa e do filho, ardentemente desejado. Com um esforço enorme procurou dominar-se e concentrar-se; um frio tremor percorreu o seu corpo e os dentes batiam nervosamente.

– Ela está viva? – perguntou ele com uma voz surda. – Sim, senhor, porém o médico na saída disse que é pouco provável que ela sobreviva até amanhã de manhã. Agora a senhora está quase sempre delirando, mas quando volta a si, exige o confessor dela. Grigori há tempo que saiu para a cidade para buscá-lo e nós o esperamos de volta a cada trem.

Adaurov sentou-se, apoiou-se com os cotovelos na mesa e apertou a cabeça com as mãos. Depois ele mandou trazer água e, depois de tomar um copo, foi sem fazer barulho para o dormitório.

Lá tudo estava em silêncio e nesse silêncio sinistro ouvia-se somente a respiração difícil e ofegante da doente. Pavel Sergueevitch indicou com a mão

para a criada de quarto, lá sentada, que saísse do dormitório, e abaixou-se sobre a esposa que mal podia ver na penumbra.

Juliana estava deitada com os olhos fechados e respirava com dificuldade; as suas mãos vagueavam com inquietação sobre o cobertor. Pavel Sergueevitch pegou a mão da sua esposa e ajoelhou-se ao lado da cama. Ele não podia falar e somente lágrimas amargas derramavam dos seus olhos...

Ao sentir o toque do marido, Juliana estremeceu e abriu os olhos inflamados. Ela olhou atentamente para o marido, mas não o reconheceu e sob a influência da idéia fixa, que a dominava, ela tomou o marido ajoelhado na cabeceira pelo confessor que esperava.

– Padre Vetold – sussurrava ela com voz entrecortada. – Como o nosso bispo estava certo e o senhor também que Deus ia me castigar porque me casei com um herege moscovita, inimigo da nossa pátria e Igreja. Eu nunca o amei, mas o que me tentou foi a sua riqueza e posição social... Reze por mim, padre, e me absolva para que eu não morra repudiada... Eu jurei para meu marido pela salvação da minha alma que seria fiel a ele, no entanto o bebê não é dele...

Ela falava cada vez mais rápido e sem nexos e de repente exclamou de maneira selvagem:

– Estou em fogo... estou em fogo... Rápido me absolva! Jesus, Maria, tenham piedade de mim!...

Pavel Sergueevitch ficou petrificado, mal compreendendo o seu balbúcio que desvendou perante ele toda a baixeza espiritual dessa mulher, que pagou com ingratidão pérfida, a ele que a tirou da família pobre e numerosa e rodeou-a de amor, cuidados e luxo.

Juliana continuava a balbuciar algo, mas Pavel Sergueevitch não mais escutava. Parecia que ante ele descia uma cortina preta e ele ruiu sem sentidos no tapete. Nesse instante a porta se abriu e na entrada apareceu o padre que veio da cidade.

Somente algumas horas depois Pavel Sergueevitch voltou a si do desmaio. Toda em lágrimas, Avdotia que cuidava dele deu-lhe um copo de vinho e em seguida informou com voz insegura que a senhora falecera.

– Morreu, maldita, a desonra e a desgraça da minha vida – ao cerrar os punhos, disse furiosa e dolorosamente Pavel Sergueevitch. – Ela roubou tudo que eu tinha. Ela é a causa da desgraça de Marina!...

Ao ver o espanto e o horror no rosto da velha, ele contou resumidamente sobre o desaparecimento de Marina.

– Ah, estes malditos mataram o nosso anjo! Ela não se poupou para livrar o senhor da desgraça – falava Avdotia, soltando revelações, e começou a contar para Adaurov surpreendido os detalhes do casamento de Marina.

Não é possível descrever o que sentiu Pavel Sergueevitch naquele momento. Marina inspirava-lhe admiração e, apesar da preocupação pelo seu destino, a afeição pura e sagrada da filha, a qual fora induzida a se sacrificar por causa dele, acalmava a alma dolorosa de Pavel Sergueevitch.

– Eu encontrarei você, querida, em todo o caso vingarei o miserável que ousou tocá-la com a sua mão suja – sombriamente e com decisão murmurou ele baixinho.

O amor que Juliana inspirava-lhe não mais existia. Agora ele pensava somente com repugnância naquela mulher maliciosa e depravada, que não tinha achado para ele outra expressão senão "herege moscovita", mesmo

quando estava à beira da morte! Que tipo de cristã foi ela, que vagueava por todas as missas, sempre balbuciando as preces, ficava horas ajoelhada perante imagens e comungava mensalmente e ao mesmo tempo sacrificava a enteadada por causa do seu egoísmo e, quanto a ele, toda a vida enganara-o descaradamente !

Pavel Sergueevitch riu bruscamente e com amargura. Entretanto quem sabe? Pode ser que a ligação com Zemovetski não fosse a única! A senhora, tão experiente "em amores", poderia ter várias vezes se divertido às custas do marido.

Esta reflexão repentina sugeriu a idéia de dar uma olhada na correspondência da esposa; ele mandou que Avdotia lhe desse as chaves da falecida e abriu a sua escrivaninha.

Verificou-se que Juliana mantinha uma correspondência viva com seus parentes, com numerosos amigos e amigas; a gaveta estava cheia de cartas antigas. Entretanto, Pavel Sergueevitch não encontrou nada que pudesse confirmar as suas suspeitas, mas numa pequena pasta ele achou algumas cartas carimbadas com "Tcharna". Três delas eram de Stanislav, mas Adarov desdenhosamente atirou-as fora sem ler; em compensação uma carta, escrita com letra grande e negrita da condessa Yadviga, atraiu a atenção com algumas palavras que por acaso deram na vista. Ele desdobrou a carta e começou a ler, mas à medida que percorria as linhas, o seu rosto corava de indignação.

A mensagem da condessa fora escrita há cerca de dois meses e continha um sermão severo. Ela acusava Juliana pela ligação com um parente tão próximo como Stanislav, mais ainda pela sua intenção criminosa de casá-lo com uma herege e ainda mais cuja mãe fora amante do conde em Mônaco.

"Eu apresentarei queixa para o arcebispo contra o seu confessor que não proibiu você de uma tal torpeza. Parece que em companhia de tal marido ímpio você esqueceu que contribui para um pecado duas vezes mais terrível por causa da religião asquerosa da Marina! O que aconteceu que você não ficou com medo de arriscar a salvação da alma de Stanislav, abusando da levianidade e do impulso de cavalheiro dele para salvar a própria pele? E ainda diz que gosta dele!..."

Pavel Sergueevitch pensava que ia sufocar de raiva. Em que corja de canalhas caíra sua pobre Marina!...

De manhã chegou o general Kuriatin e Adaurov contou para o seu velho amigo toda a verdade.

— Como você vê, a minha desconfiança tinha razão de ser — acrescentou ele com um tom triste. — Dispense um favor para mim, assuma a responsabilidade do enterro e apresse-o o quanto puder. Não sou capaz de fazer nada por causa da preocupação; entretanto, partir antes do enterro significaria dar motivo para mexericos, enquanto estou ansioso para viajar para Tcharna o mais rápido possível.

Tudo ficou arranjado como quis Pavel Sergueevitch. Alegando tempo quente e decomposição rápida do corpo, ninguém se surpreendeu que apressassem o enterro; e como já corriam rumores sobre o desmaio de Adaurov, enquanto o seu aspecto envelhecido e as faces cavadas confirmavam totalmente o seu profundo pesar e o seu estado enfermiço, ninguém se surpreendeu que o general não participasse de todas as missas de réquiem.

À noite, depois do enterro, Pavel Sergueevitch finalmente partiu para Tcharna.

A desordem e a tensão reinavam no castelo. O desaparecimento incompreensível da jovem condessa desalentava a todos. A condessa Yadviga inspirava a compaixão de todos: ela fazia ar que estava muito aflita, celebrava as missas e distribuía esmolas para que Deus ajudasse a revelar a verdade.

Uma única pessoa, Stanislav, não foi enganado com os requebros dela. Alimentando a raiva no seu coração, ele prestava atenção nela e observava e, embora ainda não conseguisse qualquer tipo de provas, captou um olhar maldoso e de escárnio que ela lançou sobre ele às escondidas e que transformou a sua suspeita em convicção de que ela era a autora do crime.

O estado espiritual do conde era horrível. O sentimento misto de amor e de amor-próprio ofendido inspirados por Marina transformou-se, em vista de a ter perdido, em paixão que o absorveu completamente. A preocupação por Marina e o medo de que a má condessa fanática – que era tal qual qualquer inquisidor medieval – pudesse torturar a sua vítima inocente causava-lhe arrepios. Neste desacordo espiritual, sem saber o que empreender para desmascarar a velha pecadora e ao mesmo tempo não infamar o seu nome antigo, Stanislav lembrou do seu primo Reimar. Mesmo que ele sentisse certa antipatia pelo barão, admitia que Reimar era uma pessoa séria e resoluta e que ele poderia dar-lhe um bom conselho. Fora disso, ele também era neto da condessa Yadviga e junto com a tia Emilia no passado interessava-se por Marina. Ele decidiu escrever para Reimar e, ao contar os detalhes do desaparecimento da esposa, pedir-lhe muito o mais rápido possível vir para ajudar com um conselho e a sua participação em busca de Marina.

Anoitecia quando Stanislav acabava de voltar de uma viagem infrutífera com um policial que o acompanhava. O rastro que parecia ter sido dado, des-

ta vez também verificou-se falso. Extenuado o conde estava desesperado e deixou-se cair no sofá do seu escritório; neste instante o criado informou a chegada do general Adaurov.

Já antes Stanislav estava admirado que Pavel Sergueevitch havia tempo não desse sinal de si e agora a chegada do general alegrou-o muito. Ele levantou-se e foi ao encontro do general, mas parou de chofre, surpreendido com aquela mudança que tinha acontecido com ele. Aparentemente Adaurov estava mais velho uns vinte anos e, no olhar com que ele mediu o conde liam-se ódio e desprezo.

– Conde, eu desejaria conversar com o senhor a sós. Tenho para o senhor notícias importantes, também preciso discutir com o senhor algumas questões – disse Pavel Sergueevitch com uma voz severa como se não visse a mão estendida a ele.

O rosto pálido e cansado de Stanislav corou.

– Estou à disposição do senhor – respondeu ele friamente, ao abrir a porta de par em par do seu escritório.

Pavel Sergueevitch recusou o convite tácito para sentar, meneando a cabeça, e perguntou secamente se tinham notícias sobre a sua filha. Quando Zemovetski respondeu "não", ele notou:

– Resta-me tomar as próprias providências para achar a minha filha e não privá-la pelo menos de um enterro cristão. Sobre isso conversaremos depois, agora antes de tudo devo anunciar a morte da sua prima e do seu filho ilegítimo, que ela me pretendia dar...

Ao ver que o outro ficou pálido e horrorizado afastou-se, Pavel Sergueevitch pôs-se a rir secamente.

– Acalme-se, conde, eu não mato ninguém às escondidas. Simplesmente o acidente de automóvel cortou a vida "virtuosa" de Juliana Adamovna. Antes de morrer, delirando, ela me tomou por seu confessor e confessou para mim suas aventuras amorosas com o senhor e o modo que ela inventou para cobri-las. Então atacaremos o principal: o ajustamento de contas entre nós, pois o resto dos personagens deste drama, que é a criminosa e a sua vítima, já morreram. O senhor, conde, deleitava-se apaixonando-se por ambas minhas esposas. O direito à primeira eu já não tinha mais, mas quanto à segunda, o fato de serem parentes deveria tê-la preservado, este é o primeiro, e o segundo direito é que a sua honestidade deveria deter o senhor para não pagar com desonra àquele que o recebia com honestidade e confiança na sua casa. Será que o senhor não segue tais "preconceitos obsoletos"? Pode ser. Mas como o senhor se verificou tão infame que aceitou o auto-sacrifício desta moça ingênua que pelo amor filial esperava com isso defender a minha falsa felicidade? E o senhor pegou com sangue frio em suas mãos sujas a pobre Marina para disfarçar assim a chamada "honra" de uma mulher ignóbil que foi castigada por Deus? Será que a sua consciência não se sobressaltou quando o senhor se casava criminosamente com a filha da antiga amante? O senhor é um miserável no sentido pleno da palavra, que não vale nem a bala de uma pessoa honesta, mas mesmo assim eu o desafio para um duelo, porque um de nós é demais neste mundo. Eu envelheci durante estes dias quando perdi tudo que era caro para mim; mas Deus me dará forças para castigá-lo. Aí está tudo o que eu queria dizer para o senhor.

Stanislav estava em pé e escutava sem nada dizer. Tudo nele tremia e fervia de ofensas, atiradas na cara, mas aparentemente ele estava tranqüilo.

– Estou a disposição do senhor, general, tenha a bondade de estabelecer as condições do duelo. O senhor deseja testemunhas?

– Deus será a nossa testemunha, já há bastante escândalo sem elas. Eu me hospedei na casa do padre Andrei da igreja ortodoxa e esperarei o senhor lá às seis da manhã em ponto, no que se refere ao lugar, a escolha será sua.

– Ótimo, serei pontual. Entretanto, permita-me dizer para o senhor que não quero negar a minha culpa, mas o senhor não tem direito de me julgar. Lembre-se, o seu divórcio foi provocado por desrespeito semelhante ao lar familiar. Agora permita-me acompanhá-lo até à porta.

Pavel Sergueevitch ficou pálido, mas não disse nenhuma palavra e eles se despediram em silêncio.

Ao voltar para o escritório, Stanislav sentou-se, apoiou-se com os cotovelos na mesa e abaixou a cabeça nas mãos. Ele queria juntar as idéias e acalmar-se.

O conde não era medroso, o duelo e mesmo a morte não o amedrontavam, mas um tal encadeamento dos acontecimentos trágicos e a perturbação provocada pela última conversa definitivamente transtornavam a sua alma, abalada pelo desaparecimento de Marina.

"Juliana morreu – pensava ele, – Marina também pode ser que não esteja viva... Que estranha coincidência infeliz: naquele momento, em que desaparecia a inocente que tinha se sacrificado para encobrir o pecado deles e que lhes servira de escudo contra a maldade humana, a verdade vinha à tona, desvendada pela própria culpada... Será que realmente existe a justiça do céu – implacável, que desdenha os cálculos humanos e que castiga os pecadores naquele momento quando eles menos esperam a punição? Aliás, será que o

destino não se divertia às custas dele próprio? A sua louca e insaciável corrida em busca de prazeres o levou ao casamento com uma mulher que ele não amava, mas que como por troça escravizou-o a tal ponto que a vida sem ela parecia-lhe sem sentido e trivial. Agora, mesmo que Marina estivesse viva e fosse encontrada, estaria perdida para ele para sempre: o duelo com Adarov, se ele o matasse, abriria entre ele e Marina um abismo intransponível"...

Um suspiro pesado escapou de Stanislav, então podia ser que pela primeira vez ele se sentisse dominado pelo asco da vida...

Durante algum tempo ele ainda ficou sentado meditando, depois, de repente levantou-se e acendeu as luzes que iluminavam o quadro "A centelha errante", já fazia tempo transferido para o seu escritório.

Carregando o sobrolho, por muito tempo encantou-se com a imagem de Marina, depois aproximou-se da escrivaninha, abriu as gavetas e parcialmente rasgou, parcialmente pôs em ordem todos os papéis. Em seguida sentou-se e começou a escrever.

Eram cerca de seis e meia da manhã, quando a senhora Camila entrou voando no dormitório da condessa, com os olhos arregalados de horror e vestida somente de saia e blusa para dormir. Ela lançou-se para a cama e agarrou a adormecida pela mão.

Zemovetskaia ergueu-se de um salto, ao ver o susto da sua comensal, perguntou ansiosa o que tinha acontecido.

– O jovem conde... o senhor Stanislav... aconteceu uma desgraça – às pressas, mal inteligível balbuciava Camila, tremendo como se tivesse febre.

O gordo rosto avermelhado de Zemovetskaia ficou branco.

– Ajude-me a me vestir e diga claramente o que aconteceu – disse ela e

agilmente saltou da cama.

Calçando a condessa, passando para ela as saias e o roupão, Camila contava que na véspera o conde tinha dado ordens para o criado para que ele o acordasse às cinco da manhã e advertisse o cocheiro de que até cinco e trinta a carruagem deveria estar preparada. Na hora marcada Franeque chegou para acordar o senhor, mas vendo que ele não estava no quarto e o seu escritório estava iluminado, deu uma olhada lá: o conde estava sentado, com a cabeça atirada para trás numa poltrona na frente da escrivaninha na qual a lâmpada estava acesa. Pensando que ele simplesmente cochilasse, não quis perturbá-lo, mas quando a carruagem já estava na porta, Franeque foi anunciar isso para o conde e encontrou-o na mesma posição. Ao aproximar-se mais, ele notou horrorizado um revólver atirado ao lado da poltrona, no tapete, e o sangue na camisa do conde.

Ao ouvir esta notícia, a condessa começou a tremer e apressou-se aos aposentos do neto; mas no caminho ela cambaleou duas vezes, como se estivesse tonta.

No escritório ao redor da poltrona em que estava deitado Stanislav, aglomeravam-se criados com rostos pálidos e desconcertados; as pessoas assustadas deram passagem e foram embora quando entrou a condessa. Ela se aproximava a passos inseguros, segurando-se em Camila, e apoiou-se na escrivaninha. Olhava com pavor o rosto imóvel do conde que também estava com os olhos vidrados e arregalados, fitos nela; o colete foi desabotoado e umas gotas de sangue viam-se na camisa. Neste instante entrou o padre Ksaveri.

Ao inclinar-se a Stanislav, ele tomou o pulso, pôs a mão no peito e endi-

reitou-se.

– Acho que o conde faleceu – disse ele surdamente.

O corpo está frio e o coração não bate...

A condessa fechou os olhos, depois, de repente, ela deu um passo para frente e o seu rosto cobriu-se com as manchas rubras. Agitando as mãos, ela deu mais alguns passos e caiu desmaiada no chão. Foi levantada e colocada na cama, o cavalheiro foi buscar o médico.

Os rumores sobre o que aconteceu no castelo rapidamente percorreram os arredores e cerca de meio-dia chegaram até a casa onde se instalou Pavel Sergueevitch, que toda a manhã, preocupado e indignado, tinha esperado por Stanislav. A notícia sobre o suicídio do conde surpreendeu-o profundamente e o fez refletir; mas pensando bem ele achou melhor ir ao castelo e pessoalmente informar-se dos detalhes.

Ao decidir firmemente não partir antes que esclarecesse de maneira definitiva o que tinha acontecido com Marina, Pavel Sergueevitch queria saber como e de quem poderia receber permissão para revistar o castelo no caso de que a doença da condessa demorasse. Dirigir-se às autoridades ele não queria devido à morte do conde. Todavia, para os olhos da sociedade o falecido fora seu genro e foi penoso para ele aumentar o escândalo familiar.

Toda desolada, Camila lhe disse, derramando lágrimas, que segundo as palavras do médico, o conde dera um tiro diretamente no coração e a sua morte fora instantânea, mas que a condessa também estava num estado quase desesperador: ela tivera um ataque apoplético e depois do desmaio a metade do seu corpo ficara paralisada. Depois ela acrescentou que recebeu o despacho no nome do conde Stanislav, que ela se permitiu abrir. O despacho era do

barão Farnrode que tinha telegrafado avisando que chegaria no trem da noite, pedindo que mandassem uma carruagem para ele.

– Pois ele é o segundo neto da condessa e, portanto, o herdeiro do conde?

– Sim, ele mesmo – respondeu Camila, carregando o cenho.

– Eu conheço o barão e o visitarei à noite – disse Adaurov.

A carta de Stanislav deixou Reimar como que fulminado. Ele não queria acreditar que Marina pudesse sumir na própria casa, cercada de uma quantidade enorme de criados, e além disso de tal jeito que ninguém ouvira e nem sabia nada. Algumas alusões na carta provocaram nele a mesma suspeita que torturava também o conde, que a sua avó estava ligada a este desaparecimento misterioso. Ao pensar nisso, um suor frio cobriu a sua testa.

"Meu Deus! Como o destino o castigava cruelmente pelo seu egoísmo de então e prudência inoportuna. Ele tinha receio da felicidade que o destino lhe mandava, agora o desaparecimento da mulher amada destruía a última esperança de ficar com ela quando o divórcio a libertasse do cativeiro." De repente uma raiva incrível veio suceder ao seu desespero.

"Sim, ele desmascararia toda esta torpeza, mesmo que se visse obrigado a colocar nas galés a velha coroca".

Ele pegou o indicador das ferrovias, achou o trem de que precisava e em seguida foi voando para o quarto da sua tia e contou a ela o que tinha acontecido.

Emilia Karlovna ficou aturdida com a notícia, mas conseguiu convencê-lo a levá-la consigo.

– Aqui eu me extenuarei de preocupação. Se quiser eu posso me alojar

não no castelo, mas sim na casa de alguém na aldeia; mas pelo menos saberei o que lá acontece. Tenho muita pena da pobre Marina — acrescentou ela com lágrimas nos olhos.

O barão pensou por um minuto.

— Está bem, tia, se der tempo para você juntar as coisas dentro de uma hora, nós partimos juntos. Pode ser que Deus inspire você e a sua perspicácia feminina discirna as pistas onde nós estejamos cegos. Vamos diretamente para o castelo, senão Stanislav poderá se ressentir se você não se hospedar na casa dele.

Na estação de trem, depois de sentar-se na carruagem enviada de Tcharna, o barão soube da notícia inesperada e triste sobre o suicídio do seu primo e a situação desenganada da sua avó. Os nervos de Emilia Karlovna não suportaram e ela chorou todo o caminho. O barão e a tia chegaram ao castelo, num estado de espírito penoso. Lá foram recebidos humilde e servilmente pela senhora Camila com o rosto inchado de lágrimas.

Ao saber que a avó estava cada vez pior e que ela não reconhecia ninguém, o barão passou para a sala grande onde estava o corpo do conde e o padre Ksaveri acabava de celebrar a primeira missa de réquiem.

Reimar jamais tivera muita amizade com Stanislav, não aprovava a vida dissipada e desregrada dele, mas ao ver o corpo do jovem bonito, afortunado pelo destino, tendo muitos talentos e que percia prematuramente por sua própria culpa, sentiu uma profunda compaixão.

Mais tarde chegou Pavel Sergueevitch e cedeu aos pedidos insistentes do barão para mudar-se para o castelo para juntos irem em busca de Marina.

No dia seguinte a condessa faleceu, sem pronunciar palavra nenhuma.

Antes de anoitecer, na sala estava o segundo catafalco.

Um ambiente pesado e angustioso instalou-se no castelo. Depois do almoço, que ninguém tocou, Emilia Karlovna foi descansar, Pavel Sergueevitch e o barão foram para a pequena sala de visitas para poder fumar e conversar. A conversa, evidentemente, foi sobre o desaparecimento de Marina e as medidas necessárias para achar pelo menos o corpo dela.

– O senhor permita-me, barão, ser totalmente sincero? Sim? Neste caso, quero confessar-lhe que, pela minha profunda convicção, Marina foi vítima de um crime, porque supor um acidente nas condições atuais seria impossível. Somente a sua avó, uma mulher fanática, e pode ser que, este padre com a expressão satânica no seu rosto, sabem a verdade, e para achar o corpo de Marina é necessário revistar todo o castelo. Provavelmente, em prédios tão antigos como este há porões, esconderijos e etc., lá temos que procurar a chave para este enigma.

O barão ouviu-o sem dizer nada e ficou emocionado. – A suspeita que você tem também me atormenta.

Eu sei que minha avó odiava Marina Pavlovna. Desculpe se eu abordar assuntos difíceis para você, mas eu, por minha vez, também desvendarei muita coisa que você desconhece totalmente.

E ele resumidamente contou o acontecido no castelo no dia do casamento, sobre as explicações entre Marina e a condessa Yadviga, o atentado contra a própria vida e o obstáculo levantado entre Stanislav e sua esposa.

Entusiasmado com a narração, o barão sem querer revelou os seus sentimentos, fato que não escapou de Pavel Sergueevitch, que notou com um sorriso triste:

– Eu vejo que o senhor era um amigo fiel da minha pobre Mara.

Reimar ruborizou-se fortemente.

– Fui mais que um amigo, Pavel Sergueevitch, eu amo a sua filha com todas as forças da minha alma. Remorso e pena tardios, por não entender oportunamente que tipo de anjo ela é, são como um peso no coração. Eu fui muito punido pela minha cegueira, mas agora, depois da minha confissão, o senhor deve compreender que encontrarei Marina Pavlovna morta ou viva mesmo que para isso seja necessário destruir todo este velho ninho.

X.

O padre Ksaveri estava no seu quarto e estudava o plano das suas ações futuras. Os últimos acontecimentos não previstos por ele apanharam-no de surpresa. Para dizer a verdade, o suicídio do conde deu-lhe até prazer: um inimigo a menos e além disso, que fora muito perigoso; mas a morte da velha condessa o desconcertou e assustou. O que fazer com a prisioneira? De que maneira visitá-la e levar-lhe comida? Ele compreendeu que o novo dono do castelo, que era protestante, não ia querer manter um padre católico, desnecessário para ele, e que ele teria que se mudar para a paróquia, depois os aposentos da falecida condessa seriam fechados, o que seria o fim para tudo.

Durante um dia e meio, que durou a doença de Zemovetskaia, e até a transferência do corpo da falecida para uma sala grande, todos os aposentos

da condessa estavam cheios da criadagem e por isso visitar o subterrâneo era completamente impossível. A única coisa que ele conseguiu foi roubar a chave da porta oculta.

Evidentemente, ele poderia abandonar Marina à própria sorte: o velho subterrâneo não revelaria o segredo do crime e ninguém ouviria os gritos agônicos da presa.

Mas não era isso que planejava Ksaveri: ele não queria a morte para a sua vítima e, quanto à sua conversão ao catolicismo, para ele era indiferente; uma paixão selvagem consumia-o. Mas como conseguir o seu objetivo?

Abaixando a cabeça nas mãos, carregando o sobrolho e mordendo o lábio, ele pensava intensivamente, de repente o seu rosto começou a irradiar triunfo. Ele lembrou que a condessa falava-lhe sobre um outro caminho do subterrâneo, que levava ao rio perto da pedreira. Mesmo que ela não tivesse lhe mostrado exatamente aquele lugar onde estava a segunda porta, algumas indicações que ele lembrou, sem dúvida, dariam para ele a possibilidade de achar a segunda saída.

"Naquela noite ele desceria para visitar Marina, usando o caminho habitual, e levaria para ela víveres porque ela já havia dois dias não recebia nada. Ao mesmo tempo ele procuraria a segunda saída que depois poderia usar para visitar sua prisioneira quando quisesse, direto da igreja. Ele habituaria Marina à obediência; a velha bruxa não poderia mais deixá-lo constrangido com seu tolo ciúme bestial, quanto à "moscovita", que procure quando quiser... — E ele pôs-se a rir com um riso alegre e satisfeito. — E como ele não se lembrava antes desta circunstância, que lhe permitiria gozar de uma felicidade perfeita, apesar da sua batina, que lhe colocou o selo de um repudiado e fê-lo es-

cravo"?

Ao dar ordens para trazer o jantar para o seu quarto, Ksaveri imperceptivelmente colocou toda a comida na cesta.

Como se fosse uma sombra, dirigia-se pelo corredor e banheiro até o quarto da falecida condessa. Por toda a parte estava silencioso e deserto; os criados cansados provavelmente estavam jantando na sala para criados.

Ksaveri não era medroso, nem supersticioso, mas quando ele atravessou o dormitório da condessa, ele sentiu calafrios e foi dominado pelo pavor.

As altas janelas ogivais foram abertas inteiramente e o raio decorado da lua iluminava com a luz esbranquiçada a cama vazia e o vestido e roupa de baixo que não foram guardados e estavam em desordem jogados na cama. De repente pareceu-lhe que o rosto rubro da falecida levantava-se dos travesseiros, que seus olhos fixos e vidrados olhavam para ele com raiva louca e com ciúmes e que ela o ameaçava com o punho... Ele apanhou o castiçal da penteadeira com a mão trêmula, acendeu e foi correndo para o oratório.

Pobre Marina, dominada pelo medo e desespero, nestes dias era uma verdadeira mártir... Havia duas semanas que durava a sua segregação no subterrâneo com ar úmido e contaminado. Quando pararam de trazer-lhe comida, ela se alimentava com víveres, guardados antes; mas o pior de tudo era quando tinha se apagado a sua lâmpada. Ao perceber que a luz se extinguia, ela levou para o seu leito os restos de vinho e comida e sentou-se com o revólver nas mãos, pronta para se defender se fosse necessário. Parecia que ela fora condenada à morte ou queriam vencê-la com o medo e a fome.

E realmente, quando ela se encontrou no escuro como num túmulo, foi dominada por tal terror e desespero que por pouco não enlouqueceu. Tre-

mendo de excitação nervosa,

Marina sensivelmente prestava atenção ao mínimo barulho; mas lá fora tudo estava em silêncio e ouviam-se somente os chiados dos ratos, que trincavam e brigavam por causa dos restos de comida.

Os seus cabelos punham-se em pé de horror e havia um momento quando ela pensava em aproveitar a arma para acabar com o seu suplício insuportável; porém quando ela abriu o corpete do vestido para tatear o coração, a sua mão tocou a cruz bizantina pendurada no peito e o revólver caiu das suas mãos. O símbolo da expiação parecia fazê-la lembrar que nos momento de desespero deveria procurar a salvação não no suicídio, mas na oração...

Marina começou a rezar como ainda não rezara nenhuma vez na sua vida, pedindo à fonte da misericórdia eterna para libertá-la ou enviar-lhe a morte. E este ímpeto entusiástico não passou infrutífero: uma tranqüilidade incrível desceu na sua alma e sonolência cobriu todo o horror da sua situação.

Ela dormia tão profundamente que não ouviu quando o ferrolho começou a ranger e a porta se abriu. Foi o padre Ksaveri quem entrou no subterrâneo e colocou na mesa uma vela acesa.

Ao aproximar-se da moça adormecida, ele foi tomado de admiração por ela. Apesar da palidez mortal e a expressão de sofrimento no rosto, ela estava maravilhosamente bela. Excitado pela paixão, o padre inclinou-se sobre ela e neste momento viu o revólver na sua mão, ele tirou-o com cuidado e colocou-o no seu bolso.

– Agora, meu bem, você estará mais conciliadora e menos perigosa – resmungou ele.

Entretanto, apesar de toda cautela do padre, o toque da mão úmida e fria

acordou Marina. No primeiro momento ela pensou que provavelmente uma ratazana subira nela e, soltando um grito, levantou-se de um salto, mas quando sentiu que as mãos de alguém a abraçavam e lábios ardentes apertavam-se contra os dela, a consciência voltou imediatamente.

Num instante ela entendeu que estava desarmada e sob o domínio pleno do miserável padre, mas o rosto esquentado do padre provocou nela um sentimento de tal repugnância que as suas forças dobraram. Ela endireitou-se nas mãos, que a seguravam pela cintura, e começou a rechazar desesperadamente.

Entretanto, Ksaveri caiu de joelhos e com voz sufocada sussurrou:

– Não se contraponha, é inútil. Você está sob o meu domínio e nada no mundo poderá atrapalhar que me embriague com a sua beleza. Deixe-me beijar a sua boquinha e divida comigo o meu ardente e fiel amor. Serei o seu escravo e lhe devolverei a liberdade...

Mas Marina não o escutava; ela lutava e defendia-se com tanta força que ele mal poderia retê-la. Nessa luta o seu vestido rasgava-se em pedaços, alfinetes voavam e de repente a corrente dourada quebrou e a cruz, que estava nela, ficou nas mãos da moça. Cerrando fortemente a mão, ela bateu na cabeça do padre com toda a força.

Com o canto agudo da cruz maciça ela acertou a fronte com tanta força que Ksaveri saltou em grito e caiu desmaiado no chão.

Ela olhava para o rosto do inimigo coberto de sangue e para o seu corpo imóvel com uma auto-suficiência maldosa de que cerca de cinco minutos atrás não se consideraria capaz; a doçura da libertação dominou-a.

Mas ela lembrou que teria que fugir enquanto pudesse e enquanto aquele

canalha não voltasse a si. Ela pegou com as mãos trêmulas o castiçal com a vela e lançou-se em direção à saída; a porta estava semi-aberta. Como um raio, ela subiu correndo a escada, atravessou voando o corredor e abriu a porta para o oratório. Aqui ela parou por um instante indecisa.

"Se a condessa a vir, não a deixará passar e vai querer novamente pô-la no cativoiro. Isso não! Agora ela não se entregará nas mãos, mas aturdirá com o castiçal e levantará em pé todos no castelo porque ela sabe onde estão as campainhas elétricas".

Ao apagar com um sopro a vela, ela decididamente abriu a cortina e parou perplexa. O que significavam as janelas abertas, a cama vazia e a desordem no quarto?.. Pois tanto fazia! O caminho estava livre e tinha que aproveitar.

Ela atravessou a sala de visitas e outros quartos da condessa e encontrou-se num corredor largo e iluminado, que através do pequeno refeitório levava até o aposento dela. Neste instante a porta se abriu e um criado levando a louça na bandeja apareceu na entrada. Ao vê-la, ele parou aturdido e a bandeja caiu das suas mãos.

— Jesus, Maria! A falecida condessa! — começou a berrar ele e saiu correndo para trás.

O susto que levou o criado era absolutamente desculpável. Tendo a tez lívida, o cabelo solto e despenteado, o vestido ensangüentado e rasgado, segurando a cruz salvadora nas mãos, Marina poderia assustar qualquer um. Na sala de jantar Pavel Sergueevitch junto com o barão e Emilia Karlovna tomavam chá; mas ao ouvirem o grito desenfreado do criado, acompanhado de retinir da louça quebrada, eles correram para a porta e pararam de chofre.

No corredor, a alguns passos deles, estava Marina ou mais exatamente a sua sombra, porque nesta visão não havia nada de vivo fora os olhos arregalados e ardentes. Mas o "fantasma" estendeu para frente as mãos, deixou cair a cruz e com o grito "papai!" pôs-se em movimento para eles...

Neste mesmo instante Marina começou a cambalear e estava para cair no chão se o barão não a segurasse oportunamente.

Adaurov e Reimar levaram-na para o quarto e colocaram-na no sofá, enquanto Emilia Karlovna, vendo que ela estava seminua, tirou o seu xale e agasalhou Marina. Ao cobrir a moça, ela notou equimoses e vergões que cobriam as suas costas e pescoço.

– Parecem ser marcas de um açoite – horrorizou-se. – Ela estava numa espécie de porão: o seu vestido está impregnado de odor de umidade – notou Reimar.

Só Pavel Sergueevitch não falava nada e, estando de joelhos ao lado do sofá, cobria com beijos as mãos frias e o rosto pálido da sua filha repetindo – Marina, minha querida filha.

Reimar foi o primeiro a voltar da sua surpresa e, depois de mandar chamar o médico, ele próprio trouxe a água e os sais para que Marina inalasse e recobrasse os sentidos.

Depois de muitos esforços ela, finalmente, voltou a si e suas primeiras palavras foram:

– Eu matei o padre... com a cruz que me deu a minha tia do convento. Ele está lá no subterrâneo...

Logo, abraçando-se convulsivamente ao pescoço do pai, ela apertou-se contra ele repetindo:

– Me defenda... tire-me daqui...

Pavel Sergueevitch consolava-a e procurava convencê-la de que no futuro nunca mais se separaria dela e isto em parte acalmou Marina. Ela tomou vinho e leite, mas mesmo assim, estava muito excitada e a cada instante sobressaltava-se, quando começou com voz nervosa a descrever tudo que tinha acontecido com ela.

– Tire-me deste lugar horrível, papai – pedia ela, para que eu nunca mais veja esta terrível mulher, que tanto me fez sofrer. Depois de tudo que aconteceu, Stanislav não terá coragem de continuar a me reter aqui...

– Você está livre, meu bem: seus inimigos estão mortos – respondeu baixinho Adaurov. – Porém o seu sacrifício, infelizmente, foi inútil.

Ele lhe contou em poucas palavras como ele soube a verdade de Juliana e os últimos acontecimentos: o suicídio do conde e o falecimento da condessa.

– Como você vê, querida, para nós todos os dissabores acabaram. Você não me deixará mais, enquanto na sua face foi devolvida para mim pelo menos a metade da minha felicidade. Isto é que vale a pena viver!...

Pavel Sergueevitch carinhosamente estreitou-a ao peito. Marina admirava-se e horrorizava-se ao ouvir o pai, mas estava muito extenuada para poder avaliar bem o sentido dos acontecimentos ocorridos. Emilia Karlovna, que a observava, ficou preocupada ao perceber que os olhos de Marina brilhavam febrilmente, que de quando em vez ela ruborizava e um tremor percorria o seu corpo.

– Por hoje basta de conversas, tem que colocá-la para dormir. Eu mandei preparar o banho, depois ela deve descansar bem.

Apoiando-se no pai e no barão, ela conseguiu chegar ao seu dormitório.

Depois que a colocaram no sofá e o pai saiu, Reimar tomou as suas mãos e apertou-as contra seus lábios.

– Desculpe-me, Marina Pavlovna.

Ele murmurou tão baixo, que ela mal podia ouvir, mas o olhar que acompanhava suas palavras estava cheio de um amor ilimitado e custava a mais ardente declaração. Um sorriso beatífico percorreu o rosto exausto de Marina e através da languidez que a dominou já se desenhava um quadro longínquo do futuro feliz e pacífico.

Marina estava no auge da felicidade quando uma hora mais tarde, após refrescar-se, tomar banho e vestir uma roupa limpa, ela foi para cama e a criada penteou seu cabelo e fez uma trança.

– Como a senhora é boa e como eu a amo – murmurou, abraçando Emilia Karlovna, que cuidadosamente colocava um pequeno travesseiro em baixo da cabeça de Marina. – Fique um pouco mais comigo.

– Eu não a deixarei. Vou dormir aqui mesmo. Veja, me fizeram a cama para dormir aqui no sofá.

Marina deu um suspiro de alívio, mas de repente soergueu-se e agarrou a mão da sua interlocutora.

– Diga-me, será que é um grande pecado sentir a satisfação de pensar que meus perseguidores morreram e não ter pena de Stanislav? Pois ele, apesar de tudo, foi o meu marido e o seu fim foi tão triste.

– Não se preocupe, querida, não se atormente com essas questões. Deus sabe o que faz e não reprovará o seu sentimento natural e perdoável. Se você não quer dormir, então é melhor que pense no futuro e não no passado. Estou firmemente convencida, querida Marina, que será amada e feliz – tranqüili-

zava-a Emilia Karlovna com um sorriso bondoso.

Marina ruborizou e fechou os olhos.

Enquanto isso o barão e Pavel Sergueevitch desceram para o subterrâneo e examinavam com horror a prisão, na qual Marina poderia sofrer por muitos anos e até morrer por inanição, se a Providência não a salvasse.

Com repugnância olharam para o corpo do padre, que estava banhado de sangue; ele ainda respirava e gemia fracamente. O miserável não inspirava, claro, compaixão, mas o barão chamou os criados e depois de proibir severamente que eles contassem sobre o que viam, mandou transferir o padre Ksaveri para um dos quartos do primeiro andar e fazer um curativo.

Depois de discutir a situação, Reimar e o general decidiram poupar a honra de Pavel Sergueevitch e a reputação do barão, pois o crime havia sido cometido pela sua avó, evitando, na medida do possível, tornar pública essa história escandalosa. Além disso, o barão mandou para o bispo com um mensageiro especial uma carta na qual fazia saber sobre a conduta de Ksaveri, deixando para a sua Santidade a tarefa de abafar essa história.

O médico, que tinha chegado de manhã, achou que a saúde de Marina merecia cuidados. A doente acordou em estado febril e de tempos em tempos não reconhecia ninguém; na opinião do médico, uma febre nervosa. O estado do padre Ksaveri era desesperador: o golpe que ele levara na cabeça danificara o seu crânio, provocando um derrame cerebral.

Ele morreu no dia seguinte sem voltar a si.

O enterro de Stanislav e a velha condessa realizaram-se sem barulho e sem qualquer solenidade; a missa funerária foi celebrada pelo cônego que o bispo enviou.

Ksaveri foi enterrado na calada da noite. Depois o mesmo cônego conversou por logo tempo com o vigário e discutiu algo com os criados o que resultou um silêncio geral sobre o que tinha acontecido no castelo; somente os rumores surdos penetraram posteriormente na sociedade.

Chegou uma época difícil e alarmante para o jovem dono do castelo e seus hóspedes. A vida de Marina estava por um fio. Os sofrimentos morais por que ela passou, a excitação nervosa, além das privações físicas no subterrâneo úmido e frio, foram muito duros para sua natureza frágil e delicada. A doença progredia rapidamente, não era possível curá-la e o estado da doente agravava-se dia após dia.

Com dor na alma, Pavel Sergueevitch não se afastava da cama da filha. O barão também observava com ansiedade a evolução da doença, indagava atormentado aos médicos, Adaurov e a tia, que abnegadamente cuidava de Marina. Ele enlouquecia, pensando que naquele momento quando finalmente brilhava a esperança de reconquistar a mulher amada, a morte poderia tirá-la dele.

Durante esses dias e noites difíceis, dividindo preocupação e dor, Adaurov e Reimar ficaram amigos. A afeição pela vítima inocente dos pecados alheios uniu-os e semeou confiança completa um no outro.

Havia três semanas que ocorria esta luta extenuante entre vida e morte e, finalmente, o médico declarou a situação desesperada da doente: se a noite a doença não mudasse de rumo, a jovem não sobreviveria até a manhã do dia seguinte. Pavel Sergueevitch estava tão esgotado, pela opinião do médico, com as noites de vigília e a preocupação constante, que foi preciso receitar um sedativo, mesmo sem que ele soubesse, para que ele pudesse dormir al-

gumas horas para repor as suas forças, de que ia precisar.

O barão serviu o remédio a Adaurov no copo de vinho e este logo dormiu depois do almoço um sono profundo até a manhã. O próprio barão andava como um louco.

A alguns passos dele Marina estava morrendo... Nunca mais seus maravilhosos olhos aveludados lançariam sobre ele aquele olhar limpo, ingênuo e amável, que o escravizara. Nunca mais a sua mãozinha suave corresponderia ao aperto de mão dele e amanhã ele veria somente o seu corpo morto... Esta noção do fim inevitável deixava-o indignado. Não e não! Mesmo que só por uma única vez, ele tinha que vê-la viva...

Ele se dirigiu para a pequena sala de visitas de Marina e decidiu esperar a tia. Emilia Karlovna saiu do quarto para buscar algo e ficou muito surpresa quando encontrou o seu sobrinho. Ao pedido do barão de deixá-lo ver Marina ela quase recusou, mas a dor e a insistência dele a fizeram vacilar.

– Tudo bem, vamos. De qualquer modo ela não vai reconhecer você. A noite inteira ela delirava com Stanislav e com a condessa, agora há algumas horas a sua febre caiu e ela desmaiou. Receio que este seja o fim... – disse ela com lágrimas nos olhos.

Assustado, Reimar abaixou-se com o coração desfalecido sobre a imóvel doente adormecida. Ela parecia uma sombra da antiga Marina, o rosto magro estava branco como os travesseiros, sobre os quais ela estava deitada, as mãos transparentes jaziam sem forças sobre o cobertor.

Reimar quase desfez-se em pranto, mas conteve-se, ainda que uma lágrima ardente corresse pela sua face e caísse na testa da doente. Marina estremeceu e abriu os olhos. O seu olhar estava cansado e apático, mas era pos-

sível perceber que ela recobrava plenamente os sentidos.

– Marina – murmurou o barão, – recupere-se o mais rápido possível! Toda a minha vida eu dedicarei para fazer você feliz e redimir aquele mal que causei por causa do meu egoísmo sem sentido. Você não sabe como a amo.

O seu rosto ficou levemente corado.

– Você me ama, Reimar? As suas palavras me fazem feliz e eu quero muito viver... Mas a vontade de Deus não é essa, eu sinto que estou morrendo. Numa hora dessas eu sem constrangimentos posso confessar que também amo você..:

Ela queria soerguer-se, o barão solevantou-a e, arrebatado pela paixão, beijou-a ardentemente.

Os olhos negros de Marina acenderam-se com uma alegria extasiada; mas a emoção, talvez, foi forte demais porque a sua cabeça atirou-se para trás e seus olhos se fecharam.

Um horror indescritível dominou Reimar e ele começou a sacudir Marina com força, gritando fora de si:

– Não morra!.. Viva!.. Eu quero que fique viva...

Atraída pelo grito dele, veio correndo assustada Emilia Karlovna e com as mãos trêmulas começou a fazer Marina recobrar os sentidos. Empurrou o seu sobrinho para fora do quarto, ignorando seus protestos e descontentamento e, mandou chamar o médico, que passou a noite no castelo, e achou que Marina estava somente desmaiada, mas ficou para observá-la. O desfalecimento pouco a pouco transformou-se num sono profundo, o corpo cobriu-se de perspiração, e de manhã, ao examinar a doente, o velho médico disse

sorrindo:

– Uma forte emoção provocou a salvação e eu acho, senhora, que a nossa doente está fora de perigo. Vou alegrar o general, que deve acordar de um momento para outro.

Cerca de seis semanas depois Pavel Sergueevitch e Marina, Emilia Karlovna e o barão estavam na sala de visitas, ao lado da sala de jantar. Era um dia maravilhoso de outono e através da porta da varanda soprava ar fresco e vivificante.

Depois da crise de salvação, a recuperação de Marina andava devagar, mas continuamente.

Neste dia ela pela primeira vez levantou-se da cama e a sua poltrona foi levada para a sala de visitas. Pavel Sergueevitch colocou a sua mão na do barão. O noivado, evidentemente, mantinha-se às ocultas e o casamento deveria ser realizado somente quando terminasse o luto de um ano, mas isto já não tinha tanta importância pois a felicidade tinha sido conquistada.

Emagrecida e descorada, mas encantadora com o vestido de luto, Marina, pensativa, estava sentada ao lado da mesa; somente às vezes, quando ela encontrava o olhar do seu noivo, seus olhos se acendiam alegremente e na sua face florescia um sorriso feliz.

Ao notar que a sua noiva não estava participando da conversa, o barão inclinou-se para ela.

– Você está triste, Marina – disse ele baixinho. – A visita à sepultura causou este efeito, mas você insistiu tanto em vê-la.

– Eu não estou triste, simplesmente fiquei pensando no passado. Visitar a sepultura era a minha obrigação: o conde suicidou-se para não se bater em

duelo com o meu pai, eu ainda levo o nome dele; ao menos eu devia orar por sua alma no túmulo. E outra coisa, as recordações sobre Stanislav não me assustam: até no escritório dele, onde ele morreu, eu posso orar pela alma dele com o coração leve. Já quanto ao padre Ksaveri, não posso nem pensar nele sem um estremeamento, não irei nunca também ao oratório da condessa.

Ela passou a mão na testa.

– Pode rir, se quiser, mas eu até agora tenho medo do padre Ksaveri. Quando à noite eu penso nele, parece-me que tudo em minha volta estala e o rosto desfigurado e assustador olha para mim de todos os cantos escuros. — E se o seu espírito sofredor realmente for caminhar por aí?

– Minha filha, não se atormente com tais pensamentos. Esse pecador está morto e enterrado e não se atreverá a perturbar os vivos — acalmava-a Emilia Karlovna.

– Eu não aconselharia esse canalha a começar a cortejar você, caso contrário se submeterá a tal encantamento, que ele irá se arrepender — riu alegremente o barão. — A propósito, há tempo que eu tencionava dizer-lhe, Pavel Sergueevitch, que nas minhas mãos caiu o diário do padre Ksaveri, extremamente interessante.

– Onde?... Quando o senhor o encontrou? — perguntaram todos.

– No mesmo dia em que achamos o padre no subterrâneo. Quando o apanharam e levaram embora, na minha cabeça ficou a idéia de vasculhar o seu buraco, na torre, e imagine só, ainda na escada eu encontrei a senhora Camila que parecia ter a mesma intenção; mas eu sem me acanhar mandei aquela besta-fera embora e ela foi, lançando um olhar raivoso sobre mim. Subi, examinei todo o quarto e achei que o seu aposento não se parecia com a

cela de um asceta. Porém parece que o canalha ficava muito emocionado quando partia para suas aventuras, porque por toda a parte havia desordem; ele até esqueceu de tirar a chave da escrivaninha, então eu encontrei este diário num pequeno armário embutido, que trouxe comigo.

De arrumar toda pilha de papéis, com que foi atulhada a sua escrivaninha, eu não tinha tempo, nem vontade, depois tudo isso levou o enviado do bispo. Durante a doença de Marina eu esqueci completamente disso e somente agora, quando me acalmei um pouco, tomei o diário e li. Nele extremamente claro aparece o estado trágico da sua alma e a paixão "demoníaca", que o devorava; mas o mais curioso foi o sonho profético descrito por ele.

– E o que foi que ele sonhou? – indagou Marina.

– É melhor que eu leia esta pane. Uma profecia que é surpreendente na sua exatidão – disse o barão, saindo para buscar o diário.

Pouco depois ele voltou com um caderno volumoso e começou a folhear.

– Este trecho. Este sonho ele teve na noite após ter pela primeira vez visto o quadro "A centelha errante", trazido por Stanislav e previamente guardado na galeria. Para contar a impressão que lhe causou o retrato de Marina, ele escreve:

"Que pesadelo me persegue esta noite. Deus me livre, se isto é uma previsão que sem dúvida me promete a morte. No meu sonho o quadro que me impressionou tanto encheu-se de vida: Na minha frente um pântano e o bosque verdadeiros, eu próprio encantado estava na beira sem tirar os olhos da aparição milagrosa que me atraía irresistivelmente. Compreendia que a morte me ameaçava se pisasse o pântano, o cavaleiro ao meu lado não se mexia; a força que me atraía venceu tudo. Eu me atirei para a água turva e afundei ca-

da vez mais e mais no limo viscoso, mas me aproximava da centelha errante, que pairava sobre mim como uma leve neblina, agitada pelo vento. Finalmente consegui meu objetivo e já queria estreitar ao peito a minha visão encantadora, mas ela desapareceu nas minhas mãos."

"Percebi na minha frente somente a boca do esqueleto, desfigurada pelo risinho maldoso, que caiu numa risada maliciosa.

Nesse instante a cruz que brilhava sobre a cabeça do cavaleiro bateu na minha cabeça com tanta força, que senti como se começassem a crepitar os ossos do meu crânio, e eu afundei no brejo.

O pântano me tragou e eu perdi os sentidos..."

"Acordei coberto de suor frio; sentia uma opressão no peito e o dia inteiro não consegui me livrar desta impressão do terrível pesadelo".

– Não é verdade que o conto é estranho e confirma que a alma humana às vezes consegue prever o porvir? – finalizou o barão e voltando-se para Marina completou, sorrindo:

– Olhe só quantas paixões foram provocadas pela perigosa "centelha errante".

Marina, confusa, escutava-o.

– Deus é minha testemunha de que eu jamais pensei em despertar o interesse desse homem, nem com palavras, nem com olhares; fui convencida de que a batina dele o preservaria da fraqueza vergonhosa. Além disso, eu não sou tão linda para que possa inspirar uma paixão tão ardente e sobretudo num padre. A minha mãe era outra coisa; nela havia este poderio que conquistava os corações dos homens, enquanto eu nada aprendi na escola dela.

– Palavra, às vezes eu penso que o solo do pântano onde eu cresci dei-

xou comigo os miasmas contaminados, que atraem e são nefastos para as naturezas corruptas. Parece que eu realmente sou "uma perigosa flor do pântano", se trago a infelicidade para as pessoas das minhas relações. Por exemplo, aqui pereceram três pessoas por minha causa: o padre Ksaveri, Stanislav e a condessa Yadviga. Você tinha razão, Reimar, que se acautelava.

O barão ruborizou e, pegando as mãos da noiva, beijou-as.

– Como você é má. Será que eu já não fui cruelmente punido por não compreender que no solo do pântano também crescem lírios-d'água? Não, eu não tenho medo de você e confio na nossa felicidade futura. Mas para castigar você, estou disposto a mandar os trechos do diário de Ksaveri com a sua biografia para um dos escritores como o enredo para um romance.

Marina pôs-se a rir.

– É verdade, a minha vida parece um romance. Seria interessante ler a própria descrição da vida.

– E o nome?

– "A flor do pântano", é lógico – rindo alegremente, opinou o barão.